

DAIANE MARTINS DE OLIVEIRA

TUDO: MULTIFUNCIONALIDADE E DEFINITUDE

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-graduação
em Lingüística da Universidade Federal de Santa
Catarina, como um dos requisitos para a obtenção do
título Mestre em Lingüística.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Edair Gorski

FLORIANÓPOLIS
2006

DEDICATÓRIA

*Dedico esta dissertação a Márluce e a Eda,
professoras de verdade!*

AGRADECIMENTOS

A Deus, por *tudo* que tenho: pela vida, pelas paixões, e por todas as conquistas.

A minha família... GRANDE família, por acreditar em mim e pelo incentivo. Cada um contribuiu de alguma forma! A meu pai, pela paciência; à minha mãe, pela força; aos meus irmãos, Etel, Barcelos, Gustavo e Àurea Fernanda, por agüentarem as minhas chatices, em especial, ao Barcelos e a Etel, pelas caronas das madrugadas e por *tudo* mais.

A querida professora Márluce, professora dedicada e competente da graduação na UNESC, a quem devo esta conquista, mais do que a qualquer outra pessoa.

A Eda, minha super-orientadora, super professora, super *tudo*, que com seu sorriso largo e acolhedor me fez acreditar, até naqueles momentos mais difíceis, que esse era um bom trabalho; que sempre me deu mais do que orientação, me deu atenção em todos os momentos nos quais dela precisei, e não foram poucos!

As Professoras Izete e Ana Zilles pelas valiosas contribuições, como componentes da banca examinadora do projeto de pesquisa que antecedeu esta dissertação.

As minhas verdadeiras amigas: a Etel, minha irmã e amiga, a Daiane, minha amiga do coração, a Juliana e a Marcia, minhas parceiras de morada e amigas que, bem de perto participaram da construção desse trabalho, - a todas, pela paciência com que aceitaram minhas faltas, pela amizade incondicional.

A todos os meus amigos, àqueles que conheço há muito tempo e aos que conheci nestes dois últimos anos fora de casa, pelo *suporte festivo*, seja em um simples almoço, seja em festinhas ou em festonas. Valeu, gente!

Ao Lucas, *pela assistência técnico-afetiva para assuntos aleatórios* e pela paciência dos ‘últimos/primeiros’ meses.

Ao pessoal do Varsul, pela acolhida e pelas contribuições prestadas.

A CAPES, pela concessão da bolsa de mestrado.

*Nada do que foi será
De novo do jeito que já foi um dia
Tudo passa
Tudo sempre passará
A vida vem em ondas
Como um mar*

*Num indo e vindo infinito
Tudo que se vê não é
Igual ao que a gente viu há um segundo
Tudo muda o tempo todo no mundo
Não adianta fugir
Nem mentir pra si mesmo agora
Há tanta vida lá fora
Aqui dentro sempre
Como uma onda no mar!
(Lulu Santos e Nelson Motta)*

RESUMO

Esta dissertação trata do item lexical **tudo**, na função de quantificador (Q), sendo norteadada pelos seguintes objetivos: (a) analisar a *multifuncionalidade* de **tudo** na língua falada de Florianópolis; e (b) investigar em que medida o item lexical **tudo** pode conter traços de *definitude*. A orientação teórica adotada é basicamente a do funcionalismo lingüístico givoniano, considerando-se ainda a noção de processos de referenciação e de instabilidade e estabilidade constitutivos da linguagem humana, além da noção semântica de especificidade. A análise é realizada a partir da relação estabelecida entre **tudo** e a entidade à qual está ligado no contexto discursivo. A multifuncionalidade desse item é mapeada hierarquicamente em termos de função > subfunções, identificadas a partir da relação fórica (direta e indireta) instaurada entre **tudo** e a entidade por ele quantificada. As subfunções identificadas para o quantificador são: (Q) super genérico, (Q) dêitico; (Q) imediato; (Q) anafórico; (Q) catafórico; e (Q) anafórico e catafórico – podendo agregar ainda certos tipos como: ampliador, resumitivo, enfatizador de atributos. A definitude, tratada como uma propriedade semântico-discursiva escalar, diz respeito às características da entidade quantificada por **tudo**, cujos traços constituintes envolvem as noções de *referencialidade*, *determinação/delimitação* e *especificidade* do que foi referido – além do *papel do falante* face à entidade quantificada. Propomos uma escala de definitude com seis graus, mostrando que o grau mais alto aproxima-se do conceito tradicional de pronome indefinido, com poucos dados de **tudo** nessa categoria; a maioria das ocorrências analisadas situa-se nos graus intermediários, evidenciando-se que **tudo** apresenta fortes traços de definitude.

Palavras chave: tudo, quantificador, definitude, multifuncional, funcionalismo.

ABSTRACT

This dissertation is about the lexical item ***tudo*** on its quantifier (Q) function and is guided by the following purposes: (a) to analyze the multifunctionality of the item ***tudo*** in the oral language of Florianópolis city and (2) to investigate in what extension the lexical item ***tudo*** might show features of definiteness. Givon's functional linguistic theory is the main conception in this work, besides the notions of reference, instability and stability processes which are constituent of the human language, as well as the semantic notion of specificity. The analysis is accomplished considering the relation between ***tudo*** and the entity it is related to in the discursive context. The multifunctionality of ***tudo*** is hierarchically charted according to its functions and subfunctions that are identified by the forical relation (direct and indirect) set between ***tudo*** and the entity it quantifies. The quantifier subfunctions are the following: (Q) *supergeneric*, (Q) *deictic*, (Q) *immediate*, (Q) *anaphoric*, (Q) *cataphoric*, (Q) *anaphoric and cataphoric* – considering other categories like: *amplifier*, *summarizer*, *emphasizer of attributes*. Definiteness, considered a graded semantic-discursive propriety, concerns some characteristics attributed to the entity quantified by ***tudo***, whose constitutive features involves the notions of referentiality, determination/ delimitation and specificity of what was referred – besides the speaker's role in relation to the quantified entity. It is proposed a definitude scale with six grades showing that the highest level approaches the indefinite pronoun traditional conception, with few data of ***tudo*** in this category; most of occurrences that were analyzed are located in intermediate levels, showing that ***tudo*** presents strong features of definiteness.

KeyWords: '***tudo***', quantifier, multifunctional, definiteness, functionalism.

LISTA FIGURAS

FIGURA 1 - RELAÇÃO DE ‘PARTITIVIDADE’ ENTRE O GRUPO QUANTIFICADO POR TUDO E O GRUPO ‘10 IRMÃOS’ .	118
FIGURA 2 - RELAÇÃO DE IDENTIDADE ENTRE TUDO E A ‘DOIS CACHOS DE BANANA’.	119
FIGURA 3 - RELAÇÃO DE IDENTIDADE ENTRE TUDO E ‘MENINAS’ .	119
FIGURA 4 - RELAÇÃO DE IDENTIDADE ENTRE TUDO E ‘A GENTE=OITO OU NOVE NETOS’ .	120
FIGURA 5 - RELAÇÃO DE IDENTIDADE ENTRE TUDO E ‘AGENTE=UM MOÇO, UMA AMIGA E EU’	120
FIGURA 6 - RELAÇÃO DE IDENTIDADE ENTRE OS ITENS RESUMIDOS E TUDO.	121
FIGURA 7 - FIGURA 7 - RELAÇÃO DE IDENTIDADE/ INCLUSÃO ENTRE TUDO E ESCOLA.	122
FIGURA 8 - RELAÇÃO DE IDENTIDADE/ INCLUSÃO ENTRE JANELA E TUDO.....	123
FIGURA 9 - RELAÇÃO DE IDENTIDADE/INCLUSÃO ENTRE TUDO E ‘POLÍTICO’	124
FIGURA 10 - FIGURA 10 - RELAÇÃO DE IDENTIDADE / INCLUSÃO ENTRE TUDO E ‘MEUS LIVROS’ .	125
FIGURA 11 - RELAÇÃO DE IDENTIDADE/ INCLUSÃO ENTRE TUDO E ‘AS FARDAS’ E ‘O UNIFORME’ .	125
FIGURA 12 - RELAÇÃO DE INCLUSÃO POR NOMEAÇÃO ENTRE TUDO E ‘COISAS QUE AS PESSOAS PODERIAM ESTAR USANDO A OCASIÃO DESCRITA’	126
FIGURA 13 - RELAÇÃO DE INCLUSÃO POR NOMEAÇÃO ENTRE TUDO E ‘A BANDA DELES’	127
FIGURA 14 - RELAÇÃO DE INCLUSÃO POR DESENCADEADOR ENTRE TUDO E A ENTIDADE ‘BENS MATERIAIS’ POR MEIO DO DESENCADEADOR ‘RICOS’ .	128

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - DISTRIBUIÇÃO DA FORMA TUDO NO SN (EXTRAÍDO DE BACK, 1997, p. 6).....	31
TABELA 2 - DISTRIBUIÇÃO DOS INFORMANTES DA AMOSTRA DE FLORIANÓPOLIS (VARSUL)	60
TABELA 3 - OCORRÊNCIAS DO QUANTIFICADOR TUDO EM CADA UMA DAS SUBFUNÇÕES E SEUS RESPECTIVOS TIPOS.	89
TABELA 4 - PERCENTUAIS DE OCORRÊNCIA DAS FORMAS NOS TIPOS DE SUBFUNÇÕES.	93
TABELA 5 - CORRELAÇÕES DAS FORMAS DO QUANTIFICADOR E OS TIPOS DE SUBFUNÇÕES	95
TABELA 6 - FORÇAS DE DEFINITUDE DOS TRAÇOS CONSTITUINTES	130
TABELA 7 - POSSÍVEIS TRAÇOS EM CADA UM DOS GRAUS DE DEFINITUDE	138
TABELA 8 - PERCENTUAIS DE OCORRÊNCIAS DE CADA TRAÇO CONSTITUINTE NOS GRAUS DE DEFINITUDE	142
TABELA 9 - CORRELAÇÃO ENTRE OS CONTEXTOS FÓRICOS E OS GRAUS DE DEFINITUDE.....	145
TABELA 10 - PERCENTUAIS DE OCORRÊNCIA DE CADA TIPO DE SUBFUNÇÃO EM CADA GRAU DE DEFINITUDE	146

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I	
1 APRESENTAÇÃO DO FENÔMENO	14
1.1 CONTEXTUALIZANDO.....	14
1.1.1 <i>TUDO E SUA HISTÓRIA</i>	14
1.1.2 <i>TUDO NAS GRAMÁTICAS NORMATIVAS MODERNAS</i>	17
1.2 PROBLEMATIZANDO.....	19
1.2.1 <i>TUDO NA LÍNGUA FALADA: MULTIFUNCIONALIDADE E (IN)DEFINITUDE?</i>	19
1.3 OBJETIVOS, QUESTÕES E HIPÓTESES	22
1.3.1 <i>Objetivos</i>	22
1.3.2 <i>Questões e hipóteses</i>	23
CAPÍTULO II	
2 REVISÃO DA LITERATURA	27
2.1 PINTO (1996)	28
2.2 BACK (1997)	30
2.3 MONTEIRO (1999)	31
2.4 BACK (2000)	33
2.5 LOUREIRO (1998)	35
2.6 PEREIRA E RODRIGUES (2004)	37
2.7 ALKMIM (2002).....	39
2.8 CASTILHO (1993).....	40
2.9 MOURA NEVES (2000).....	42
CAPÍTULO III	
3 REFERENCIAL TEÓRICO.....	47
3.1 FUNCIONALISMO LINGÜÍSTICO.....	47
3.2 DISCUTINDO: REFERÊNCIA, REFERENCIALIDADE, REFERENCIAÇÃO.....	52
3.2.1 <i>PROCESSOS DE ESTABILIZAÇÃO</i>	56
CAPÍTULO IV	
4 METODOLOGIA	60
4.1 DESCRIÇÃO DA AMOSTRA	60
4.2 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE	61
CAPÍTULO V	
5 O FUNCIONAMENTO DE <i>TUDO</i>	69
5.1 <i>TUDO</i> : QUANTIFICADOR MULTIFUNCIONAL	71
5.1.1 <i>APRESENTANDO AS SUBFUNÇÕES E SEUS TIPOS</i>	74
5.1.2 <i>QUANTIFICANDO O QUANTIFICADOR E DISCUTINDO OS PERCENTUAIS DE OCORRÊNCIA</i>	85

CAPÍTULO VI

6	<i>TUDO INDEFINIDO?</i>	97
6.1	A CAMINHO DA DEFINITUDE.....	98
6.1.1	<i>SOBRE REFERENCIALIDADE</i>	101
6.1.1.1	<i>O STATUS REFERENCIAL DOS NOMINAIS</i>	101
6.1.1.1.1	<i>A REFERENCIALIDADE EM TUDO</i>	108
6.1.2	<i>UMA PROPOSTA PARA A ESPECIFICIDADE: RELAÇÕES DE IDENTIDADE E INCLUSÃO</i> 114	
6.1.2.1	<i>RELAÇÕES DE IDENTIDADE E DE INCLUSÃO NOS USOS DE TUDO</i>	117
6.2	ENFIM A DEFINITUDE.....	129
6.2.1	<i>A DEFINITUDE: ALGUNS NÚMEROS</i>	139
6.2.1.1	<i>OS GRAUS DE DEFINITUDE E OS TRAÇOS CONSTITUINTES</i>	139
6.2.1.2	<i>OUTRAS CORRELAÇÕES COM A DEFINITUDE</i>	145
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	149
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	152

INTRODUÇÃO

Esta dissertação trata do item lexical **tudo**, classificado pelas gramáticas normativas (GNs) como *pronome indefinido*. A análise leva em conta aspectos semântico-discursivos¹ e se dá em duas etapas: (1) o mapeamento das *funções* de **tudo** na língua falada de Florianópolis; e (2) a investigação do caráter menos ou mais *definido* de **tudo** nos diferentes contextos nos quais ocorre.

Estudos lingüísticos mais recentes, como os resenhados no capítulo II, discutem: (a) a variação de **tudo/ todo(s, a, as)**; (b) a gramaticalização de **tudo**, considerando-se algumas funções inovadoras; (c) a “flutuação” do item no sintagma; (d) o **tudo** na fala de índios, negros, escravos e pessoas idosas de área rural; (e) o **tudo** em variedades formais e cultas. Nenhum desses estudos, porém, questiona o caráter ‘indefinido’ do item e os que tratam de sua funcionalidade, o fazem de maneira diferenciada da nossa. Justificamos, pois, a presente pesquisa por apresentarmos uma sistematização na análise da *multifuncionalidade* e, especialmente, por propormos um tratamento escalar para a *definitude* do item **tudo**.

A orientação teórica adotada é a do funcionalismo lingüístico (cf. GIVÓN 1990;1993;1995;2001;2002; NEVES 2001; CUNHA *et al* 2003), cujos pressupostos concebem o sistema lingüístico enquanto estrutura sem dissociá-lo das funções que tem de preencher, ou seja, os fatores externos à estrutura lingüística têm tanta relevância no estudo do processo comunicativo quanto a própria estrutura. O quadro teórico funcionalista fornece suporte para as concepções de língua, linguagem, gramática e discurso que perpassam nosso trabalho. Uma vez que é suporte para estas concepções mais gerais, a teoria funcionalista norteia cada uma das etapas de análise do fenômeno em questão: a multifuncionalidade e a definitude.

Valemo-nos, também, de algumas concepções de referência, referencialidade, referenciação e de processos de instabilidade e estabilidade que constituem a linguagem humana (cf. MONDADA e DUBOIS [1995] 2003; APOTHÉLOZ [1995] 2003; KOCH e MARCUSCHI

¹ Ao longo desta dissertação os termos pragmático e discursivo são usados indistintamente e no caso de haver alguma particularização se chamará a atenção para isso.

1998; MARCUSCHI e KOCH 2002), para embasar nossas discussões acerca: a) dos processos de ligação estabelecida entre *tudo* e a entidade quantificada, sejam essas ligações imediatas, vagas, dêiticas ou fóricas; b) e do status referencial da entidade quantificada, que, como veremos, é um dos traços determinantes de nossa proposta para o tratamento da *definitude* como uma propriedade escalar. O processo de referenciação, na perspectiva desses autores, é uma construção colaborativa de objetos do discurso, convergindo com os pressupostos funcionalistas givonianos acerca da referencialidade.

Em termos teóricos, acionamos, ainda, a proposta de tratamento da *especificidade* (cf. ENÇ 1991), da qual nos interessa extrair, sobretudo, as noções sobre *identidade* e *inclusão*, identificadas, inclusive, entre os quantificadores. Essa proposta vem nos dar suporte para explicar em que medida e de que maneira *tudo* retoma textualmente a entidade quantificada.

No que diz respeito à análise, a *multifuncionalidade* do item *tudo* é descrita a partir da relação que mantém com a entidade² à qual está ligado no contexto discursivo. A função que mais se destaca dentre as ocorrências de *tudo* em nosso *corpus* é a de *quantificação*. Para procedermos à análise, propomos a seguinte definição para *quantificadores*³ (Q): são modificadores que se combinam com entidades, co-textuais ou não, em termos de: a) tamanho do conjunto de indivíduos representados por uma *quantidade numerável*, ou seja, uma pluralidade divisível em partes descontínuas; e b) dimensão da substância que está sendo referida, representada por uma *quantidade mensurável*, ou seja, uma grandeza divisível em partes contínuas, em uma, duas ou mais dimensões. Especificamente o quantificador *tudo* é um modificador em termos da totalidade e/ou intensificação da totalidade do conjunto ou da totalidade e/ou intensificação da dimensão da substância.

² O termo *entidade* é usado, nesta dissertação, com o sentido de objeto construído no discurso; ou seja, algo que é representado textualmente de forma nominal ou inferido pragmaticamente a partir de pistas textuais, ou ainda sem a presença de tais pistas, como é o caso dos (Q) super genéricos que veremos no capítulo IV.

³ Esta definição é uma combinação da definição de Lyons (1977) para quantificadores: “são modificadores que se combinam com os nomes em termos do tamanho do conjunto de indivíduos ou em termos da totalidade da substância que está sendo referida”; e a definição de quantidade de Aristóteles (*apud* Abbagnano, 1998): o que é divisível em partes determinadas ou determináveis. Uma quantidade numerável é uma pluralidade divisível em partes descontínuas. Uma quantidade mensurável é uma grandeza divisível em partes contínuas, em uma, duas ou três dimensões.

A função de quantificação é identificada nos mais diversos contextos, o que dá ao item em questão o status de *quantificador multifuncional*. A multifuncionalidade de **tudo** é mapeada hierarquicamente em termos de funções > subfunções, identificadas a partir da relação fórica (direta e indireta) instaurada entre **tudo** e a entidade por ele quantificada. Tais (sub)funções apresentam um caráter contínuo, o que naturalmente justifica certas sobreposições.

Já a análise da *definitude* centra-se, principalmente, nas características constituintes da entidade quantificada por *tudo*. Partindo da concepção funcionalista de categorias não-discretas, elaboramos uma escala gradativa de *definitude*: [+definido] > [-definido], cujos graus são determinados pela ferramenta metodológica a que chamamos ‘matriz de traços’, de modo que cada grau da escala se caracteriza por ser marcado positivamente em relação a certos traços da referida matriz. Tratamos, então, a definitude como uma propriedade semântico-discursiva escalar, e propomos que seus traços constituintes envolvem as noções de *referencialidade*, *determinação/delimitação* e *especificidade* do que foi referido – além do *papel do falante* face à entidade quantificada [+participante, -participante], fator este identificado por nós empiricamente na observação dos dados e que se mostra atuante na determinação da força referencial da entidade quantificada. A análise de **tudo** em relação à propriedade *definitude* é a parte que consideramos mais inovadora nesta dissertação, especialmente por não termos encontrado uma literatura específica sobre o assunto.

Apresentamos, assim, em linhas gerais, nossa proposta de pesquisa e sua justificativa, bem como o embasamento teórico para a discussão acerca dos vários aspectos que envolvem o fenômeno aqui investigado. Vale salientar que não testamos nenhuma tipologia ou classificação dada a priori, especialmente no que tange à definitude, mas construímos, ao longo da dissertação, a ferramenta analítica de que nos valem para a análise empírica.

Esta dissertação compõe-se de seis capítulos. O primeiro deles é dedicado à *apresentação do fenômeno*, no qual traçamos um pouco da trajetória do item lexical **tudo**, conforme descrição e/ou prescrição de algumas gramáticas históricas e gramáticas normativas modernas, e cotejamos essas descrições/prescrições com alguns dados de fala extraídos de nosso *corpus* para questionar o que se tem postulado para o item.

No segundo capítulo, apresentamos a *revisão da literatura*, uma síntese de todos os estudos sobre o português brasileiro, aos quais tivemos acesso, que tratam do item **tudo** sob as mais diversas perspectivas; e no terceiro capítulo apresentamos o *referencial teórico* utilizado para execução desta pesquisa – ambos já antecipados no início desta Introdução. O quarto capítulo é destinado à metodologia, onde apresentamos a amostra e as variáveis controladas. No quinto capítulo, tratamos do *funcionamento* de **tudo**, mais especificamente da *multifuncionalidade* do quantificador **tudo**. No sexto capítulo, que aborda a *definitude*, organizamos uma escala que identifica a força de determinados traços para cada um dos graus de definitude propostos, e a aplicamos aos dados. Por último apresentamos as *considerações finais*, que resumem os principais resultados obtidos e apontam alguns desdobramentos para a pesquisa.

CAPÍTULO I

1 APRESENTAÇÃO DO FENÔMENO

Nossos principais objetivos neste capítulo são contextualizar historicamente o item lexical *tudo*, desde o latim até sua entrada na língua portuguesa, bem como apresentar a descrição de seu uso pelas gramáticas normativas modernas; problematizar o que se postula sobre o mesmo na literatura pesquisada, face aos dados da língua em uso; e apresentar os objetivos, questões e hipóteses gerais que norteiam esta pesquisa.

A contextualização consiste num breve histórico do item, que parte da forma usada no latim e sua origem na língua portuguesa, de acordo com algumas gramáticas históricas, e se completa com o que se postula em algumas gramáticas tradicionais. Como veremos no segundo capítulo desta dissertação, algumas das funções inovadoras que *tudo* vem desempenhando são resultado do processo de variação entre essa forma e as formas *todo* (*s*, *a*, *as*), por isso fazemos algumas menções a estas formas já na contextualização.

1.1 CONTEXTUALIZANDO...

1.1.1 TUDO E SUA HISTÓRIA

Salientamos, de início, que nossa pesquisa não tem caráter diacrônico e o que apresentamos, brevemente, limita-se à trajetória das formas que antecederam *tudo*, conforme conseguimos traçar a partir da bibliografia histórica consultada. Não encontramos consenso entre os autores acerca da origem de *tudo*. O que encontramos são generalizações sobre *todo* e suas variantes *todos*, *toda*, *todas* e *tudo* (como a forma invariável ou neutra), sem um tratamento específico para esta última forma. Assim, apresentaremos um sucinto histórico de *todo*, (*s*, *a*, *as*) e *tudo* para, posteriormente, tecermos algumas considerações mais específicas sobre o *tudo*.

Conforme a literatura consultada (JÚNIOR, 1959; FARIA, 1975; NUNES, 1989; e SARAIVA, 2000), a forma mais antiga de que se tem notícia e a qual **tudo** e *todo* (*s, a, as*) estariam substituindo na língua em uso é *omnis*, que já no latim falado deu lugar a *totus*. Ou seja, *omnis* foi substituída por *totu* que foi substituída por *todo*/**tudo**. Sabe-se que em algum momento *omnis* e *totu* co-ocorreram, assim como *totu* e *todo*/**tudo**. Alguns autores, no entanto, situam temporalmente a entrada de **tudo** na língua, como veremos logo adiante.

Teríamos, então, a seguinte trajetória para **tudo**:

(1) *omnis/omnia/ omnen*⁴ => *totum/ totu* => *todo* (*s, a, as*)⁵ e **tudo**

Nem todos os autores chegam a citar a forma *omnis*, alguns só remetem a *totu* sem maiores detalhes. Os que apresentam a forma *omnis* são convergentes em afirmar que desta resultam as formas **tudo**, *todo* (*s, a, as*), e que tanto as formas mais antigas quanto as atuais são classificadas como *pronomes indefinidos*, ou seja, “palavras de natureza diversa, às quais se atribui sentido vago e indeterminado” (NUNES, 1989, p. 260).

Alguns exemplos que ilustram os usos de *omnis* são, conforme Saraiva (2000, p. 818):

‘*Omnis ager*’ (*Quint.*).’

‘*Cometter todos os crimes.*’

‘*Iis omnia*⁶ *unus est*’ (*Cíc.*).’

‘**Tudo** depende disto.’

Exemplos que ilustram o uso de *totu*:

‘*Tota nocte*’

Toda noite.

‘*Totum in eo est, ut...*’

Tudo está em que/ o essencial é que

‘*In totum*’

⁴ Encontramos, em algumas obras, formas variantes de *omni* e de *totu*, mas as tratamos de maneira generalizada, sem explicar cada *declinação*, por não ser essencial para este trabalho. Para maiores informações sobre isto, consultar a bibliografia citada nesta seção. Vale registrar, porém, uma outra forma correspondente a **tudo** citada em Faria (1975): “no neutro singular *omne*: **tudo**”. O autor não dá exemplos desse uso.

⁵ As formas *todo*, *todos*, *toda* e *todas* serão citadas neste trabalho de modo mais econômico, da seguinte maneira *todo* (*s, a, as*).

⁶ Essa é uma das formas de *declinação* de *omnis*, traduzida por **tudo** nesse contexto.

Em geral (op. cit. p. 1211).

Os autores registram que *omnis* e *todo* podem ser usados ora como *pronomes*⁷ *substantivos*, ora como *pronomes adjetivos*:

“*Totu* suplantou *omnis*, de sentido idêntico e continua a viver no português como *todo*, quer como adjetivo ou *substantivo*” (NUNES, 1989, p. 261).

“*Totum* – nome usado *substantivamente*, o todo, a totalidade, o essencial, todo (sinônimo de *omnis*) (Cíc. Tim. 22) [...]”

Totus, -a, um, *pronome adjetivo* (todo, inteiro):

‘*Tota res publica*’ (Cíc. Mel. 61)

A república inteira” (FARIA 1975, p. 1015).

Até aqui, vimos o que é consenso entre alguns autores sobre a origem de **tudo**, *todo*, (*s*, *a*, *as*). Como já foi apresentado, a maioria das obras pesquisadas tratam de maneira generalizada as formas estudadas, mas vale registrar alguns aspectos mais específicos acerca de **tudo** e sua origem.

Conforme Nunes (1989, p. 261), até começos do séc. XVI, *todo* valeu por substantivo e como tal invariável, como ainda existe em galego e castelhano, sendo portanto de data relativamente recente a criação do *pronome substantivo* e como tal invariável, **tudo**. No entanto, o autor acrescenta que “ao lado de *todo-a*, tem o galego *toido-a*, a que corresponde no povo do Douro *tuido-a*, [...] provavelmente de *tuido* originou-se o actual **tudo** [...], todavia Ernout crê na existência de *tutus* como divergente de *totus*” (op. cit, p. 261).

Said Ali (1964, p. 118), por sua vez, explica que o vocábulo *todo*, variável em gênero e número, pertence à língua desde os tempos mais remotos, e o invariável **tudo** data da literatura quinhentista e substitui o antigo *todo* empregado no sentido de ‘*toda a coisa*’.

Registramos as possibilidades de trajetórias para os autores citados:

⁷ Nem todos os autores consultados usam as expressões “pronome substantivo” ou “pronome adjetivo”. Adequamos dessa maneira porque todos os autores citados classificam os termos, primeiramente, como pronomes indefinidos e alguns ao longo de seus textos acrescentam as informações “substantivo” e “adjetivo”.

Nunes (1989)⁸: (totus => todo-a => tudo) ou (totus => toido-a/tuido-a => **tudo**);

Said Ali (1964): ((todo = 'toda coisa') => **tudo**);

Ernout⁹: (tutus => **tudo**).

Uma síntese desses percursos, focalizando apenas o **tudo**, é a seguinte:

omnis/omnia/omnen => totum => tudo.

As considerações sobre a história de **tudo** poderão ser retomadas ao longo desta dissertação, por ora, fica o registro do que mais se destaca como base histórica para as discussões sobre o fenômeno.

1.1.2 TUDO NAS GRAMÁTICAS NORMATIVAS MODERNAS

Nas Gramáticas Normativas (GNs), de maneira geral, os itens lexicais **tudo** e *todo*, (*s*, *a*, *as*) ainda são classificados apenas como *pronomes indefinidos*, entendidos como palavras que se aplicam à terceira pessoa gramatical quando esta tem sentido vago, ou exprime quantidade indeterminada (conforme Bechara ([1961] 2003); Cunha (1978); Lima (1979); Cunha e Cintra ([1985] 2001); Sacconi (1990))¹⁰.

Todo (*s*, *a*, *as*) (conforme Cunha e Cintra, ([1985] 2001), p. 230-32), classificado como variável dentre os indefinidos, é usado tanto como pronome substantivo quanto pronome adjetivo, sendo mais comum este último uso. O emprego de artigo depois *todo* (*s*, *a*, *as*) depende da determinação do substantivo ao qual está ligado. *Todo* virá acompanhado de artigo quando indicar a totalidade das partes como em (1) e poderá ou não vir acompanhado quando exprimir totalidade numérica como em (2). Especificamente no plural, o pronome anteposto ou posposto ao substantivo exige o artigo, a menos que haja um determinativo que o exclua, como em (3) e

⁸ Nunes não faz menção a *omnis* ou suas variantes. Não afirmamos que este autor ignore a existência desta forma como antecedente a *totus*, mas como não a cita, manteremos apenas o que ele menciona.

⁹ *Apud* Nunes (1989).

¹⁰ Citamos apenas algumas obras e seus autores como exemplo do que temos nas GNs a respeito dos pronomes *indefinidos* e, especificamente, a respeito de **tudo**.

(4). Anteposto ao artigo indefinido *todo* significa “inteiro”, “completo”, como em (5). Também pode aparecer com “força adverbial” não admitindo, nesse caso, artigo, como em (6).

(1)¹¹ ‘*Toda a praia* é um único grito de ansiedade.’

(2) ‘Falava bem como *todo francês*.’

(3) ‘Conheceu *todos os* salões e *todos os* antros.’

(4) ‘*Todos estes* costumes vão desaparecer.’

(5) ‘...cobriu de ridículo *toda uma* geração...’

(6) ‘*Todo barbeado* de fresco, as cordoveias do pescoço luziam-lhe grossas como calabres’.

Quanto ao pronome **tudo**, Lima (1979, p. 102), a exemplo de outros autores “normativos”, o inclui no grupo dos pronomes que “se empregam isoladamente, desacompanhados de substantivos” e que são referentes a coisas. O autor não apresenta exemplos.

Segundo Bechara ([1961] 2003, p. 199), “**Tudo** – refere-se às coisas consideradas em sua totalidade ou conjunto e, normalmente, se apresenta como termo absoluto, desacompanhado de determinado:

‘Nem **tudo** está perdido’ ”.

Os exemplos para ilustrar as definições mais gerais acerca do pronome **tudo** são apresentados na maioria das gramáticas como em (7), desacompanhados de substantivo e referentes a coisas.

Cunha (1978, p. 193) classifica **tudo** da mesma forma que Lima, Bechara e outros autores, como *pronome indefinido*, “normalmente” *pronome substantivo* (desacompanhado de substantivo), mas tem valor de adjetivo nas combinações **tudo isto**, **tudo aquilo** e semelhantes. O autor acrescenta que **tudo** refere-se normalmente a coisas, mas pode-se aplicar também a pessoas, como no exemplo:

¹¹ Os exemplos deste capítulo não estão numerados conforme os originais. Para facilitar a leitura, (re)numeramos os exemplos.

(08) **Tudo** alegre, cheio de saúde... A propósito, ninguém adoece em Tatipirun, não é verdade? (op.cit, p. 196)

Em Cunha e Cintra ([1985] 2001, p. 367) temos outros tantos exemplos desse tipo extraídos de clássicos da literatura dentre os quais Machado de Assis. Vejamos:

(09) Não se fala noutra coisa, e está **tudo** furioso. (A. de Quental, C, 358)

(10) Fidélis chegou, Tristão e a madrinha chegaram, **tudo** chegou. (Machado de Assis, OC, I, 1069)

(11) Aqui na pensão e na casa da lagoa **tudo** dorme. (J. Cardoso Pires, D, 339)

Sob o título: “*Não erre mais! Mais de 10.000 casos corrigidos, comentados e explicados*”, Sacconi (1990) enumera uma série de usos do que ele chama “língua popular falada”. Segundo este autor, tais usos precisam ser *corrigidos e consertados* e dentre os exemplos encontramos o uso de **tudo**:

(12) “‘As crianças chegaram aqui **tudo** sujas’ - Na língua falada popular há esse vício: dizer **tudo** no lugar de todo; *tuda*, no lugar de toda; *tudas*, no lugar de *todas* etc. *Consertemos*, principalmente se tratando da língua escrita:

Os bichinhos morreram *todos*. (E não: **tudo**)” (op. cit, p. 83).

1.2 PROBLEMATIZANDO...

1.2.1 TUDO NA LÍNGUA FALADA: MULTIFUNCIONALIDADE E (IN)DEFINITUDE?

Observando dados de fala, constatamos que o que as GNs apresentam não dá conta do funcionamento do **tudo**, o que já justifica a importância da pesquisa aqui apresentada. As gramáticas não dão conta, porque contemplam apenas uma parcela minúscula do uso de **tudo**. Vejamos as seguintes ocorrências encontradas em nosso *corpus*:

(13) Eu acho que eu era doente por causa desse negócio de limpeza. *As guria[s]*¹² **tudo**, até as minhas colegas assim sempre, elas, até às vezes, diziam pra mim. (03L0596)¹³

(14) Um dia ele comprou *dois cachos de banana* e fez ela comer **tudo**. (01L0526)

(15) *A baía sul* aqui era **tudo** *mar*, né? (18L0160)

(16) Na hora de sair de manhã era *eu a esposa e os dois filhos*, botava **tudo** dentro do fusquinha, ela ia pra uma universidade, eu ia pra repartição e botava os filhos na escola. (13L1032)

(17) Vou ter que deixar **tudo** aqui, *família, namorado a tia e tudo*. (34L0592)

(18) Os meus pais eram *ricos*, aí vieram pra cá, perderam **tudo**, que quando eu fiquei grande, que eu fui conhecer o ribeirão, o rio vermelho foi depois, agora, de grande. (08L0042)

(19) Ah, toda perda é difícil, né? Toda perda é triste, todo mundo ficou muito triste, né? Depois que ele morreu ficou **tudo** diferente. (13L0635)

(20) Aí *ele foi lá, pra olhar ela*, **tudo**, daí ele disse que era bom nós levarmos ela para o hospital. (03L1215)

Já no primeiro exemplo desta série, temos **tudo** ligado a um nominal e, além disso, tal nominal é referente a pessoas: ‘gurias’ – um tipo de uso recorrente na língua falada, mas apenas citado como exceção por Cunha (1978). Outros exemplos desse uso: em (16), ‘eu, a esposa, e os dois filhos’ e, em (17), ‘família, namorado e a tia’.

Os processos fóricos nos quais **tudo** ocorre também não são descritos pelas gramáticas e, como veremos na análise dos dados, são muito recorrentes. Cunha e Cintra ([1985] 2001) até citam alguns exemplos de fóricos, quando exemplificam o uso de **tudo** referente a pessoas, mas não discutem foricidade. **Tudo** ligado a quantidades mensuráveis também não é citado pelos autores mencionados. O exemplo (15) vem ilustrar esse uso: ‘a baía sul’.

Tudo está ligado a que entidade em (18)? Não temos um nome ao qual **tudo** se liga diretamente, mas podemos inferir algo como ‘carro, casa, fazenda e etc’. Por que isso acontece? As gramáticas o chamariam simplesmente ‘pronome indefinido’, como o fazem em todos os

¹² Os colchetes indicam a falta da marca de plural em algumas ocorrências.

exemplos que apresentam. O **tudo** de (18) é igual ao de (19)? Parece-nos que não, já que neste último não há um grupo de coisas inferíveis para a entidade, o que temos é uma referência muito genérica às ‘coisas da vida’ e nesta ocorrência, sim, temos o que mais se aproxima dos exemplos de ‘pronome indefinido’ das GNs .

Por último, encontramos um caso também interessante: em (20), temos um **tudo** que parece meio ‘desconexo’ na sentença. O que este item está fazendo ali? No decorrer desta dissertação nos aprofundaremos nas explicações acerca de cada uma dessas ocorrências. Por ora, deixamos as questões em aberto.

Além dos aspectos concernentes ao funcionamento de **tudo** face a sua ligação a um elemento textual ou não, algumas particularidades verificadas nos dados incitam nossa curiosidade a respeito da propriedade semântico-discursiva **definitude** – colocando em cheque a natureza dita “indefinida” desse vocábulo. Observem-se os exemplos:

(21) Um dia ele comprou *dois cacho[s] de banana* e fez ela comer **tudo**. (01L0526)

(22) Eram *oito ou nove crianças, eu, meus irmãos e meus primos*, durante as férias, na casa do meu avô [...] brincava de fazer comida no barco [...] *Nós* comía[mos] **tudo** dentro do barco. Entrava todo mundo pra dentro do barco e comia lá dentro, né? (01L0819)

(23) Nós gostávamos de abrir o armário porque ele era muito grande, e era muito alto [...] e um dia quebrou **tudo**, foi *copo, prato* pra tudo quanto era lado. (01L0775-0776)

(24) Olha, eu⁰ escuto⁰ **tudo** que é tipo de música. (33L0444)

(25) Não sei, é meio estranho, mas eu acho que pra *cozinhar* tu tens que estar numa boa, assim, aquela de *cozinhar*, de preparar **tudo** com calma, assim, né? (01L0691)

(26) Foi uma coisa assim que me marcou muito, eu não consigo esquecer, né? e a mãe, toda vida, foi **tudo** pra mim. (03L1046)

Intuitivamente, percebemos algumas diferenças nesses dados, no que se refere à **definitude**, mas o que estaria em jogo aí? De (21) a (25) parece haver uma escala decrescente de **definitude**, de maneira que em (21) temos o maior grau e em (25) o menor. O que poderia

¹³ As informações sobre cada um dos dados estão entre parênteses: ‘(03L0596)’ falante número 03, linha da entrevista número 596.

explicar o fato de as ocorrências parecerem estar numa escala gradativa de *definitude*? Tentamos buscar respostas para essas questões na literatura sobre o assunto.

Apresentaremos as discussões sobre o *funcionamento* e a *definitude* de **tudo**, respectivamente nos capítulos V e VI. Tendo exposto um pouco da história de **tudo** conforme as gramáticas tradicionais, e tendo levantado alguns questionamentos acerca do fenômeno estudado nesta dissertação, passamos à apresentação dos *objetivos*, *questões* e *hipóteses* que norteiam nossa pesquisa, na próxima seção.

1.3 OBJETIVOS, QUESTÕES E HIPÓTESES

1.3.1 Objetivos

Objetivos gerais

- Analisar a multifuncionalidade do quantificador **tudo** em dados de fala de informantes de Florianópolis¹⁴, descrevendo seus contextos de uso.
- Investigar em que medida o item lexical **tudo** pode conter traços de *definitude*, ou seja, em que medida este item pode ser *definido*.

Objetivos específicos

- Realizar uma revisão bibliográfica, para fins comparativos de resultados, a respeito de estudos já desenvolvidos sobre o item **tudo** em diferentes perspectivas teóricas.

¹⁴ Ver capítulo IV sobre a Metodologia.

- Apresentar conceitos e pressupostos teóricos funcionalistas, bem como algumas concepções de referencialidade e referenciação, além da noção de especificidade, estabelecendo o suporte teórico para a dissertação.
- Mapear as diferentes funções de *tudo*, a partir do controle de uma série de variáveis de natureza sintático-semântico-discursiva.
- Propor uma matriz de traços como ferramenta analítica para o tratamento da definitude de *tudo* como uma propriedade semântico-discursiva escalar.

1.3.2 Questões e hipóteses

As questões e hipóteses elencadas a seguir são formuladas a partir da realização de análises preliminares e do quadro teórico funcionalista que dá sustentação à pesquisa.

Questão **a)**: Em que medida o uso oral de *tudo* corresponde à classificação tradicional, segundo a qual (i) é *pronome indefinido*, (ii) vem desacompanhado de substantivo e (iii) se aplica à terceira pessoa gramatical quando esta tem sentido vago ou exprime quantidade indeterminada?

Hipótese **a)**: O uso de *tudo* não corresponde completamente à classificação tradicional. Esse item lexical pode (i) vir acompanhado de substantivo ou não, (ii) ter sentido vago ou não, e ainda (iii) exprimir quantidade indeterminada ou determinada. Portanto, o que a classificação tradicional chama de *pronome indefinido* recobre apenas parte do uso de *tudo*.

Como evidência para essa hipótese, observe-se os seguintes exemplos:

(27) Eu acho que eu era doente por causa desse negócio de limpeza. *As guria[s] tudo*, até as minhas colega[s] assim sempre, elas, até as vezes, diziam pra mim. (03L0596)

(28) São *sete gato[s]*, a minha mãe adora gato, dorme *tudo* com ela. (25L0953)

Questão **b)**: Quais as subfunções desempenhadas pelo quantificador (Q) *tudo* na fala de Florianópolis?

Hipótese **b)**: As subfunções desempenhadas pelo quantificador **tudo** são depreendidas basicamente a partir de seu escopo (estreito e alargado) e de suas relações fóricas (diretas e indiretas), sendo assim identificadas:

- (Q) Imediato;
- (Q) Super Genérico;
- (Q) Dêitico;
- (Q) Anafórico;
- (Q) Catafórico;
- (Q) Anafórico e Catafórico.

Prevemos que a multifuncionalidade de **tudo** se organiza hierarquicamente da seguinte maneira: a *função* de quantificador (Q) recobre *subfunções* (acima descritas) que, por sua vez, podem recobrir outras subfunções, as quais chamaremos de *tipos*, tais como: resumitivo, ampliador, enfatizador de atributos

Prevemos ainda a possibilidade de sobreposição de (sub)funções, particularmente de tipos, dado o caráter contínuo das categorias. A definição e exemplificação de cada subfunção e seus respectivos tipos são feitas no capítulo V.

Questão **c)**: Quais os contextos em que o (Q) **tudo** mais ocorre?

Hipótese **c)**: Há maior recorrência de **tudo** em contextos nos quais a entidade quantificada não

esteja representada no mesmo sintagma. Para a formulação desta hipótese, baseamo-nos no estudo de Pinto (1996) e de Back (1997): a primeira atesta um favorecimento do uso de **tudo** em contextos de *ausência de núcleo no sintagma*; e a segunda atesta tal favorecimento na *posição pós-verbal*¹⁵. Embora a descrição desses fatores (nas referidas obras) não considere questões fóricas, os contextos destes se encaixam no que chamamos ‘fórico’ em nossa análise.

Questão **d)**: A (in)definitude de **tudo** se mostra de forma discreta ou contínua?

¹⁵ A autora analisa somente dados de *sujeito* e descreve como contexto pós-verbal o seguinte: ‘os meninos saíram **tudo**’.

Hipótese **d)**: **Tudo** pode apresentar-se em uma escala de definitude: [+definido], [± definido] e [-definido].

Questão **e)** : Que noções são relevantes para o estabelecimento de uma ‘matriz de traços’ que seja usada como uma ferramenta analítica para o tratamento da definitude de **tudo** como uma propriedade semântico-discursiva escalar?

Hipótese **e)**: Os traços constituintes da definitude envolvem as seguintes noções: *referencialidade, determinação/delimitação de quantidade, tipos de retomada e presença do falante na entidade quantificada*. Essas noções, por sua vez, apresentam um comportamento escalar e podem ser captadas na forma de traços constituintes.

Observe-se os exemplos:

(29) Eu acho que eu era doente por causa desse negócio de limpeza. *As guria[s] tudo*, até as minhas colegas assim sempre, elas, até às vezes, diziam pra mim. (03L0596)

(30) Nós gostávamos de abrir o armário porque ele era muito grande, e era muito alto (...) e um dia quebrou **tudo**, [foi]- foi *copo, prato* pra tudo quanto era lado. (01L0775-0776)

(31) Eram *oito ou nove crianças, eu, meus irmãos e meus primos*, durante as férias, na casa do meu avô (...) brincava de fazer comida no barco (...) *Nós* comia[mos] **tudo** dentro do barco. Entrava todo mundo pra dentro do barco e comia lá dentro, né? (01L0819)

(32) *Nós* comia[mos] **tudo** dentro do barco. Entrava todo mundo pra dentro do barco e comia lá dentro, né? (01L0819)

Em (29), temos um exemplo de um dos traços da noção de referencialidade: o [referencial 1] que se caracteriza, principalmente, por se tratar de uma entidade particularizada no discurso, representada por um SN ‘definido’. Já o exemplo (30) é [referencial 2], por ter uma entidade ‘louças do armário’¹⁶ representada parcialmente no texto por ‘copo, prato’.

O exemplo (29) apresenta-se com o traço [identidade], também da noção de retomada. Este traço é identificada em ocorrências nas quais a entidade é representada por um nome ou a

¹⁶ A entidade ‘louças do armário’ é inferida e denominada por nós para explicar a possibilidade de **tudo** estar quantificando mais coisas, além de prato e copo.

citação de cada um de seus itens e *tudo* retoma a totalidade de tal entidade. O exemplo (30) possui o traço [inclusão por nomeação] da noção de retomada da entidade. Tal traço é identificado em ocorrências nas quais *tudo* retoma a entidade com a presença de apenas alguns de seus itens/constituintes citados.

O exemplo (31) é o que chamamos [expressa c/ n° aproximado], traço da noção de quantidade. A noção papel do falante é exemplificada em (32) com o traço [participante]. Tal traço é identificado em ocorrências nas quais a entidade quantificada, neste caso representada por ‘nós’, inclui o falante em seus itens/componentes.

CAPÍTULO II

2 REVISÃO DA LITERATURA

Neste capítulo, apresentamos um panorama geral de estudos mais recentes, desenvolvidos na área da lingüística, que examinam os usos de *tudo* sob diferentes aspectos e perspectivas teóricas, com o intuito de subsidiar o desenvolvimento de nossa análise.

Os autores aqui resenhados são introduzidos sucintamente a seguir, tendo seus trabalhos detalhados adiante. As pesquisas de Pinto (1996) e de Back (1997) atestam a variação entre *tudo* e *todo*, (*s*, *a*, *as*). Back (1997) trabalha com parte do *corpus* usado em nossa análise, o que quer dizer que a variação foi atestada diretamente em nossos dados. Pinto (1996), embora não analise os mesmos dados, trabalha com um *corpus* estratificado de maneira parecida. Além disso, aborda a questão do estigma que o uso da forma *tudo* pode sofrer em determinados contextos.

Monteiro (1999) trata da gramaticalização e discursivização do item lexical *tudo*, descrevendo funções inovadoras para esse item, algumas das quais se apresentam de maneira semelhante ao que propomos nesta dissertação, especialmente no que diz respeito à relação de foricidade com a entidade à qual se liga no discurso.

Apresentamos ainda: um trabalho que versa sobre a “flutuação” de *tudo* e *todo* (*s*, *a*, *as*) na sentença (Back, 2000); o *tudo* na fala de índios (Loureiro, 1998); o uso de *tudo* em lugar de *todo* (*s*, *a*, *as*), embora o foco não seja tal variação, na fala de negros e escravos (Alkmim, 2002) e na fala de idosos de área rural (Pereira e Rodrigues, 2004); bem como estudos que, analisando variedades de língua consideradas mais cultas ou mais formais, descrevem o funcionamento de *tudo*, sem atestar a variação citada acima (Castilho, 1996) e (Neves, 2000).

Vejamos, a seguir, o detalhamento desses estudos, organizados não cronologicamente mas em função da natureza das amostras e do tipo de enfoque.

2.1 PINTO (1996)

Esse trabalho, desenvolvido sob a perspectiva da Sociolingüística, com base em 976 dados extraídos de 30 entrevistas de informantes adultos da Amostra Censo (UFRJ), estratificados por gênero e escolaridade, tem como objetivos: (i) determinar que fatores condicionam o uso da forma **tudo** em vez de *todo (a) (s)*; (ii) comprovar se há estigma para o uso de **tudo**; e (iii) comprovar se o fenômeno encontra-se em processo de mudança ou em variação estável.

O contexto de variação foi determinado como aquele em que se deveria, segundo as gramáticas tradicionais, usar as formas adjetivas pronominais *todo* (s, a, as) como nos exemplos:

- (1) ¹⁷*Todos os meninos* brincavam na areia.
- (2) Eles eram *todos* pequenos.
- (3) *Todos* se divertiram muito na praia¹⁸.

Foram controlados os seguintes grupos de fatores lingüísticos: *configuração sintagmática do SN* (T¹⁹ anteposto ao núcleo, T posposto ao núcleo, T como núcleo e T adj. adnominal); *características do núcleo do SN* (animacidade; gênero gramatical; pessoa gramatical); *influência das marcas de número do núcleo do SN* (morfológicas; discursivas; semânticas); e *influência das marcas de número verbais*.²⁰ Foram também controlados os fatores sociais: *sexo, idade e escolaridade* do informante.

Alguns dos dados analisados são exemplificados abaixo.

- (4) ‘botou o *peessoal todo* no pátio.’
- (5) ‘os *rapazes* ali da vila vão **tudo** para lá.’

¹⁷ Alguns dos trabalhos apresentados nesta seção contêm exemplos de dados citados a título de ilustração. Manteremos uma numeração seqüencial dos exemplos neste capítulo.

¹⁸ Usos como o de (c), pronome desacompanhado de um referente, somente fizeram parte do *corpus* quando o referente encontrou-se em menção próxima, como no exemplo:

E: A diversão das crianças aqui é pipa?

F: É, é pipa. Ainda agora estão tudo de férias, né? é essa agonia com pipa.

¹⁹ Pronome indefinido em qualquer uma das formas *tudo* ou *todo (a) (s)*.

- (6) ‘estava **tudo** cheia já de anotações (carteira profissional).’
- (7) ‘as meninas **tudo** queimadinhas’
- (8) ‘minhas sobrinhas *todas* estão estudando’
- (9) ‘botei ela **tudo** em pezinho de novo ali’ (motocicleta quebrada e consertada).
- (10) ‘a pessoa se arruma, bota aquelas roupas, *todas* iguais, bastante enfeito.’

Os seguintes grupos de fatores lingüísticos foram considerados estatisticamente relevantes: (a) *configuração sintagmática do SN*, com os seguintes pesos relativos: Adj + T (0,96), T + Adj (0,90), Ø + T + Ø (0,88) e (Det) + N + T + Adj (0,81) – resultado que evidencia, como condicionante para o uso da forma *tudo* (em oposição a *todo(s, a, as)*), a ausência de núcleo substantivo, além da presença de adjetivo tanto anteposto como posposto ao item sob análise; (b) *marcas nominais de número*, cujos fatores mais significativos para o uso de *tudo* são: ‘singular = mais de uma unidade’ (0,94), ‘plural com o núcleo não marcado’ (0,83), ‘singular = matéria’ (0,74), ‘singular = uma unidade’ (0,15); e (c) *marcas verbais de número*, com destaque para: SN coletivo (0,95) e SN plural com verbo marcado (0,19).

Embora nenhum dos grupos de fatores sociais tenha sido selecionado como significativo nas rodadas do Programa VARBRUL, a autora tece algumas considerações interessantes a respeito da hipótese de variação estável, já que homens e mulheres, de diferentes faixas etárias, apresentam um comportamento bastante semelhante (em torno de 25%) quanto ao uso de *tudo*. Já a hipótese de estigmatização da forma **tudo** foi abandonada porque, especialmente, a análise da escolaridade não apresentou respostas relevantes. A autora conclui o trabalho considerando a possibilidade de que sua amostra não tenha sido suficiente para comprovar o estigma que o uso de *tudo* pode sofrer. Os estudos de Back, a seguir, também apontam para o uso de **tudo** com alta frequência, inclusive pelos falantes mais escolarizados.

²⁰ Para um detalhamento dos fatores com exemplos remetemos ao original.

2.2 BACK (1997)

Este artigo trata das diferentes formas de realização do QU: *todo(a) (s) e tudo*. Tais contextos se restringem à frase, como nos exemplos:

- ✓ A forma ‘todo (a)’: Todo governo tem um objetivo.
- ✓ A forma ‘todos (as)’: Nós todos gritando.
- ✓ A forma ‘tudo’: Nós tudo gritando

A análise é feita com dados de fala de Florianópolis extraídos de 8 entrevistas do banco de dados do projeto VARSUL, estratificados por sexo (M e F), escolaridade (primário e colegial) e idade (até 30 anos e mais de 30 anos).

Os grupos de fatores lingüísticos controlados foram²¹: *ordem do quantificador* (pré-verbal, pós-verbal, entre verbos); *tipos de verbo na frase* (verbo que seleciona um argumento externo, verbo que seleciona um argumento interno, verbo que seleciona dois argumentos, verbo que seleciona três argumentos); *traços de definitude*²² do SN (mais definido, menos definido); *traços de especificidade do SN* (específico, genérico); *traços de animacidade do SN*. (animados, conjunto inanimado com elementos humanos, inanimados); *função sintática do SN* (argumento interno, argumento externo); *QU núcleo ou marginal* (núcleo, marginal); *QU adjacente ou não ao núcleo* (sim, não) – procurando-se verificar os contextos de variação entre *tudo* vs. *todo (s, a, as)*.

Computaram-se 82²³ dados, assim distribuídos: 61% para a forma *todos (as)* e 39% para a forma *tudo*. Dois grupos de fatores lingüísticos mostraram-se mais significativos: (a) *o tipo de verbo na frase*, com os seguintes resultados percentuais para *tudo*: verbos que selecionam um argumento externo (50%), verbos que selecionam um argumento interno (47%) e verbos que selecionam dois argumentos (16%); e (b) *a ordem do quantificador*:

²¹ Back organiza os grupos de fatores baseada em algumas constatações de Castilho (1996), obra que será comentada ao final deste capítulo.

²² Para a classificação (mais definido ou menos definido), autora estabelece que as palavras ligadas ao QU no SN são consideradas mais definidas, se forem precedidas por artigo definido, possessivos, demonstrativos ou numerais, ou se forem nomes próprios. Em contrapartida, serão consideradas menos definidas, se forem precedidas por artigo indefinido ou pronome indefinido, se forem nomes contáveis plurais, sem artigos, ou se forem pronomes genéricos.

²³ Expressões como ‘pra tudo quanto é lado’, ‘toda vida’, ‘tudo isso’, ‘todo mundo’, etc. foram excluídas da análise, já que são expressões cristalizadas e, por isso, o quantificador não varia nessas construções.

posição pós-verbal e entre verbos (44%), e posição pré-verbal (13%). Um detalhamento dessa última variável mostra a distribuição contida na tabela a seguir.

POSIÇÃO	PERCENTAGEM
Os meninos saíram <i>tudo</i>	47 %
Os meninos <i>tudo</i> saíram	28 %
Saíram <i>tudo</i> os meninos	19 %
<i>Tudo</i> os meninos saíram ²⁴	00 %

Tabela 1 - Distribuição da forma *tudo* no SN (extraído de BACK, 1997, p. 6)

O número reduzido de dados inviabiliza uma análise mais consistente, especialmente quanto à hipóteses da influência da escolaridade.

2.3 MONTEIRO (1999)

Neste artigo²⁵ a autora analisa o processo de mudança lingüística que caracteriza os usos de *tudo* de acordo com o que chama paradigma de *gramaticalização/discursivização*²⁶. A mudança lingüística é caracterizada aqui pelas diferentes funções que o item parece estar assumindo na língua. As funções exploradas no trabalho são, além de pronome indefinido, pronome definido, substantivo e advérbio.

Foram analisadas 238 ocorrências das quais 172 dados (72,26%) correspondem à função prescrita pelas gramáticas, ou seja, *pronome indefinido* como no exemplo (11). A função *pronome definido*, segundo a autora, configura-se em ocorrências nas quais *tudo* aparece em lugar de *todo* (*s, a, as*), tendo sido computados 34 dados (14,28%) para esta função, conforme exemplos (12) e (13). As ocorrências com dados de *tudo* considerado como

²⁴ Vale ressaltar a não-ocorrência de *tudo* na posição (QU SN V), o que corrobora com o registro de apenas duas ocorrências desse tipo no estudo de Pinto (1996).

²⁵ O corpus analisado foi o guia de estudo *A Linguagem Falada em Fortaleza (LFF)*, banco de dados formado por 18 entrevistas realizadas com informantes da cidade de Fortaleza/CE.

²⁶ Também tratando de *tudo* sob a perspectiva da gramaticalização, temos “Análise sociolingüística de alguns marcadores discursivos” de Macedo e Silva (1996) que merece ser lembrado aqui por tratar das expressões “tudo bem” e “e tudo” dentre vários marcadores discursivos abordados. Não apresentamos este trabalho com mais detalhes, porque o *tudo* aparece apenas mencionado nas expressões citadas.

advérbio são as mais escassas, apenas 4 (1,68%), como no exemplo (14). A função de substantivo ocorre em 28 dados (11,76%), como ilustrado, pela autora, no exemplo (15)²⁷.

(11) **Tudo** que ganha é pra casa.

(12) ...aí fiquei logo nervosa e entrei [...] o que foi menina [...] e as menina[s] **tudo** sem querer me dizer.

(13) ...ah vão, vão o pessoal vem **tudo** [...] vem todo mundo dali...

(14) ...lá é assim num interiorzinho assim, é **tudo** escuro...

(15) ...foi preso, né como mirim e **tudo** mais, né e pegaram e fugiram de lá, e foram arrombar e tal, começaram a fumar maconha, né e **tudo** mais, esse lance todo sabe?

Além das funções exemplificadas, Monteiro tece algumas considerações interessantes acerca do uso fórico de **tudo** associado ao seu caráter *resumitivo*. No exemplo (15) o **tudo** é chamado de *resumitivo anafórico* em relação a “fugir, arrombar e fumar maconha” e *catafórico* em relação a “esse lance todo”. Em nossos dados encontramos esse uso *anafórico* e *catafórico* para um mesmo item. Outro uso de **tudo** comparável ao que encontramos em nossos dados é o que a autora descreve como dêitico, valendo como pronome demonstrativo, cuja menção é acompanhada de um gesto ostensivo, no caso do exemplo (16), relativo ao que se vai comprar.

(16) Vou comprar **tudo**.

Outra consideração diz respeito ao seguinte uso:

(17) Nós chegamos na casa do meu pai para almoçar, passar o domingo e **tudo**, né?

Nesse exemplo **tudo** estaria indicando que há mais alguma coisa a ser dita e, ainda, que o que há para ser dito pode ser inferido pelas pistas já mencionadas no discurso. Em outras palavras: **tudo** refere-se ao campo semântico “almoço em família” e, para o ouvinte processar e entender a informação, precisará acessar seu esquema mental para esse tipo de atividade. Vale destacar que podemos comparar esse uso e as considerações de Monteiro à função a qual denominamos *ampliador*²⁸.

²⁷ A autora não descreve mais detalhadamente cada uma das funções, apenas exemplifica-as.

²⁸ Remetemos o leitor ao capítulo IV, para as comparações entre o fenômeno discutido nesta dissertação e as constatações de Monteiro.

2.4 BACK (2000)

Trata-se da dissertação de mestrado da autora e concentra-se na variação da posição do quantificador QU. A análise é feita sob as perspectivas da Teoria da Variação e da Teoria Gerativa. O *corpus* utilizado é extraído do projeto VARSUL e compõe-se de 36 entrevistas de Florianópolis estratificadas conforme as variáveis: sexo, idade e escolaridade.

O trabalho de Back (2000)²⁹ partiu de três variantes posicionais:

- a. *Todos* os homens saíram.
- b. Os homens *todos* saíram.
- c. Os homens saíram *todos*.

Assume a autora (a) como a ordem padrão (não marcada) e (b) e (c) como as ordens marcadas, denominadas inovadoras. É analisado o QU na função de *sujeito*, com três ordens variáveis para *todo* (a) (s) – (QU SN V) ou (SN QU V) ou ainda (SN V QU) – e duas ordens variáveis (as duas últimas) para **tudo**; e na função de *objeto*, com duas ordens para ambas as formas: (QU SN) ou (SN QU). O uso da forma **tudo** é considerado como “marcado”, por não ser padrão.

Uma primeira análise dos dados apresentou 47% de ocorrências para a ordem padrão e 53% para as demais. A forma **tudo** se mostrou favorável à ordem [SN...QU] aparecendo em 53% das ocorrências, já para a ordem [QU SN] apresenta-se em apenas 13% das ocorrências desse item lexical. A forma *todo* (s, a, as) apresenta a percentagem de 61% para a ordem [QU SN]. Esses números confirmam o que Back (1997) já havia constatado quanto à ordem desfavorecedora da forma **tudo** [QU SN] e quanto ao fato de a posição pós-verbal favorecer esta forma inovadora.

²⁹ A autora descartou dados de expressões cristalizadas do tipo *todo mundo*, e orações com sujeito ou objeto nulos, do tipo *Ficaram tudo me devendo*, por não ter referente expresso na mesma sentença. Ou seja, ela analisou somente dados com referente expresso na mesma sentença em posição de sujeito ou objeto. Foram analisados cinco grupos de fatores lingüísticos: (i) forma de realização do QU (com ou sem concordância de gênero e número); (ii) tipo do verbo da sentença (transitivo, intransitivo, inacusativo e cópula); (iii) ordem do constituinte: tópico, direta, ou indireta; (iv) tipo de argumento (interno, *small clause* e externo); e (v) traço de animacidade do SN ([±animado]). Foram analisados três grupos de fatores sociais: (i) escolaridade (primário, ginásial e colegial); (ii) faixa etária (15-24, 25-49 e +50 anos). Após uma primeira análise estatística foram selecionados seis grupos de fatores, amalgamando-se os grupos tipos de verbo e tipos de argumento, e excluindo-se o grupo sexo, que não obteve relevância estatística.

Considerando a variável dependente posição, no grupo de fatores *ordem dos constituintes na frase*, a ordem direta (SVO) se mostrou mais favorável à variação com 42% para [QU SN] – variante não marcada tomada como aplicação da regra; enquanto a ordem indireta favorece [SN QU] com apenas 23% de ocorrências para a aplicação da regra. As *construções de tópico* mostraram-se contextos favorecedores à ordem não marcada [QU SN], com 75% de ocorrências. O amálgama dos grupos de fatores *tipo de verbos* e *tipo de argumento* mostrou que os fatores V transitivo/arg. interno (53/110=48%) e cópula/*small clause* (31/64=48%) foram os contextos de maior variação com PR 0,58 e 0,53, respectivamente. Já o fator V inacusativo/arg. interno apresenta baixo percentual para a aplicação da regra, favorecendo assim as ordens marcadas. No grupo *animacidade*, o fator [+animado] se mostrou favorável à aplicação da regra, enquanto o fator [-animado] favorece as ordens marcadas.

Quanto às variáveis extralingüísticas, no grupo de fatores *idade*, o mais significativo dos fatores sociais, os falantes mais jovens (15 a 24 anos) desfavorecem um pouco (PR 0,41) a variante posicional [QU SN], enquanto os informantes com mais de 50 anos tendem mais (PR 0,61) à aplicação da regra do que os de faixa intermediária (25 a 49 anos) (0,58) – resultados que levam Back a hipotetizar que pode estar ocorrendo uma mudança em tempo aparente, seguindo um padrão linear de distribuição: quanto mais velhos os informantes, maior o uso da forma canônica não marcada [QU SN]; em contrapartida, quanto mais jovens os informantes, maior o uso da forma inovadora.

Back (2000) se propõe a analisar a *especificidade* e *genericidade* dos quantificadores em questão, mas alega que os dados se mostram categóricos para o traço [+específico]. Não entraremos em maiores detalhes, pelo fato de a autora não apresentar resultados para esses grupos de fatores.

A partir desses resultados, podemos considerar que, se está havendo mudança em tempo aparente em favor da ordem marcada [SN...QU] e a forma **tudo** é favorecida por esta ordem, então a mudança está acontecendo com a forma **tudo** nessas posições – (b) e (c). Esta indicação de mudança já fora registrada em Pinto (1996) e Back (1997), pela baixíssima ocorrência de **tudo** na primeira posição do sintagma.

2.5 LOUREIRO (1998)

Trata-se também de uma dissertação desenvolvida sob a perspectiva da Sociolinguística Variacionista, tendo por objeto de estudo o item lexical *tudo* enquanto estratégia de pluralização no português de contato. O trabalho explora a variedade do Português falada como segunda língua pelos índios do Alto Xingu

A hipótese central desse trabalho é a seguinte: a partir de expressões cristalizadas com sentido genérico e características plurais formadas com o quantificador indefinido (QI) *tudo*, como “tudo mundo/tudo pessoal”, teria se difundido um uso deste quantificador como morfema livre de plural em alguns sintagmas nominais (SN’s) do Português de Contato.

Loureiro defende que o uso de *tudo*, nos contextos por ele estudados, funcionaria como mecanismo de compensação da falta de domínio do processo morfológico de indicação de pluralidade do português, ou seja, no lugar de um ‘s’ morfema de plural, por exemplo, o falante xingano acrescenta o *tudo* ao sintagma.

Um corpus³⁰ inicial de 370 ocorrências foi reduzido³¹ a 160 ocorrências, divididas em dois subconjuntos: expressões genéricas formadas com os QI’s *tudo* e *todo (a) (s)* com 117 ocorrências; e QI *tudo* pluralizador com 43 ocorrências. Algumas dessas ocorrências estão exemplificadas a seguir:

(18) ‘*Tudo* menino que tá aqui.’

(19) ‘Menina *tudo* só fala Kamayurá.’

(20) ‘Ele que(r) toma *tudo mulher*, não pode não.’

(21) ‘Eles dá camisa, ele dá *tudo coisa*.’

Há algumas semelhanças entre os dados encontrados neste trabalho e os de Pinto, que consistem: no tipo de referente humano (‘Bom *esses pessoa* também foi *tudo* na roça do lado’)

³⁰ A amostra (cf. p. 40-45) usada para a análise constitui-se de 60 minutos de entrevistas de 16 informantes xinguanos, distribuídos em grupos de 4 pelo grau de fluência 4, 5, 6 e 7. As variáveis sociais são idade, frequência de contato extra-parque, grupo geográfico, grupo étnico e status tribal.

³¹ Excluíram-se ocorrências dos tipos: expressões cristalizadas como “todo ano”, “tudo isso”, “tudo aquilo”; expressões de difícil interpretação; aquelas em que o QI está isolado do SN ao qual se liga por anaforicidade como os casos dos *resumitivos* (i) e dos *adverbiais* (ii).

(i) Viro *banana, farinha*, foi embora, afundo *tudo*. (A6)

(ii) O que tava lá no batelão já tava *tudo* podre também. (B7)

e nos usos de **tudo** como advérbio (‘Então comida já estava *tudo* podre’) e como adjetivo relacionado a um nome ou pronome (‘Nós *tudo* desceu’).

Os resultados apontam para a confirmação da hipótese geral do trabalho. A quantificação de todos os dados (sem recortes) resultou em 67% de ocorrências da forma **tudo** e 33% de ocorrências da forma *todo*. Pela correlação feita entre os fatores sociais e o grau de fluência, e a predominância da forma **tudo** em vez de *todo*, constatou-se que seu uso predomina, principalmente nos estágio pidginizados³².

A comparação dos percentuais de ocorrências de **tudo** na ordem (QI + N)³³ em construções “cristalizadas genéricas” e em construções nas quais é pluralizador atesta a hipótese do trabalho. As ocorrências de **tudo** na referida estrutura configuram-se em 90% das expressões genéricas e em 77% em SN’s com pluralizador **tudo**. A ausência total de morfema formador de plural nos nomes ao qual **tudo** se liga é mais um dos argumentos do autor para provar que **tudo** é o marcador de plural, *pluralizador* do sintagma do qual faz parte. Observe-se que as ocorrências genéricas têm essa característica também.

Três propriedades semânticas dos nomes aos quais **tudo** se liga foram analisadas e consideradas significativas para evidenciar seu uso como *pluralizador*: animacidade, pluralidade semântica e definitude. Os percentuais apontam para um distanciamento entre os dois tipos de SNs (genéricos e com pluralizador), no que se refere às propriedades semânticas.

Loureiro conclui que a proximidade das características estruturais entre SN’s constituídos pelo QI **tudo** pluralizador e as expressões genéricas, tanto quanto o distanciamento das propriedades semânticas entre esses dois tipos de SNs, confirmam a hipótese inicial. A proximidade revela origem do processo de expansão funcional e o distanciamento a “dessemantização necessária para a difusão do quantificador **tudo** como morfema livre de plural no SN”.

Analisando as variáveis sociais, o autor constata que o uso de **tudo** é mais recorrente em falantes mais velhos, com 74% de ocorrências; e é reduzido em falantes mais novos, com

³² Tal estágio é determinado pela recorrência de determinadas formas na fala de pessoas mais velhas e de pessoas que mantêm baixa ou nenhuma frequência de contato com falantes da segunda língua (o português, neste caso). Para maiores detalhes, consultar o trabalho em questão.

³³ (Quantificador Indefinido + Nome).

26% das ocorrências. Os percentuais são quase categóricos quando se trata dos falantes com [+contato] ou [-contato], ficando com 93% das ocorrências de **tudo** os que tinham [-contato] e com 7%, apenas, os que tinham [+contato]. Com isso, tem-se a confirmação da realização de **tudo** enquanto elemento característico do processo de pidginização da língua que a dissertação investiga. Os graus de fluência demonstram o uso decrescente do pluralizador na medida em que o grau aumenta, somando 67% de ocorrências para os graus 4 e 5 e 33% para os graus 6 e 7. Ou seja, quanto maior o domínio do português pelo índio xinguano, menor o uso de **tudo** como pluralizador.

Os percentuais levantados por Loureiro indicam um decréscimo no uso desse *pluralizador* na medida em que o falante xinguano conhece as estruturas da língua portuguesa, mas algum percentual se mantém mesmo nos falantes mais novos e que mantêm maior contato com a língua. Isso porque alguns dos usos constatados nessa dissertação também ocorrem em algumas variedades do português do Brasil, como vimos em Pinto (1996), Back (1997) e em nossos dados.

2.6 PEREIRA E RODRIGUES (2004)

Essas autoras examinam a realização da regra de concordância verbal com sujeitos de 3ª pessoa do plural na fala de informantes idosos de ambos os sexos, com grau de escolaridade baixo ou nulo, residentes na zona rural dos estados de São Paulo e Minas Gerais. As 293 ocorrências que serviram de base para a análise foram retiradas de 7 inquéritos do *corpus* do *Projeto Filologia Bandeirante*.

Os contextos estruturais de variação foram divididos da seguinte maneira: (i) de sujeito determinado (52% do *corpus*); (ii) de sujeito indeterminado (16%); (iii)³⁴ com pronome indefinido **tudo** retomando sujeito representado por SN no plural ou substantivo coletivo no singular (10%); (iv) com sujeito representado por coletivo no singular (22%).

Alguns dos exemplos analisados pelas autoras:

(22) Esse povo do rio abaixo **tudo** são parenti meu.

(23) O pessoal só trabaia coitado né? era **tudo** pobre né? tudo mundo.

(24) Meus companheru já morreu **tudo**.

(25) Eu sô pai di quinzí filho ... QUINze (...) **tudo** vivu ... nove muiér e de seis homim.

(26) (...) tão **tudo** bem de vida também.

(27) Na zona da mata aquelas cidade ali **tudo** comprava o porvio de bom sucesso.

(28) É gente pobre é rico é branco é preto de quarqué forma...**tudo** gosta muito de mim num gosta?’

Tais usos de **tudo** são divididos em diferentes funções: *sintática* – **tudo** retoma o SN sujeito no plural ou o sujeito representado por coletivo no singular; *semântica* – **tudo** é empregado como um *pronome resumitivo*, remetendo sempre a um grupo (de pessoas, animais, objetos), seja no caso em que retoma um SN no plural, ou no caso em que retoma um coletivo no singular, que já pressupõe a idéia de conjunto; *sintático-semântica* – **tudo** fornece a idéia de plural sem necessitar de flexão nem no pronome (que nesses casos se mostra invariável), nem no verbo; *discursiva* – em estruturas **tudo** + verbo (SV), **tudo** exerce a função discursiva de tema e de informação dada. Já em estruturas verbo + **tudo** (VS), o pronome remete a um grupo conhecido (informação dada), contudo, o que constitui informação nova é a totalidade do conjunto. **Tudo** exerce então a função de rema e de informação nova.

Quanto à flexão do verbo, o que ocorre é o seguinte: (i) em estruturas com o pronome **tudo** retomando SN sujeito no plural, a taxa de verbos no plural é de apenas 4%, o que mostra, segundo as autoras, que é praticamente categórica a tendência de o falante popular concordar o verbo com o pronome indefinido e não com o elemento no plural que o antecede e ao qual ele remete; (ii) em estruturas com **tudo** retomando sujeito coletivo no singular, há uma maior variação: 60% de verbos não marcados, e 40% de verbos marcados.

³⁴ Apresentaremos apenas as considerações sobre esse contexto, por ser tratar do nosso objeto de estudo.

2.7 ALKMIM (2002)

Alkmim, nesse trabalho, identifica aspectos relativos à fala de negros e escravos a partir de charges encontradas em revistas e jornais brasileiros do século XIX, mais especificamente do período compreendido entre 1831 a 1876. O enfoque principal do trabalho está nas questões acerca dos estereótipos³⁵ que envolvem a fala desses indivíduos representadas nas charges, que, por tratarem das figuras de maneira caricatural, acentuando as características que diferenciariam brancos e negros na fala, são objetos dessa pesquisa.

A autora seleciona vários usos que diferenciam negros e escravos de brancos nas charges. Alguns desses usos são as formas de identificação dos personagens representados pelos negros, bem como formas de tratamento usadas com brancos e com parentes. As marcas de linguagem que, de fato, chamam a atenção de Alkmim são aquelas que destacam aspectos fonéticos e gramaticais das figuras de negros e escravos. Dentre os exemplos³⁶ dessas marcas temos: *marcas fonéticas* (ausência de *r* final – “sinhô”); *marcas gramaticais* (concordância de gênero incorreta – “peixe boa”; quantificador “*tudo*” em lugar de *todos* e *todas*: “meus filho *tudo* também fica livre”).

Uma questão fica sem resposta precisa: “são tais marcas reais ou imaginárias?”. Pensando no aspecto caricatural das charges, podemos inferir um certo exagero das características da linguagem. Talvez, por isso, Alkmim assuma que a resposta à questão que se coloca pode ser no máximo aproximativa, inclusive pelo caráter de pesquisa histórica, que aqui se apresenta.

Essas marcas são coletadas das charges e comparadas com dados coletados em fontes literárias (prosa, ficção e teatro) do mesmo período. Essa comparação vem oferecer suporte à afirmação de que os usos lingüísticos contidos nas charges tinham correspondência com usos reais, visto que a maioria das marcas encontrada nas charges é encontrada nas outras fontes literárias.

Além do questionamento sobre serem essas marcas reais ou imaginárias, a autora lança outro: tais marcas – ou algumas delas – seriam privativas do grupo de negros e escravos.

³⁵ Para a definição do conceito de estereótipo, Alkmim (2002, p. 384) se vale de Labov (1972).

³⁶ A autora apresenta uma extensa lista de marcas fonéticas e gramaticais que não apresentaremos aqui.

Comparando novamente tais marcas com outras fontes, a autora conclui que muitas das marcas encontradas na fala de negros também ocorriam em variedades não padrão faladas por brancos da mesma época. Duas dessas marcas são a *ausência da marca redundante de número e ausência de concordância sujeito-verbo*.

Há a possibilidade de que dentre essas ausências de marcas de concordância estivesse o uso de **tudo** no lugar de *todos* e *todas*. Nossa suposição parte, inclusive, dos trabalhos já vistos nesta revisão. Sendo assim, **tudo** poderia não ser tão estigmatizado como nos faz pensar o fato de ser uma marca identificada na fala de negros e escravos.

Constatamos que as ocorrências de **tudo** registradas nos trabalhos de Loureiro (1998), Pereira e Rodrigues (2004) e Alkmin (2002) têm uma certa semelhança com as ocorrências registradas em nosso *corpus*. Considerando que falantes de áreas rurais, negros, índios e pessoas em geral com pouca escolaridade têm sua linguagem marcada por certos usos que costumam ser estigmatizados, poderíamos ter um indicativo de que o uso de **tudo** seja mais típico desse tipo de falantes e que seja, por isso, estigmatizado. Mas voltando nossa atenção para os trabalhos sobre variação, vemos que nada pôde se comprovar ainda sobre o assunto.

2.8 CASTILHO (1993)

Esse trabalho aborda os ‘*quantificadores indefinidos*’ que correspondem aos pronomes indefinidos da ‘*gramática tradicional*’. O *corpus* analisado nesse trabalho constitui-se de entrevistas do Projeto NURC. Embora cite vários *indefinidos* divididos em *itens*, *locuções* e *expressões*, a autora se propõe a trabalhar apenas com os chamados *itens*, como ‘algo’, ‘algun’, ‘alguém’, ‘ambos’, ‘certo’, ‘diversos’, ‘mais’, ‘menos’, ‘tal’, ‘tanto’, ‘todo’, ‘**tudo**’ etc.

O trabalho é dividido em duas etapas: primeiro se discute os *indefinidos* enquanto classe; depois temos uma análise em termos sintagmáticos e funcionais desses indefinidos.

Considerando que nosso objeto de trabalho é o item **tudo** e considerando que está assumindo algumas funções de *todo*, examinaremos apenas o que Castilho discorre sobre estes dois itens.

Tudo e *todo* são quantificadores empregados quando se quer referir o conjunto na sua totalidade, salienta Castilho. Na primeira parte de sua análise, estabelece um quadro no qual são descritas as várias características morfológicas, sintáticas e semânticas. De acordo com o quadro, *todo* é marcado morfológicamente para gênero e número; sintaticamente pode ser pronome ou adjetivo; e semanticamente pode referir-se a antecedentes [\pm humano] e ter modalidade [+ afirmativa]. Enquanto **tudo** morfológicamente é neutro para gênero e número; sintaticamente limita-se a pronome; e semanticamente tem apenas o traço [-humano] e [+afirmativa]. Os três exemplos abaixo, apresentados pela autora, ilustram os traços citados.

(29) Então *todos* os animais pré-históricos com *todas* as características o nome de cada um...

(30) Eu acho que é **tudo** é um conjunto né?...

(31) Então o guarda cívico quase todos eles eram... portugueses... quase *todos* eram portugueses.

Sintaticamente os *indefinidos* são divididos ainda em *estritamente nucleares*; *facultativamente marginais/nucleares*; e *estritamente marginais*. **Tudo** se encaixa na primeira categoria (nucleares) como no exemplo (30) acima; e *todo* na segunda (facultativamente marginal/nuclear) como nos exemplos (29) (marginal) e (31) (nuclear).

Quanto às funções sentenciais, temos a seguinte classificação a ser aplicada aos *indefinidos* em questão: Tópico (Top.), entendido como um SN sujeito não-temático da sentença; Sujeito (Suj.); Complemento não-preposicionado (CñP); Complemento preposicionado (CP); Termo Associado (TAss), atuando como adjunto de modo, de comparação, locativos, instrumentais, de tempo, de instrumento e aspectuais; e Antitópico (Atop), constituinte sentencial que não pode repetir o lugar estrutural de outros constituinte.

A classificação proposta é aplicada aos itens em questão e chega-se aos seguintes percentuais para **tudo** e *todo*:

Tudo: destaca-se na função de CñP com (62%) das ocorrências; ocorre na função de sujeito com (19%) das ocorrências; ocorre na função de antitópico com (19%) das ocorrências.

Todo: destaca-se na função de termo associado, com (44%) das ocorrências; ocorre

com alta frequência como sujeito, com (37%) das ocorrências; ocorre como CñP, com (13%) das ocorrências; ocorre como antitópico, com (4%) das ocorrências; ocorre como CP, com (2%) das ocorrências. *Todo* só não ocorre como Tópico.

Esse trabalho é apresentado aqui para ser comparado aos outros, já que utiliza dados de uma variedade lingüística distinta das usadas nos trabalhos apresentados até então; trata-se de uma variedade de língua culta. Os dados da autora são do NURC e só apresentam *tudo* como núcleo, isoladamente, sem acompanhar substantivos. Podemos estar diante de mais um indício de que parte do uso de *tudo* descrito por nós, nesta dissertação, seja estigmatizado.

2.9 NEVES (2000)

*Gramática de Usos do Português*³⁷, além do trabalho de Monteiro (1999), é o estudo que mais se aproxima da proposta desta dissertação por trabalhar em uma perspectiva funcional. A autora explora, dentre muitos outros aspectos, funções inovadoras do item lexical *tudo*, algumas vezes apenas nomeando as expressões outras vezes descrevendo-as. Alguns dos usos que encontramos em nossa amostra se assemelham aos registrados por Neves, outros não são contemplados nessa gramática, como veremos mais adiante.

Em sua obra, Neves dedica a terceira parte à quantificação e à indefinição. Nessa parte, a autora trata dos artigos indefinidos, dos pronomes indefinidos e dos numerais. A seção que trata dos pronomes indefinidos é aberta com o seguinte comentário:

Os **pronomes indefinidos** são, em princípio, palavras **não-fóricas**, isto é, não constituem itens com função de instruir a busca de recuperação semântica na situação ou no texto (p. 531 (grifo nosso)).

³⁷ Os dados usados por Neves pertencem ao Banco de dados “*Usos do Português*”, do Centro de Estudos Lexicográficos da Universidade Estadual Paulista, campus de Araraquara. Trata-se de 70 milhões de ocorrências de português escrito (textos literários, técnicos e jornalísticos) organizados por Francisco da Silva Borba, para a publicação de dicionários e gramáticas.

Como vimos na apresentação do fenômeno, capítulo I, nossos dados apresentam-se com características fóricas³⁸, uma evidência de que não se encaixam somente sob a classificação de ‘indefinidos’.

A classe dos *pronomes indefinidos* “abrange uma série heterogênea de elementos que se unem pela noção comum de indefinição semântica, a qual pode catalogar-se como *de identidade* para alguns, e *de quantidade* para outros” (p. 511). Dentre os elementos com *indefinição semântica* no que se refere à *quantidade* está o ***tudo***³⁹.

Os *pronomes indefinidos* são divididos ainda em *periféricos* e *nucleares* dentro do sintagma nominal, correlacionando-se com o que postulam as GNs sobre os *pronomes adjetivos* e *pronomes substantivos*, respectivamente. O ***tudo***, classificado nas GNs como *pronomes substantivo*, aqui é tratado como *nuclear*.

A seguir apresentamos as funções descritas por Neves com alguns exemplos:

a) Em referência a todos os possíveis objetos, ações ou situações quando se está fazendo uma afirmação **genérica** sobre eles (grifo nosso):

(32) Juliana fez que sim com a cabeça, comeu ***tudo*** e ficou esperando a dor do vento começar.

Considerando um possível contexto discursivo, o ***tudo*** do exemplo (32) pode conter traços de *definitude*, como já sugerimos na apresentação do fenômeno (capítulo I). Pode-se pensar em um contexto no qual “comer ***tudo***” refira-se a uma determinada porção (1 prato) de comida identificada anteriormente. O tamanho da entidade retomada por ***tudo*** e a identificação desta no discurso são indicadores de *definitude* (conforme detalhado no capítulo V).

b) Em registro popular, ***tudo*** aparece relacionado a pessoas:

(33) Cambada de bobas, ***tudo*** doida por Tição, a começar por eu.

³⁸ Para as noções de foricidade assumidas para este trabalho, ver subseção 3.2.1, capítulo III.

³⁹ Para a discussão acerca da definitude de ***tudo*** remetemos o leitor ao capítulo V.

c) Em referência a todos os objetos, ações, atividade ou fatos de uma situação particular. Nesse emprego, **tudo** ocorre com as seguintes formas: “tudo o que”, tudo que/quanto, tudo isso/isto/aquilo:

(34) Papai empregava **tudo o que** ganhava na compra de máquinas.

(35) Fazia **tudo que** ele queria, era sua escrava.

(36) O Gunga, como ele observa, tem o seu ar de dono despótico de **tudo aquilo**.

d) Em registro distenso, a expressão **tudo quanto é** para indicar a totalidade no plural (“todos os”, “a totalidade de”):

(37) Angelina socorre **tudo quanto é** cachorro da rua....

e) Em referência à atmosfera geral que existe em uma situação⁴⁰:

(38) No Recôncavo **tudo** estava pronto e acabado; ali **tudo** estava por ser feito.

f) Como **predicativo do sujeito**, para afirmar que alguma coisa ou uma determinada qualidade é essencialmente importante:

(39) Ouro é **tudo**.

(40) O trabalho não é **tudo** na vida.

(41) Meu marido é **tudo** para mim.

g) Como **aposto resumitivo** (= tudo isso), após uma enumeração. Nessa construção o **verbo** é levado para o singular.

(42) A atmosfera era irrespirável: *sofrimento de falsidade, convenções sociais e irreprimíveis realidades humanas*, **tudo** se misturava ali e não havia como separar o joio do trigo.

(43) Havia algo de orgasmo naquele prazer múltiplo que acariciava *a boca, a língua, a garganta, o estômago, os olhos, o nariz*, **tudo** ao mesmo tempo.

Em nossos dados, ocorrências como as dos exemplos em (g) são classificadas como *quantificador anafórico ampliador/resumitivo*, o que se diferencia da classificação de Neves, pelo menos em parte. Categorizar tais ocorrências como *ampliador/resumitivo* significa

⁴⁰ Não notamos diferença entre esse uso e o que a autora descreve em (a). Pensamos que (e) poderia estar incluído em (a).

admitir que há uma sobreposição de funções nesses casos, pois não há como identificar exclusivamente uma ou outra categoria, como veremos no capítulo IV.

h) Na expressão ***tudo bem***⁴¹, em referência a toda uma situação ou à vida em geral, em especial em relação a algo que afeta o falante.

(44) O presidente Figueiredo o faria assessor para a desburocratização, ele não ganharia um centavo, não perderia sua renda e o Tesouro Nacional não pagaria por mais um funcionário. ***Tudo bem***. Foi feito assessor.

i) Na expressão ***tudo a ver***, para marcar a relevância de uma relação estabelecida com um aspecto ou qualidade referidos:

(45) É um animal que tem ***tudo a ver*** com velocidade e liberdade.

j) Na expressão ***e tudo (o) mais***⁴², depois de uma lista de elementos, para indicar que se trata apenas de exemplos, e que outros elementos, ainda, podem ter sido envolvidos na situação em questão:

(46) Ele deve estar com a família ***e tudo mais***.

(47) Sou, de fato, provinciana, saudosista, sonhadora, infantil, ***e tudo o mais***.

l) Na expressão ***acima de tudo***, para enfatizar o fato de que um elemento de uma lista, especialmente o último deles, é mais importante que os outros:

(48) Aos poucos é que a surpresa foi fugindo, o choque – e em seu lugar chegaram a angústia, a cólera e, ***acima de tudo***, o medo.

m) Na expressão ***isso é tudo***, no final de um enunciado, para explicar, justificar ou corrigir alguma coisa, enfatizando que nada mais acontece:

(49) Digam aos seus chefes que vivemos num mesmo espaço, mas que ***isso é tudo***.

⁴¹ Os tipos de usos de ***tudo*** descritos em (e) e (h) por Neves fazem parte de uma só função nesta dissertação, denominada de “Quantificador super genérico”.

⁴² Esta expressão está entre as que indicam a função de ampliador, conforme capítulo IV.

Como vimos rapidamente, algumas funções descritas por Neves têm correspondência com o que constatamos em nosso estudo, (os usos b), e), f), g) h), por exemplo). Outros usos não são descritos por nós da maneira como faz a autora, como são os casos das expressões “*tudo* o que”, “*tudo* o quanto”, “*tudo* o mais”. Essa análise explora muito bem vários usos de *tudo*, mas tem um foco um pouco diferente do nosso. As diferenças consistem, por um lado, no fato de que os dados examinados pela autora são de escrita padrão, enquanto os nossos são de fala informal – o que é bastante significativo se consideramos a coincidência de certas funções não previstas nas GNs. Por outro lado, temos o fato de que a autora não questiona a *indefinitude* de *tudo* – o que tencionamos fazer adiante – e, também, o fato de que suas concepções de “foricidade” diferem parcialmente das nossas (conforme seção 3.2.1, capítulo III).

Como esclarecemos na introdução deste capítulo, o objetivo foi mostrar o que se tem realizado em pesquisas lingüísticas acerca de *tudo* no português brasileiro, começando pela variação entre as formas *tudo* e *todo* em língua falada, passando pelo uso de *tudo* em diferentes variedades do português, até chegar às diferentes funções de *tudo* em linguagem culta. Acreditamos que o capítulo tenha cumprido seu papel.

CAPÍTULO III

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, apresentamos alguns pressupostos e conceitos da teoria funcionalista (cf. Givón (1990;1993;1995;2001;2002); Neves (2001); Cunha *et al.* (2003)), os quais fornecem o suporte teórico para a dissertação: considerando-se aspectos mais abrangentes – quanto às concepções de língua, linguagem, gramática e discurso; e considerando-se aspectos mais específicos – quanto às funções desempenhadas pelo item *tudo*. Apresentamos, na seqüência, as concepções de referência, referencialidade, referenciação e os processos de instabilidade e estabilidade que constituem a linguagem humana (cf. Mondada e Dubois ([1995] 2003); Apothéloz ([1995] 2003); Koch e Marcuschi (1998); Marcuschi e Koch (2002)). O processo de referenciação, na perspectiva desses autores, é uma construção colaborativa de objetos do discurso. Tais concepções de referência são apresentadas com os seguintes objetivos: a) embasar nossa descrição dos processos de ligação entre *tudo* e a entidade à qual está ligado; b) embasar as noções concernentes à referencialidade, em seus aspectos mais gerais.

3.1 FUNCIONALISMO LINGÜÍSTICO

A Teoria Funcionalista estuda a língua considerando que os indivíduos se comunicam no processo de interação lingüística. Esse processo compreende, além de codificação e decodificação de formas lingüísticas, aspectos semântico-proposicionais e pragmático-discursivos, de sorte que os fatores externos à estrutura lingüística têm tanta relevância no estudo do processo comunicativo quanto a própria estrutura. Em outras palavras, a concepção de linguagem da gramática funcional “vê” o sistema lingüístico enquanto estrutura sem dissociá-lo das funções que tem de preencher.

O que caracteriza a concepção de linguagem defendida pela gramática funcional bem como para a Escola de Praga⁴³ é seu caráter não apenas funcional como também dinâmico. Ela é funcional porque não separa o sistema lingüístico e suas peças das funções que tem de preencher e é dinâmica porque reconhece na instabilidade da relação entre estrutura e função a força dinâmica que está por detrás do constante desenvolvimento da linguagem. (GERBRUERS, 1987: 129 *apud* Neves, 2001, p. 3)

A proposta teórica aqui assumida trata da língua considerando seu caráter funcional e dinâmico, ou seja, analisa e sistematiza a língua considerando: a) a estrutura como portadora de significados e funções; b) e o fato de que a estrutura, assim como seus significados e funções, está em constante processo de mudança.

Para o funcionalismo, a língua muda e se molda a partir de pressões funcionais-adaptativas, exercidas durante a performance lingüística. Esta pressão, feita em prol da característica criativa e comunicativa das línguas, tem como componentes necessários à variação e à indeterminação de partes do discurso (cf. Givón, 1995; 2001; 2002).

Givón (1993) faz analogia aos estudos das estruturas e funções da biologia para explicar a linguagem. Em *biologia* temos o seguinte: dentro de um organismo, várias estruturas anatômicas desenvolvem distintas funções fisiológicas; o desenho (forma) estrutural é adaptado durante a evolução do desempenho de funções específicas. O autor ressalta que o estudo da biologia não faria sentido sem que fossem estudadas, paralelamente, estrutura e função; adotando, assim, a mesma perspectiva para o estudo da linguagem. “A *linguagem* humana é um [...] instrumento desenhado para codificar e comunicar informação, e como em outros instrumentos, sua estrutura não é dissociada de sua função” (*op. cit.* p. 2).

Assumimos a definição de Martinet (1994, *apud* NEVES 2001, p. 5) segundo a qual o emprego da palavra função (no que diz respeito à concepção de linguagem do Funcionalismo) define-se pelo valor de “papel”, ou de utilidade de um objeto ou de um comportamento lingüístico.

Segundo Neves (2001, p.24),

⁴³ “Escola Lingüística de Praga é a designação que se dá a um grupo de estudiosos que começou a atuar antes de 1930, para os quais a linguagem, acima de tudo, permite ao homem reação e referência à realidade extralingüística” (NEVES, 2001, p.17).

A integração de componentes diversos é uma das características de qualquer paradigma funcionalista, mesmo os menos moderados⁴⁴, que estabelecem uma subordinação dos demais componentes ao componente pragmático.

A linguagem humana serve a muitas funções, nem todas diretamente ligadas às duas maiores tarefas de *representação mental* da experiência e sua *comunicação aos outros*.⁴⁵ A linguagem envolve três domínios funcionais:

- a) Domínio da *palavra* (significado): as palavras codificam nossos conceitos e entidades que podem “existir” de diversas maneiras: no mundo (real) externo, acessível em princípio a todos os membros da espécie humana; no mundo interno mental, acessível unicamente para uma só pessoa; no universo cultural socialmente negociável, em que se constroem tanto as entidades internas quanto as externas conforme os costumes, instituições e interpretações, padrões de comportamento e etc;
- b) Domínio da *oração*: as orações ou sentenças codificam proposições que codificam conceitos (palavras) dentro da informação. Essas informações são sobre relações, qualidades, estados e eventos dos quais as entidades participam; e refletem nosso mundo externo e culturalmente negociado;
- c) Domínio do *discurso*: proposições são combinadas em uma coerência comunicativa ou textual. O discurso é multiproposicional e sua coerência é uma propriedade que transcende as fronteiras proposicionais. (cf. Givón, 1993, p. 21-3)

O domínio da palavra se restringe ao significado, ao conceito; ou seja, as palavras isoladas, fora do contexto proposicional, portanto fora do domínio da sintaxe, só podem codificar conceitos. Já os domínios da informação proposicional e da coerência discursiva estão associados à gramática – também chamada sintaxe. Givón denomina os subcomponentes da sintaxe usados para codificar a informação proposicional associada com a oração, de *pequena fração* da sintaxe; e os subcomponentes da sintaxe usados para codificar a pragmática discursiva da oração são chamados de “*os maiores*”, como por exemplo: sua

⁴⁴ Nichols (1984 *apud* NEVES, 2001, p. 55) classifica o Funcionalismo em três tipos: conservador – que apenas aponta a inadequação do formalismo e do estruturalismo, sem propor uma análise da estrutura; moderado – não apenas aponta essa inadequação, mas vai além, propondo uma análise funcionalista da estrutura; extremado – nega a realidade da estrutura como estrutura, e considera que as regras se baseiam internamente na função, não havendo, pois restrições sintáticas.

função comunicativa, sua coerência com o texto, ou seu contexto discursivo (*id. ibid.*, p. 25-6).

O autor ainda chama a atenção para o caráter abstrato dos subcomponentes que codificam a função pragmático-discursiva:

Eles não mapeiam diretamente nossas experiências com entidades e conceitos (palavras) ou nossas experiências de estados e eventos [...] a pragmática discursiva envolve uma ampla variedade de modelos contextuais que *cercam* nossas relações, estados e eventos (*id. ibid.*, p. 25-6).

Como veremos na seção 3.2 sobre referenciação, a abstração é característica dos processos que envolvem instabilidade/estabilidade das relações lingüísticas. Os subcomponentes da pragmática discursiva e da semântica proposicional são usados nas negociações em prol da coerência comunicativa. A semântica proposicional, em alguns contextos, não resolve ambigüidades ou outros tipos de opacidade semântica, mas no contexto pragmático-discursivo parece que essas questões são “resolvidas”, “de uma maneira ou de outra”. (*id. ibid.*, p. 36)

Para que analisemos e sistematizemos o comportamento de **tudo** em uma perspectiva funcional, é importante levar em conta os domínios funcionais propostos por Givón. O item precisa ser analisado considerando-se desde aspectos de significado lexical até aspectos pragmáticos em seus diversos contextos.

Givón (1995, p.10) elenca algumas premissas para uma melhor definição funcionalista de língua, linguagem, gramática e mudança: a) a linguagem é uma atividade sócio-cultural; b) a estrutura lingüística serve a funções cognitivas ou comunicativas; c) a estrutura é não-arbitrária, mas motivada, icônica; d) a mudança e a variação estão sempre presentes; e) o significado é dependente do contexto; e) as categorias não são discretas, mas contínuas; f) a estrutura é maleável, não rígida; g) a gramática é emergente, as regras da gramática permitem alguma flexibilidade.

⁴⁵ Algumas dessas outras funções a que Givón chama *meta-comunicativas* são: funções de coesão sócio-cultural, funções afetivas interpessoais e funções estéticas.

De acordo com a premissa (c), acima, a estrutura gramatical é não-arbitrária, portanto icônica. Conforme Cunha *et al.* (2003, p. 29), “a iconicidade é definida como a correlação natural entre forma e função. Entre código lingüístico (expressão) e seu *designatum* (conteúdo)”. Givón (1995, p. 10) admite, no entanto, não haver uma relação categórica de um-para-um entre função e forma, como quer o funcionalismo ingênuo⁴⁶; admite que no processo funcional adaptativo de mudança, a língua pode apresentar mais de uma forma para uma função ou vice-versa. Mas diz também que “a condição natural da língua é preservar uma forma para um significado, e um significado para uma forma” (1991, p. 106).

O fenômeno que estudamos configura-se como uma forma para diversos significados, diversas funções. Como veremos no capítulo IV sobre o funcionamento de *tudo*, as ocorrências deste item nem sempre podem ser categorizadas precisamente, havendo por vezes sobreposição de funções, como nos tipos que designamos como *ênfatisador de atributos*, *ampliador/resumitivo* e *ampliador/planejador verbal*, evidenciando-se, nesses casos, o caráter contínuo das categorias (cf. premissa e) acima).

Givón (1995, p. 72) critica a tipologia gramatical tradicional que agrupa itens em um mesmo *meta-type* pela similaridade estrutural. Em outras palavras, critica as análises tradicionais da língua por determinarem certos rótulos para grupos de itens lingüísticos sem levar em conta suas funções comunicativas. O autor propõe uma aproximação da análise funcional e do que chama de tipologia *translingüística*. A proposta consiste, principalmente, no estabelecimento de certas tendências lingüísticas comuns, e não definições gerais e acabadas. Pois, embora a condição natural da língua seja conservar uma forma para um significado e vice-versa, os domínios funcionais têm fronteiras que se misturam e sobrepõem, no processo funcional adaptativo da língua; e tais definições, supostamente aplicáveis a todas as estruturas lingüísticas, não se sustentam em todos os casos. Dessa maneira, uma tipologia com base na teoria funcional estabelece certas tendências, similaridades funcionais para construções, muitas vezes estruturalmente distintas (*id. ibid.*, p. 106).

Em nosso estudo, constatamos que a tipologia tradicional da gramática da língua portuguesa não dá conta, com suas definições, do funcionamento de *tudo*, já que rotula o mesmo apenas como *pronome indefinido* sem considerar a língua em uso. Nossa proposta consiste, então, em apontar tendências e similaridades no funcionamento de *tudo* na língua

⁴⁶ Givón chama ingênuo ao funcionalismo extremado que *prega* 100% de iconicidade na língua.

portuguesa falada; sem deixar de considerar que os domínios das diferentes funções, em alguns casos, não são claros por se sobreporem e se misturarem uns aos outros.

3.2 DISCUTINDO: REFERÊNCIA, REFERENCIALIDADE, REFERENCIAÇÃO...

Registros de dicionários trazem as seguintes definições para *referência*, ancorando essa noção na relação língua/mundo:

a) **8.** Ato de indicar, por meio de um signo lingüístico, um indivíduo, um objeto, um processo, uma qualidade etc, do mundo extralingüístico, real ou imaginário; a referência depende do contexto lingüístico e situacional (por ex., a expressão *o atual presidente da República* vai referir-se a pessoas diferentes, em contextos de épocas ou países distintos). (HOUAISS, 2001, p. 2410)

b) A relação entre uma parte de um enunciado e um elemento (*individual*) ou conjunto de elementos que ela identifica. Ex.: o SN *aquele homem* em *Aquele homem é meu irmão* é usado como uma expressão referencial, cujo referente é um homem específico cuja identidade o interlocutor deve conhecer ou ser capaz de determinar. (MATTHEWS, 1997, p. 312)

As teorias existentes sobre *referência*, sobre como a língua refere o mundo, são diversas. Concepções de base filosófica realista defendem a correspondência direta, preexistente entre as palavras e as coisas. Tais concepções se exprimem através das metáforas do espelho e do reflexo, e, mais recentemente, do ‘mapeamento’ (*mapping, matching*), ambas apoiadas na idéia de língua e de discurso como re-presentação adequada da realidade (cf. Mondada e Dubois [1995] 2003, p.18)⁴⁷. O que norteia a idéia de língua e de mundo dessas concepções é uma visão de significação rígida, ou seja, a língua “cartografa”, sempre com as mesmas formas, as coisas do mundo, que por sua vez têm *referência* fixa, única e discreta.

Numa perspectiva funcionalista da língua, porém, a concepção filosófica realista de referência descrita acima não se mostra adequada. Uma proposta para a referenciação que

⁴⁷ A leitura da dissertação de Ivanilde da Silva intitulada “De quem nós/a gente está(mos) falando afinal?”, nos serviu de indicação de parte da literatura para tratarmos da referencialidade.afinal?”, nos serviu de indicação de parte da literatura para tratarmos da referencialidade.

parece sintonizar mais com nossos objetivos tem base lingüística e psicológica: Mondada e Dubois ([1995] 2003). Essas autoras discutem os *processos de referenciação* e não mais da *referência* como relação direta entre língua e objetos do mundo. A escolha do termo *referenciação* no lugar de *referência* parte desta proposta: questionar e estudar o processo em vez da relação direta entre a língua e o mundo.

Para essas autoras, questionar os processos de *referenciação* implica questionar os processos de discretização das entidades e do discurso, desconsiderando uma estabilidade *a priori* das entidades no mundo e na língua; e implica reconsiderar a questão, partindo da instabilidade constitutiva das categorias por sua vez cognitivas e lingüísticas, assim como de seus processos de estabilização (*id. ibid.*, p. 19). Nesta perspectiva, o caráter referencialmente vago é próprio da conversação e possibilita a evolução das categorias de maneira flexível e adaptativa. Ou seja, *vagueza, evolução, flexibilidade* não são problemas da língua, mas elementos possibilitadores de interpretação dos *dizeres*, e de ajuste e adaptação dos mesmos aos diversos contextos de uso.

Os sistemas cognitivos humanos parecem particularmente adaptados à construção de tais categorias flexíveis, ad hoc e úteis a todos os fins práticos, dependentes tanto mais da multiplicidade de pontos de vista que os sujeitos exercem sobre o mundo de que de restrições impostas pela materialidade do mundo (*id. ibid.*, p. 24)

O que se chama de “instabilidade constitutiva” não nega toda e qualquer *estabilidade*, mas a estabilidade *a priori* das entidades da língua e do mundo, como citado acima. Alguma *estabilidade* existe, ou não nos comunicáramos. Não se trata de caos e desordem das descrições, pois os sujeitos do discurso possuem mecanismos cognitivos, como a memória, que permitem essa *estabilidade* ao seu mundo, assim como procedimentos sistemáticos para organizar a co-construção dos objetos de discurso. Tal estabilidade faz parte de um processo construído nas negociações intersubjetivas. Os sujeitos do discurso discretizam e categorizam⁴⁸, dão sentido à língua e ao mundo.

Os referentes são construídos como objetos de discurso nos processos de *referenciação* e *categorização*; processos esses que têm nos sujeitos dos discursos, seus

⁴⁸ Observe-se, porém, conforme já salientado, que na perspectiva funcionalista givoniana pode haver sobreposição e ambigüidade devido ao caráter contínuo das categorias.

agentes, autores. Pelas trocas comunicativas, em que os sujeitos *dizem* o mundo, em vários contextos, se constroem nominalizações e categorizações de maneira adaptativa, assim como outras convenções sobre a realidade do mundo desses sujeitos. “As variações categoriais, consideradas aqui como “categorias evolutivas”, podem ser vistas como recursos que asseguram uma plasticidade lingüística e cognitiva e uma garantia de adequação contextual e adaptativa.” (*id. ibid.*, p. 25)

Sobre categorias, as autoras afirmam que não são nem evidentes nem dadas segundo as propriedades intrínsecas do mundo, mas resultado de processos complexos e históricos que consistem na transformação das ‘coisas’ em objetos da realidade, pelo discurso. Os objetos, portanto

são construídos através dos processos cognitivos dos sujeitos aplicados ao mundo concebido como um fluxo contínuo de estímulos [...] Como desenvolvemos no nível lingüístico, a categorização cognitiva depende, ela também, de um tratamento não exaustivo e seletivo do mundo, ele próprio suscetível de ver transformadas suas finalidade ou suas modalidades adaptativas (*id. ibid.*, p. 34).

O reconhecimento do objeto, por sua vez, não é uma extração de propriedades de um mundo já discretizado, mas a construção de categorias flexíveis e instáveis, potencialmente memorizadas e lexicalizadas.

Como se pode notar, tal concepção de língua é compatível com as premissas funcionalistas givonianas tomados como suporte teórico desta dissertação, já que opera com as noções de estabilidade/instabilidade, categorias discretas/não-discretas e processos adaptativos que se constituem nas trocas comunicativas.

Marcuschi e Koch (1998; 2002) entram em cena para retomar e reforçar a proposta de Mondada e Dubois acerca da referenciação; defendem “essa tese, de posições já defendidas”⁴⁹. Reafirmam que a referência acontece no discurso e não fora dele; que o fenômeno designado não é algo que deve necessariamente existir (na condição de indivíduo) no mundo extratexto ou extramente, mas se dá como objeto de discurso e não como objeto do mundo.

⁴⁹ “defendida por Apothéloz e Reichler-Bégelin (1995), Mondada e Dubois (1995), entre outros” (MARCHUSCHI e KOCH, 2002, p. 37)

Em Koch e Marcuschi (1998: seção 1), temos os pressupostos básicos, à luz dos quais os autores postulam as posições defendidas sobre “referenciação”. Esses pressupostos retomam e resumem conceitos essenciais para o entendimento do referido processo. São eles⁵⁰:

- *Indeterminação lingüística – a língua é heterogênea, opaca, histórica, variável e socialmente constituída [...] A língua não é o limite da realidade, nem o inverso. Língua é trabalho cognitivo e atividade social que supõe negociação. Não pode ser identificada com instrumentos prontos para usos diversos.*
- *Ontologia não-atomista – o mundo fenomênico, externo, a possível extensão referencial de nossos itens lexicais, não está à disposição, pronto para receber as designações pura e simplesmente..*
- *Referenciação como atividade discursiva – é um processo realizado negociadamente no discurso e que resulta na construção de referentes [...] Referir não é mais atividade de “etiquetar” um mundo existente e indicialmente designado, mas sim uma atividade discursiva de tal modo que os referentes passam a ser objetos-de-discurso e não realidades independentes. [...] A realidade empírica, mais do que uma experiência estritamente sensorial especularmente refletida pela linguagem, é uma construção da relação do indivíduo com a realidade.*

Esses autores fazem questão de deixar claro que não negam a existência da realidade extramente, nem estabelecem a subjetividade como parâmetro do real, nem dão à linguagem um poder criador de realidades; eles apenas postulam “a necessidade de uma ontologia não ingênua e não realista. Nosso cérebro não opera como um sistema fotográfico do mundo [...] Nosso cérebro não é uma *Polaroid semântica*” (id. 2002, p. 37).

O cérebro reelabora dados sensoriais no discurso para compreender a realidade. Isto não quer dizer que a reelaboração seja uma atividade individual, particularizada, na qual cada indivíduo é, por ele mesmo, o único autor desse processo. Cada indivíduo, sem dúvidas, faz

⁵⁰ Optamos por apresentar os pressupostos sucintamente, visto que se trata de um apanhado geral das principais idéias da proposta, já apresentada, sobre referenciação.

escolhas, mas tais escolhas são feitas sob restrições impostas cultural, social, e historicamente, e ainda por condições de processamento decorrentes do uso da língua.

Retomando Mondada e Dubois ([1995] 2003, p. 35), sobre as instabilidades: “não são simplesmente um caso de variações individuais que poderiam ser remediadas e estabilizadas por uma aprendizagem convencional de “valores de verdade”; elas são ligadas à dimensão constitutivamente intersubjetiva das atividades cognitivas”. O processo de referenciação é visto por essa perspectiva, como uma construção colaborativa de objetos do discurso; na qual nem as entidades lingüísticas, nem as entidades mundanas estão discretizadas ou dadas *a priori*, mas são negociadas no discurso.

Se nem as entidades lingüísticas, nem as mundanas são discretizadas ou dadas *a priori*, o processo de referenciação deve incluir alguns mecanismos de estabilização para os processos categoriais, para que a comunicação seja possível. E já que os processos de referenciação são construções colaborativas de objetos do discurso, algo de estável deve haver para que o homem possa interpretar o mundo. Veremos a seguir alguns processos de estabilização.

3.2.1 PROCESSOS DE ESTABILIZAÇÃO

A construção colaborativa é resultado de uma relação indireta entre o discurso e o mundo mediada por um sujeito sócio-cognitivo, não só um sujeito “encarnado”. Isto implica dizer que suas práticas comunicativas cotidianas se dão na intersubjetividade das negociações e convencionalizações, situadas em um contexto sócio-histórico. É nesse contexto que o sujeito constrói o mundo e torna os objetos *estáveis* fixando-os nas práticas diárias e científicas, graças a usos categoriais (cf. Mondada e Dubois [1995] 2003, p. 20)

Enfatizando a existência da estabilidade, as autoras afirmam que categorias prototípicas foram atestadas com análises empíricas por Roch e posteriormente por outros autores como Lakoff (1987, p. 59), que acrescenta a noção de estereótipo. Com as categorias prototípicas, temos as invariantes psicológicas que dariam uma estabilidade às interpretações que os sujeitos fazem do mundo (cf. Mondada e Dubois [1995] 2003, p. 41).

A teoria dos protótipos estabelece que “prototípicos” são os membros da categoria mais representativos da mesma; que são resultados de construções psicológicas e individuais. Os protótipos podem firmar suas estabilização ao curso de diferentes processos: de unidades discretas da língua que garantem sua invariância em diferentes contextos; até a possibilidade, pela sua nomeação, de compartilhamento entre muitos indivíduos através da comunicação lingüística, compartilhamento pelo qual ele se torna um objeto socialmente distribuído. Essa representação coletiva tem sido denominada estereótipo (*id. ibid.*, p. 42).

Segundo as autoras, temos aí a passagem de um nível puramente subjetivo para um nível intersubjetivo no processo protótipo/estereótipo através da lexicalização. As unidades lexicais têm sido observadas, por muitos lingüistas⁵¹, como parte integrante dos processos de estabilização convencional dos significados das palavras numa comunidade lingüística. Nesse sentido, a escrita é um forte instrumento de materialização e fixação da lexicalização.

Vale salientar que diversos fatores que contribuem para a estabilização podem, no entanto, contribuir para a instabilização, como por exemplo, “no âmbito da temporalidade discursiva, as inscrições textuais podem ter igualmente um efeito estabilizador ou desestabilizador” (*id. ibid.*, p. 43). A anáfora, assim como as inscrições textuais, têm sido atestadas tanto como um modo de ilustrar estabilidade, quanto de instabilidade.

A anáfora merece atenção especial neste trabalho, aliás qualquer comportamento fórico⁵², por tratarmos do item lexical **tudo** que se apresenta em muitos casos fazendo remissão a entidades construídas no discurso.

A noção de processos fóricos, neste trabalho, é alargada de maneira que não se restrinja, apenas, à relação de correferencialidade, mas, como veremos, a relações de associação também. Assumindo a concepção de referenciação apresentada acima e tendo em vista os processos a que Marchuschi e Koch (1998; 2002) chamam de *progressão referencial*⁵³, afirmamos o caráter fórico do item **tudo**, uma vez que pode fazer remissão a nominais, mas sem ser estritamente correferencial (cf. capítulo IV).

⁵¹ Mondada e Dubois citam Langacker (1987) e Kleiber (1990), dentre outros.

⁵² Nesse trabalho as postulações acerca de anáfora (como principal mecanismo de ligação entre nome e pronome, por exemplo) serão usadas também para os mecanismos de catáfora, visto que, em termos gerais, temos inversão de ordem formal.

⁵³ Os processos de progressão referencial consistem principalmente no seguinte: os objetos-do-discurso, seja por referência, remissão ou por retomada, vão progredindo no discurso de maneira que nem sempre correferência ou

Uma *representação do sentido construído pelo texto* é fator importante para os processos anafóricos e referenciais em geral. Segundo Apothéloz ([1995] 2003), “a explicação de algumas anáforas é impossível se não postularmos, ao mesmo tempo, tal representação, assim como os conhecimentos gerais pressupostos partilhados pelos interlocutores”. São os fatores pragmáticos envolvidos nos processos de referenciação.

Considerando que nem sempre nas relações fóricas há a presença de um nominal ligado ao fórico, precisamos de algo que explique como a interpretação é possível. Temos para isso o que se denomina *desencadeador de antecedente* (CORNISH 1987; 1990)⁵⁴; e que seria o “segmento textual (quando ele existe) que mais provavelmente tornou a referência anafórica possível” (APOTHÉLOZ [1995] 2003, p. 58).

Contudo, deve-se atentar para a importância da existência, no texto, de uma denominação prévia para tal antecedente que traga consigo uma categorização explícita, ou seja, dada pelo falante; ao contrário de antecedentes inferíveis por *desencadeadores*, que no processo de inferência devem sofrer uma categorização por parte do ouvinte. A proposta de *desencadeadores de antecedente* contribui para as descrições do que seriam as anáforas associativas.

A anáfora associativa apresenta-se da seguinte maneira: de um lado, uma certa dependência interpretativa relativa a um referente anterior (às vezes, posterior) introduzido ou designado; de outro lado, a ausência de correferência com a expressão que introduziu ou designou anteriormente (às vezes posteriormente) esse referente (*id. ibid.*, p. 75).

Segundo Hawkins⁵⁵, o mecanismo da anáfora associativa (da associação propriamente dita) repousa sobre conhecimentos gerais supostamente partilhados, exprimíveis sob a forma de proposições que colocam em relação referências genéricas (por exemplo: *uma cidade tem uma igreja*). A anáfora associativa funciona sobre os estereótipos (KLEIBER, 1990 a)⁵⁶.

Com as noções aqui apresentadas sobre os processos de referenciação e os processos de instabilidade e estabilidade que constituem a linguagem humana, embasamos nossa discussão das questões mais gerais acerca de *referencialidade*. No capítulo VI, dedicado à

cossignificação estejam presentes. Isso corrobora com a idéia de que os referentes são construídos no, e pelo discurso.

⁵⁴ *Apud* Apotheloz ([1995] 2003)

⁵⁵ *Apud* Apotheloz ([1995] 2003)

apresentação e análise da propriedade semântico-discursiva *definitude* retomamos a questão da referencialidade incorporando aspectos mais específicos postulados por Givón (2001) acerca da referencialidade dos nominais e a proposta de Enç (1991) sobre especificidade, dos quais nos valem para apresentar nossa proposta empírico-teórica acerca da definitude de *tudo*.

CAPÍTULO IV

4 METODOLOGIA

Este capítulo é destinado à descrição da amostra utilizada nesta dissertação e ao detalhamento das etapas e procedimentos de análise do fenômeno investigado.

4.1 DESCRIÇÃO DA AMOSTRA

Para o desenvolvimento desta dissertação, fizemos um levantamento de dados de fala, coletados em entrevistas sociolingüísticas de 36 informantes de Florianópolis, junto ao banco de dados VARSUL⁵⁷. Esses informantes estão assim estratificados:

Sexo	Feminino			Masculino		
Escolaridade	15 a 24 anos	25 a 49 anos	+ de 50 anos	15 a 24 anos	25 a 49 anos	+de 50 anos
Faixa etária						
Primário	2	2	2	2	2	2
Ginásio	2	2	2	2	2	2
Colegial	2	2	2	2	2	2

Tabela 2 - Distribuição dos informantes da amostra de Florianópolis (VARSUL)

Para a localização inicial das ocorrências de *tudo*, utilizamos o programa computacional Interpretador (ENGESIS), criado especialmente para efetuar buscas no corpus do VARSUL. De posse da listagem das ocorrências com a localização das linhas, partimos para a busca desses dados nas entrevistas transcritas, de onde retiramos as ocorrências

⁵⁷ O projeto interinstitucional Variação Lingüística Urbana da Região Sul do Brasil (VARSUL) integra as universidades federais do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e a PUC-RS, e tem como meta a constituição de um banco de dados de língua falada, que se encontra disponível, especialmente aos pesquisadores vinculados às instituições acima mencionadas, para a realização de pesquisas que contribuam para a descrição do português falado na região sul. Para maiores informações sobre esse banco de dados consultar Knies e Costa, 1995.

devidamente contextualizadas. Foram coletadas todas as ocorrências do item lexical **tudo** das entrevistas da amostra, o que resultou em 1.021 dados. Foram excluídos 26 dados por estarem: a) inseridos em sentenças interrompidas, não finalizadas, como em (01); b) seguidos dos itens lexicais *todo* (*s*, *a*, *as*), como estratégia de correção, como em (02); c) em ocorrências que não desempenham a função de quantificação, como em (03):

(01) Então **tudo** que ele está, né? que - Ai eu não sei, né? acho ele vai se dar mal (33L1195)

(02) Então, quer dizer, o dia da rebelião, o filho a achou que⁰ devia alguma coisa para o pai, né? e eles estavam [**tudo**]- todos presos lá em cima. (33L0570)

(03)⁵⁸ Aí, aquilo tudo assim, *aquele ódio* **tudo** que eu tinha, eu briguei um monte com ela. Aí ela até mandou... e ela queria me levar embora. (03L162).

4.2 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Num primeiro momento, procedeu-se ao mapeamento das (sub)funções de **tudo** em todas as ocorrências da amostra, com base na descrição da função ‘quantificador’ (Q) e de cada uma de suas subfunções e tipos, para, a partir daí, se efetuar a codificação de cada ocorrência considerando o conjunto de variáveis (grupos de fatores) lingüísticas. O tratamento quantitativo, para o qual utilizamos o pacote estatístico VARBRUL 2S (PINTZUK 1988; SCHERRE 1992), fornece as frequências e percentuais associados a cada variável testada, de modo a permitir o estabelecimento de correlações entre os diversos fatores controlados caracterizando os diferentes contextos de uso de **tudo**. O controle das variáveis se deu como apresentado abaixo.

➤ VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS:

Localização da entidade no contexto:

- Dentro do SN (contexto estreito)

⁵⁸ Esta ocorrência é excluída por não apresentar um **tudo** que quantifica uma entidade, mas um **tudo** que parece apresentar somente características adverbiais. Este é o único dado deste tipo.

(04) Eu acho que eu era doente por causa desse negócio de limpeza. As *guria[s]* **tudo**, até as minhas colegas assim sempre, elas, até às vezes, diziam pra mim. (03L0596)

- Em outros contextos (contexto alargado: em outro sintagma, sentença, trecho... ou fora do discurso)

(05) Olha, eu escuto **tudo** que é tipo de *música*. (27L0444)

(06) Então **tudo** o que eu viajei foi quando eu, na época, era motorista na repartição. (02L0117)

Tipo de escopo do contexto alargado (A):

- fórico direto (entidade nomeada no discurso pelo falante)

(07) Um dia ele comprou *dois cachos de banana* e fez ela comer **tudo**. (01L0526)
- fórico indireto (a entidade precisa ser inferida pelo ouvinte)

(08) Não sei, é meio estranho, mas eu acho que pra *cozinhar* tu tens que estar numa boa, assim, [aquela]- de *cozinhar*, de preparar **tudo** com calma, assim, né? (01L0691)
- fórico direto e indireto (reúne os dois fatores acima)

(09) ...no caminho, foi horrível, todo mundo com sono, tinha *batuque*, tinha **tudo**. (28L0965)
- não-fórico vago (entidade construída por conhecimento compartilhado)

(10) Ah, toda perda é difícil, né? Toda perda é triste, todo mundo ficou muito triste, né? Depois que ele morreu ficou **tudo** diferente...” (13L0635)
- dêitico

(11) É, mas o que a senhora quer mais saber? (...) está gravando **tudo**?⁵⁹ (06L0989)

Subfunção do quantificador:

- anafórico
- catafórico
- anafórico e catafórico

Tipo de subfunção:

- enfatizador de atributo
- resumitivo
- ampliador
- ampliador/resumitivo
- ampliador/planejador verbal
- anafórico propriamente dito
- catafórico propriamente dito
- anafórico e catafórico propriamente dito

Para exemplos e a descrição de cada uma das subfunções e dos respectivos tipo, remetemos ao capítulo (V).

Formas de codificação das entidades quantificadas

As formas com as quais as entidades quantificadas se apresentam são diversas e compõem um dos grupos de fatores controlados nesta dissertação. Agrupamos algumas destas formas em determinados fatores, os quais estão descritas abaixo, para testar sua recorrência em determinadas funções.

Para os (Q) com ligação ‘fórica indireta’, temos sempre o fator ‘outras formas’ e para os ‘super genéricos’ e ‘dêiticos’, temos sempre ‘sem forma’. Para os ‘fóricos diretos’, não teremos, obviamente, o fator ‘sem forma’, mas todos os outros fatores podem ocorrer em (Q) com este tipo de ligação.

Ressalte-se que nem todas as formas encontradas foram agrupadas aqui, apenas aquelas cuja frequência nos interessa controlar, já que em uma análise preliminar se mostraram recorrentes. São as seguintes:

- *substantivo coletivo* (‘família’, ‘pessoal’, etc):

(12) A *família* inteira não é bem certa (...) é **tudo** assim, **tudo** assim. (01L0899-0905)

⁵⁹ Um exemplo desse tipo de dêitico está descrito na dissertação de Gasparini (2001): ‘assim’. Como esta autora, não afirmamos que o gesto descrito aconteça, pois não temos como recuperar a imagem do momento de fala, apenas supomos sua possível realização para explicar a natureza dêitica presente nesses casos.

- *plural marcado* – quando o nome da entidade estiver expresso e todos os elementos do sintagma possuírem marcas de plural (‘os meninos’, ‘essas mulheres’, etc):
(13) *Os guris* entraram no pau, não teve nem conversa (...) entrou **tudo** na festa. (01L0786-0795)
- *plural não marcado* – quando o nome da entidade estiver expresso e algum dos elementos deste sintagma não possuírem marcas de plural (‘os menino’, ‘essas mulher’, etc):
(14) As galinhas botavam ovo lá (...) Depois de vinte dias, os últimos dias aparecia a Meirinha com uma ninhada de pintos, *aqueles pinto[s]* **tudo** atrás dela! (06L0639)
- entidade com quantidade numerável e mensurável (‘os livros **tudo** recortados’, etc):
(15) *Os meus livro[s]* eram **tudo** recortados. (01L0185)
- nome genérico (‘político’, ‘criança’, ‘os políticos’ etc)
(16) Por isso que *político* mesmo é **tudo** uma ‘m’, não tem. (25L0457)
- entidades com quantidade mensurável: (‘o corpo’, ‘a comida’, ‘o feijão’, ‘o suco’, ‘o dinheiro’, ‘em redor da minha casa’);
(17) Em redor da minha casa era **tudo** mato. (12L0245)
(18) Ele ia limpar *uma janela*, depois a gente sujava **tudo** de novo. (01L0441)
- *outras formas* – as formas nominais que não se encaixam nos grupos descritos acima são assim identificadas. Dentre estas ‘outras formas’ podem estar as entidades representadas nominalmente ou não, ou seja, podem ser os nomes das entidades (qualquer nome que não faça parte dos fatores citados acima), a citação de seus itens/componentes (ampliadores e resumitivos, por exemplo, como em (19)), ou ainda os desencadeadores de ligação⁶⁰, como em (20) e (21).
(19) Depois a gente foi pra uma associação que tinha no lado, *tinha piscina*, *tinha tudo*, *tinha futebol*, todo mundo, padre e **tudo** começou a jogar futebol, foi um sarro. (25L0992)
(20) Vida de marinheiro é dura. Que ali nós temos que saber... nós temos que *ser bombeiro*, *apagar incêndio*, nós temos que fazer **tudo** (...) Nós não vamos chamar o pessoal de fora pra fazer os reparos do navio. (06L0801)

⁶⁰ Para maiores detalhes, remetemos ao capítulo (???) sobre o funcionamento de **tudo**.

(21) Eu não pretendo me *casar*, mas acho que vou esperar me formar, um negócio assim, né? ter uma vida estável, ter ***tudo dentro de casa***, pra depois me preocupar com casamento, né? (35L0446)

Formas do Quantificador

Além das formas de codificação da entidade, destacamos algumas formas que se prendem ao quantificador ***tudo***. Ao controlar tais formas, pretendemos identificar se algumas delas podem estar se especializando em certas funções.

- ***tudo*** – (quando o quantificador não estiver acompanhado de nenhuma das formas descritas abaixo);
- ***de tudo***;
- ***tudo bem*** – (nos casos em que não temos um verbo expresso e estas duas formas aparecem em contextos como o seguinte: “Hoje é uma coisa que se a gente for, ***tudo*** bem, se não for também não faz diferença pra gente, né?”);
- ***tudo bom?/tudo bem?***– (quando usadas de forma interrogativa, significando cumprimento);
- ***tudo (...)*** *a gente/ a gente (...)* ***tudo*** – (quando ***tudo*** estiver ligado a ‘a gente’ podendo ser no mesmo sintagma ou não ‘A gente ***tudo*** dormia em quarto separado’ ou ‘A gente dormia ***tudo*** em quarto separado’);
- ***nós (...)*** ***tudo*** – (também podem estar no mesmo sintagma ou não);
- ***eles/elas (...)*** ***tudo***;
- ***tudo isso/isso tudo/tudo aquilo/aquilo tudo***;
- ***tudo (o) mais***;
- ***tudo assim/assim tudo***;
- ***e tudo***;
- ***tudo quanto é...***;
- ***tudo (o) que...***;

Para a análise empírico-teórica da definitude, postulamos que a descrição dessa propriedade semântico-discursiva envolve as seguintes noções: *referencialidade*, *especificidade e delimitação de quantidade* (conforme definições encontradas na bibliografia consultada, apresentadas adiante); e *o papel do falante em relação à entidade quantificada*

(noção agregada à análise empiricamente pela observação dos dados). A análise segue as seguintes etapas⁶¹:

1) Partimos da análise da referencialidade, conforme Givón, já que esta é uma das condições básicas para a *definitude*, codificando os dados, conforme o status referencial:

- [referencial 1]
(22) Até um dia ele comprou *dois cacho[s] de banana* e fez ela comer **tudo**.
(01L0526)
- [referencial 2]
(23) Até passou os lados do quarto dele, viu? as fardas dele, o uniforme dele dentro do colégio, **tudo**. (04L1202)
- [referencial 3]
(24) Por isso que *político* mesmo é **tudo** uma ‘m’, não tem.
(25L0457)
- [referencial 4]
(25) Se ele ia limpar *uma janela*, depois a gente sujava **tudo** de novo. (01L0441)
- [referencial 5]
(26) Ah, toda perda é difícil, né? Toda perda é triste, todo mundo ficou muito triste, né? Depois que ele morreu ficou **tudo** diferente...” (13L0635)
(27) Então **tudo o que eu viajei** foi quando eu, na época, era motorista na repartição. (02L0117)

3) Identificamos cada ocorrência com as informações de quantidade, pois a *determinação/delimitação* está associada, no caso de nossos dados, a noções numéricas, ou seja, a identificação de cada ocorrência é feita, conforme contenha:

- expressa com número exato (‘dois cachos de banana’, ‘dois quilos de arroz’, ‘duas colheres de açúcar’⁶²)

⁶¹ Para maiores detalhes, remetemos ao capítulo VI.

⁶² Especificamente para os contextos de receitas culinárias, consideramos as medidas convencionais (‘uma xícara’, ‘uma colher’) como quantidade expressa com número exato. Para todas as outras ocorrências é mantido o critério de números exatos, ou seja, quantidade de componentes de um grupo ‘três meninos’ ou quantidade de substância de uma entidade ‘trezentos gramas’, ‘dois metros’, por exemplo.

- expressa com número aproximado (‘dois ou três cachos de banana’, ‘uns, dois metros, mais ou menos’);
- sem informação de quantidade.

3) Passamos pelas *relações de retomada da entidade* (RRE) (identidade e inclusão), adaptadas da proposta de Enç, para saber em que medida **tudo** retoma a entidade expressa no discurso, com a análise dos traços:

- identidade;

(27) Posso dançar com *as menina[s]* **tudo** lá0 que dança um monte de mulher com mulher, né? (26L0281)
- identidade/inclusão;

(28) Se ele ia limpar uma janela, depois a gente sujava **tudo** de novo. (01L0441)
- inclusão por nomeação;

(29) Foi assim na piscina, todo mundo caía na piscina de *roupa e tudo*. (28L1101)
- inclusão por desencadeador;

(30) Os meus pais eram *ricos*, aí vieram pra cá, perderam **tudo**, que quando eu fiquei grande, que eu fui conhecer (...) o ribeirão, o rio vermelho foi depois, agora, de grande (...) o meu filho mais velho me trouxe e me levou lá pra mim conhecer. (08L0042)
- sem relação identificada.

(31) **Tudo** bem, ele foi embora, o que é que eu vou fazer, né? (02L1384)

4) Por último, analisamos outro grupo de fatores/traços identificados empiricamente na observação dos dados e também controlado na análise: o papel do falante com relação à entidade quantificada [+participante], [-participante]:

- participante da entidade/grupo;

(32) *A gente* quando voltou do filme, né? *a gente* sempre costumava brincar de que ia procurara o king kong. Então se metia no meio do mato (...) na mata afora, descendo **tudo** sujo. (01L0081-94)
- não participante.

(33) Ah! contam, contam bastantes coisas principalmente também a minha vó, né? que conta da trindade, que não existia aquela casa, né? e não existia aquele caminho, agora existe, que *onde que é a beira mar norte ali* era **tudo** mangue, né? ali era **tudo** mar. (04L0049)

O resultado das quatro etapas de análise descritas acima é a identificação dos graus de definitude. Vejamos alguns exemplos de ocorrências para cada grau:

- [definido 1]

(34) Até um dia ele comprou *dois cacho[s] de banana* e fez ela comer **tudo**.
(01L0526)

- [definido 2]

(35) Eram *oito ou nove crianças, eu, meus irmãos e meus primos*, durante as férias, na casa do meu avô (...) brincava de fazer comida no barco (...) *Nós* comia[mos] **tudo** dentro do barco. Entrava todo mundo pra dentro do barco e comia lá dentro, né?
(01L0819)

- [definido 3]

(36) Nós gostávamos de abrir o armário porque ele era muito grande, e era muito alto (...) e um dia quebrou **tudo**, foi *copo, prato* pra tudo quanto era lado (01L0775-0776)

- [definido 4]

(37) Olha, eu escuto **tudo** que é tipo de música. (33L0444)

- [definido 5]

(38) Não sei, é meio estranho, mas eu acho que pra *cozinhar* tu tens que estar numa boa, assim, [aquela]- de *cozinhar*, de preparar **tudo** com calma, assim, né? (01L0691)

- [definido 6]

(39) Foi uma coisa assim que me marcou muito, eu não consigo esquecer, né? e a mãe, toda vida, foi **tudo** pra mim. (03FAPL1046)

CAPÍTULO V

5 O FUNCIONAMENTO DE *TUDO*

Este capítulo destina-se a mapear o funcionamento de *tudo* na língua falada de Florianópolis. O funcionamento deste item é descrito a partir da relação que estabelece com a entidade à qual está ligado no contexto discursivo, considerando-se, portanto, aspectos semântico-discursivos.

Reapresentamos abaixo as questões e hipóteses que norteiam o desenvolvimento do capítulo:

Questão a): Em que medida o uso oral de *tudo* corresponde à classificação tradicional, segundo a qual (i) é *pronome indefinido*, (ii) vem desacompanhado de substantivo e (iii) se aplica à terceira pessoa gramatical quando esta tem sentido vago ou exprime quantidade indeterminada?

Hipótese a): O uso de *tudo* não corresponde completamente à classificação tradicional. Esse item lexical pode (i) vir acompanhado de substantivo ou não, (ii) ter sentido vago ou não, e ainda (iii) exprimir quantidade indeterminada ou determinada. Portanto, o que a classificação tradicional chama de *pronome indefinido* recobre apenas parte do uso de *tudo*.

Questão b): Quais as subfunções desempenhadas pelo quantificador (Q) *tudo* na fala de Florianópolis?

Hipótese b): As subfunções desempenhadas pelo quantificador *tudo* são depreendidas basicamente a partir de seu escopo (estreito e alargado) e de suas relações fóricas (diretas e indiretas), sendo assim identificadas:

- (Q) Imediato;
- (Q) Super Genérico;
- (Q) Dêítico;
- (Q) Anafórico;
- (Q) Catafórico;
- (Q) Anafórico e Catafórico.

Pre vemos que a multifuncionalidade de **tudo** se organiza hierarquicamente da seguinte maneira: a *função* de quantificador (Q) recobre *subfunções* que, por sua vez, podem recobrir *tipos*, tais como: resumitivo, ampliador, enfatizador de atributos. Pre vemos ainda a possibilidade de sobreposição de (sub)funções, particularmente de tipos, dado o caráter contínuo das categorias.

Questão c): Quais os contextos em que o (Q) **tudo** mais ocorre?

Hipótese c): Há maior recorrência de **tudo** em contextos nos quais a entidade E e quantificada não esteja representada no mesmo sintagma.

Como já mencionado, a função mais geral de **tudo**, em nossa amostra, é a de quantificador⁶³, na qual mantemos nosso foco de análise. Salientamos, conforme já dito na Introdução, que Quantificadores são modificadores que se combinam com entidades, contextuais ou não, em termos de: a) tamanho do conjunto de indivíduos representados por uma *quantidade numerável*, ou seja, uma pluralidade divisível em partes descontínuas; e b) dimensão da substância que está sendo referida, representada por uma *quantidade mensurável*, ou seja, uma grandeza divisível em partes contínuas, em uma, duas ou mais dimensões. Especificamente o *quantificador tudo* é um modificador em termos da totalidade do conjunto ou da totalidade e/ou intensificação da dimensão da substância. As entidades quantificadas por **tudo** se apresentam de maneira diversa, conforme sejam de natureza numerável ou mensurável.

A função de quantificação é identificada nos mais diversos contextos, o que nos leva a mapear subfunções do quantificador e, para algumas subfunções, temos ainda diferentes tipos. Nas próximas seções, apresentamos o mapeamento de **tudo** quantificador, descrevendo cada subfunção e seus respectivos tipos, bem como quantificando a frequência de uso nos diversos contextos. Este capítulo está organizado da seguinte maneira: **Tudo: quantificador multifuncional**; *Apresentando as subfunções e seus tipos*; e *Quantificando o quantificador e discutindo os percentuais de frequência*.

⁶³ Ver metodologia, dados excluídos da análise, capítulo IV.

5.1 **TUDO: QUANTIFICADOR MULTIFUNCIONAL**

Considerando basicamente a questão do escopo, a função de quantificador (Q) apresenta-se em seis subfunções, assim identificadas por nós: (Q) Imediato, (Q) Super Genérico, (Q) Dêitico, (Q) Anafórico, (Q) Catafórico e (Q) Anafórico e Catafórico. Enfatizamos que estamos operacionalizando essas funções numa hierarquia, na qual cada subfunção pode dividir-se em tipos distintos, como no quadro 1. A identificação de cada subfunção e seus respectivos tipos será apresentada ao longo desta seção.

Os contextos de ligação entre a entidade quantificada e **tudo** podem ser assim divididos:

- a) **Estreito** – **tudo** e a representação nominal da entidade quantificada estão no mesmo sintagma.
- b) **Alargado** – neste contexto, **tudo** pode estar ligado a um nome ou a outros elementos que desencadeiem sua ligação com a entidade; tais elementos, quando existem, devem estar em outro sintagma, que não o do quantificador, podendo estar na mesma sentença ou fora dela. Há ainda os casos nos quais **tudo** não mantém ligação com nenhum elemento textual e a ligação com a entidade se dá pragmaticamente.

No contexto *estreito*, temos o quantificador que mantém relação *imediata* com a entidade quantificada, como em (01), no qual **tudo** e ‘guria’ estão no mesmo sintagma:

(01) Eu acho que eu era doente por causa desse negócio de limpeza. As *gurias*[s] **tudo**, até as minhas colegas assim sempre, elas, até as vezes, diziam pra mim.
(03L0596)

No contexto *alargado*, inserem-se os quantificadores que mantêm relação *vaga* ou *dêitica* com a entidade quantificada e os que mantêm relação *fórica*. Este último tipo de relação é subdividido ainda em dois: relações fóricas *diretas* – a entidade quantificada é expressa nominalmente no texto; relações fóricas *indiretas* – a entidade

Contextos de ligação entre o quantificador e a entidade quantificada:

a) Estreito

Relação entre o quantificador e a entidade quantificada:

- Imediata



Subfunção do Quantificador:

A) (Q) Imediato

Contextos de ligação entre o quantificador e a entidade quantificada:

b) Alargado

Relação entre o quantificador e a entidade quantificada:

- Vaga
- Dêitica
- Fórica
 - i. Direta;
 - ii. Indireta



Subfunções do Quantificador:

B) (Q) Super Genérico

C) (Q) Dêítico

D) (Q) Anafórico

Tipos de (Q) Anafórico:

D1) Anafórico propriamente dito

D2) Enfatizador de atributos

D3) Resumitivo

D4) Ampliador

D5) Ampliador/Resumitivo

D6) Ampliador/Planejador verbal

E) (Q) Catafórico

Tipos de (Q) Catafórico:

E1) Catafórico propriamente dito

E2) Resumitivo

E3) Ampliador

E4) Ampliador/Resumitivo

F) (Q) Anafórico e Catafórico

Tipos de (Q) Anafórico e Catafórico:

F1) Ampliador

F2) Ampliador/Resumitivo

quantificada é inferida através de um *desencadeador de ligação*⁶⁴. Detalhamos, abaixo, como as relações do contexto alargado são expressas.

Relação Vaga – a relação entre quantificador e entidade quantificada é estabelecida pragmaticamente por conhecimento de mundo compartilhado entre falante e ouvinte. O que se infere que seja a entidade em questão remete a coisas muito abrangentes, como “vida” e “mundo”. Vejamos um exemplo:

(02) Ah, toda perda é difícil, né? Toda perda é triste, todo mundo ficou muito triste, né? Depois que ele morreu ficou **tudo** diferente...” (13L0635)

Relação Dêitica – a relação é estabelecida exoforicamente com algo extratextual no momento de fala, por uma espécie de apontamento do falante, ou seja, **tudo** mantém relação com uma entidade inferida a partir de um gesto ostensivo.

(03) É, mas o que a senhora quer mais saber? (...) está gravando **tudo**?⁶⁵ (06L0989)

Relação Fórica – a relação entre quantificador e entidade quantificada é estabelecida através de algum elemento textual, seja ele uma expressão nominal ou um *desencadeador*. Essa relação subdivide-se em dois tipos: *direta* e *indireta*, podendo ser *anafórica*, *catafórica* ou *anafórica e catafórica*.

- i. *Relação fórica direta* – através de uma ou mais formas que designem a entidade no discurso, como no exemplo (04) abaixo, no qual **tudo** retoma ‘dois cachos de banana’, ou no exemplo (05), no qual **tudo** retoma ‘música’⁶⁶:

(04) Um dia ele comprou *dois cachos de banana* e fez ela comer **tudo**. (01L0526)

⁶⁴ Fazemos aqui uma analogia ao “*desencadeador de antecedente*”, postulado por Cornish (1987, 1990), segundo o qual, seria o “segmento textual (quando ele existe) que mais provavelmente tornou a referência *anafórica* possível” (*apud* Apothélos ([1995] 2003 p. 58). Como mencionado na seção 3.2 sobre referência, no capítulo III, adotamos uma noção alargada de anáfora e o que se postula para anáfora se estende para todos os processos fóricos, em nosso estudo; por isso adaptamos a denominação “*desencadeador de antecedente*” para “*desencadeador de ligação*”, com o intuito de contemplar todos os processos fóricos.

⁶⁵ Um exemplo desse tipo de dêitico está descrito na dissertação de Gasparini (2001): ‘Assim se fala, assim se escreve’. Como esta autora, não afirmamos que o gesto descrito aconteça, pois não temos como recuperar a imagem do momento de fala, apenas supomos sua possível realização para explicar a natureza dêitica presente nesses casos.

⁶⁶ Em expressões do tipo ‘**tudo** que é tipo de música’, temos relação fórica direta entre **tudo** e ‘música’. Neves já descreve esse uso: **tudo que é** – ‘em registro distenso para indicar a totalidade no plural’. Como veremos no item ‘B’ da subseção 5.1.1, alguns casos com expressões deste tipo serão categorizados como (Q) super genérico, por conterem nomes que remetem a coisas muito generalizantes como ‘o mundo’.

(05) Olha, eu escuto **tudo** que é tipo de *música*. (27L0444)

- ii. *Relação fórica indireta* – por inferência pragmática ativada por um *desencadeador de ligação*, que pode ser uma palavra, um sintagma ou construções maiores. Em termos semântico-pragmáticos: uma forma ou expressão citada ao longo do texto ativa inferencialmente o que deve ser a entidade quantificada. Vejamos os exemplos:

(06) Os meus pais eram *ricos*, aí vieram pra cá, perderam **tudo**, que quando eu fiquei grande, que eu fui conhecer (...) o Ribeirão, o Rio Vermelho foi depois, agora, de grande (...) o meu filho mais velho me trouxe e me levou lá pra mim conhecer. (08L0042)

(07) Então **tudo o que eu viajei** foi quando eu, na época, era motorista na repartição. (02L0117)

Em (06), temos um **tudo** sem um nome ao qual se ligue no discurso, mas o item “ricos” funciona como *desencadeador de ligação* entre **tudo** e coisas classificáveis como “bens materiais” (casa, carro, fazenda, etc). A ligação é inferida por associação dos fatos: se os pais eram “ricos” e perderam **tudo**, então perderam “bens materiais”. Em (07), o **tudo** está quantificando a expressão ‘o que eu viajei’. Diferentemente de (05), a construção não será considerada fórica direta, por não termos aí um *nominal* que possa representar a entidade quantificada. Para chegarmos a um nominal que represente a entidade quantificada, que poderia ser ‘viagens’, temos que inferir através da expressão verbal⁶⁷ ‘**tudo o que eu viajei**, que é, portanto, *desencadeadora de ligação*.

5.1.1 APRESENTANDO AS SUBFUNÇÕES⁶⁸ E SEUS TIPOS

A) (Q) Imediato – É o quantificador que mantém relação imediata com a entidade quantificada, por estar no mesmo sintagma.

⁶⁷ Em Neves, conforme apresentado no capítulo II, esse uso é descrito como ‘em referência a todos os objetos, ações, atividade ou fatos de uma situação particular’. Concordamos com a autora que esse uso remeteria a situações particulares e acrescentamos que a entidade quantificada manteria relação fórica indireta com **tudo**.

⁶⁸ A função de quantificador já foi apresentada, tal apresentação servirá de base para cada uma de suas subfunções; também as características de cada uma das subfunções servirão de base para a descrição dos respectivos tipos.

(08) Posso dançar com *as menina[s]* **tudo** lá0 que dança um monte de mulher com mulher, né? (26L0281)

(09) Porque0 uma vez ele ele soltou as galinhas, foi tudo pra debaixo de um porão, aí foi *o ovo* **tudo** para o pau. (28L0904)

B) (Q) Super Genérico – É a subfunção do quantificador **tudo** que ocorre no contexto alargado do tipo vago. Nessa subfunção, o **tudo** está quantificando generalizações universais como ‘a vida’, ‘o mundo’, ‘as coisas da vida’ ou ‘as coisas do mundo’; e pode ocorrer isolado em um sintagma ou em construções do tipo ‘**tudo** quanto é coisa’⁶⁹, ‘**tudo** quanto é lado’, ‘**tudo** quanto é canto’, ‘**tudo** bem’ e outras tantas que expressem contextos tão genéricos quanto estes. O item **tudo**, nesta função, parece ter seu uso instituído pelo *conhecimento compartilhado de mundo* entre falantes e ouvintes como ‘a expressão mais genérica’ que expressa coisas tão abrangentes quanto ‘a vida’ ou ‘o mundo’.

(10) Foi uma coisa assim que me marcou muito, eu não consigo esquecer, né? e a mãe, toda vida foi **tudo** pra mim. (03L1046)

(11) Ma0s aí sábado eu me viro, né? eu pego roupa de **tudo** quanto é canto. (09L0313)

C) (Q) Dêítico – Nessa subfunção, **tudo** não estabelece relação com um elemento textual, há uma relação dêítica, ou seja, a entidade a ser quantificada estabelece sua referência na situação de fala. No exemplo citado abaixo, não há um nome de entidade ou um desencadeador, mas sabe-se que a quantificação atua sobre uma entidade estabelecida na situação de fala indicada por um gesto do falante (movimentos com as mãos de ida e volta em direção ‘falante \leftrightarrow ouvinte’).

(12) É, mas o que a senhora quer mais saber? (...) está gravando tudo? (06L0989)

D) (Q) Anafórico – Nessa subfunção, **tudo** é quantificador que estabelece relação de anáfora com a entidade quantificada, ou seja, remete a um antecedente no discurso. A função de *quantificador anafórico* pode agregar uma das seguintes subfunções: ‘*anafórico propriamente dito*’, ‘*ênfatisador de atributos*’, ‘*resumitivo*’, ‘*ampliador*’, ‘*ampliador/resumitivo*’, ‘*ampliador/planejador verbal*’.

Tipos de (Q) Anafórico

D.1) Anafórico propriamente dito - Nesse tipo, o quantificador conserva as características da subfunção (anafórico). É relativamente neutro no sentido de que não traz nenhuma informação adicional, como fazem os anafóricos que são listados mais abaixo. Como em qualquer outro tipo de fórico, neste tipo temos as relações diretas e indiretas. Em () temos um exemplo de anafórico direto e em (??) temos um anafórico indireto, já que não tem a entidade representada nominalmente, mas por um *desencadeador de ligação*: ‘cozinhar’. O item cozinhar indica o que **tudo** estaria quantificando: ‘comida’.

(13) Um dia ele comprou *dois cachos de banana* e fez ela comer **tudo**.
(01L0526)

(14) Não sei, é meio estranho, mas eu acho que pra *cozinhar* tu tens que estar numa boa, assim, [aquela]- de *cozinhar*, de preparar **tudo** com calma, assim, né? (01L0691)

D.2) Enfatizador de atributos – Nesse tipo de anafórico, **tudo**, além de quantificar a entidade à qual está ligado, enfatiza os atributos da mesma, explicitados no discurso. Os dados dessas ocorrências se assemelham em muito aos ‘advérbios’, por estarem bastante associados a expressões adjetivas enfatizando seu sentido. Levando em conta que essas mesmas ocorrências contêm traços de quantificação por estarem ligadas a entidades quantificáveis, optamos por reunir o que seriam duas funções, *quantificador* e *enfatizador*, em uma só. **Tudo** aparece no mesmo sintagma no qual está o elemento discursivo que atribui determinada característica à entidade quantificada. O sintagma do qual **tudo** faz parte se assemelha com o tradicionalmente classificado *predicativo do sujeito*⁷⁰, por vir depois de um verbo de ligação e os atributos serem expressos mais comumente por adjetivos ou verbos no particípio. Em alguns casos, os atributos vêm expressos por sintagmas preposicionados, como ‘de Criciúma’ no exemplo (16). Note-se que podemos comutar este sintagma ‘de Criciúma’ por um adjetivo

⁶⁹ Neves (vide capítulo II) cita esse uso “tudo quanto é”, mas não diferencia “tudo quanto é coisa” de “tudo quanto é cachorro”, por exemplo. Estamos considerando o primeiro exemplo, (Q) super genérico e o segundo, (Q) catafórico, dada a natureza distinta de cada uma das entidades quantificadas ‘coisa’ e ‘cachorro’.

⁷⁰ Neves (vide capítulo II) descreve um uso de **tudo**, ao qual chama *predicativo do sujeito*, o que poderia se aproximar da função descrita por nós, contudo os exemplos que usa para ilustrar se diferenciam dos nossos. Um dos exemplos usados pela autora é: ‘Meu marido é **tudo** para mim’. o qual seria categorizado por nós como (Q) super genérico, pois o quantificador remete às coisas do mundo. Não discordamos da análise da autora, apenas alertamos para o fato de que o foco da autora é um pouco diferenciado do nosso: o foco não está na ligação entre quantificador e entidade, tampouco no **tudo** enquanto quantificador.

‘criciumenses’. Em outros casos ainda temos, no lugar de um adjetivo, um substantivo, o que pode acontecer especificamente com as entidade de quantidade mensurável, como em (17):

(15) Os meus livro[s] eram **tudo** recortados. (01L0185)

(16) Mas justamente eu não posso contar com a família dele, porque é **tudo** de Criciúma. (03L0410)

(17) Tinha a Conselheiro Mafra também, era **tudo** paralelepípedo, né? era **tudo** caminho aberto. (18L0620)

D.3) Resumitivo⁷¹ – Nessa subfunção, *tudo* anaforiza uma enumeração de constituintes de uma entidade/grupo, que se resume apenas aos itens citados. Ou seja, os elementos citados representam a totalidade dessa entidade. A identificação dessa função só é possível a partir de certas convenções que fazem parte do *conhecimento de mundo compartilhado* entre falante e ouvinte. De acordo com tais convenções, não há possibilidade de que o falante tenha a intenção de quantificar outros itens que não tenham sido mencionados, já que a entidade/grupo não possui mais nenhum item além dos que são citados. Há uma forte influência pragmática para a delimitação desta função. Talvez o exemplo mais prototípico esteja em receitas de comida, como (18), no qual *tudo* resume os itens listados. Outro exemplo está em (19): embora não faça parte de nenhum grupo pré-estabelecido e não exista nenhuma convenção que determine que o grupo em questão se resume ao que é previamente dito, o falante delimita o grupo no texto quando descreve uma situação cotidiana vivida pela família composta pelo falante, sua esposa e seus dois filhos.

(18) Primeiro bota *dois ovos*, bota *uma xícara de açúcar*, bota *uma colher de margarina*, aí tá, bate **tudo**.(28L0341)

(19) Na hora de sair de manhã era *eu a esposa e os dois filhos*, botava **tudo** dentro do fusquinha, ela ia pra uma universidade, eu ia pra repartição e botava os filhos na escola. (13L1032)

D.4) Ampliador – O quantificador *tudo* retoma um item ou uma enumeração de itens da (entidade/grupo), que são citados como exemplos de um paradigma que não se resume textualmente. O falante cita um ou alguns dos itens para exemplificar e quantifica-os com o

⁷¹ Alguns autores citados na revisão da literatura já denominaram alguns usos de **tudo** como ‘resumitivo’, (ver capítulo II: Pinto (1996); Monteiro (1999); Loureiro (1998); Pereira e Rodrigues (2004); e Neves (2000)). Atente-se para o fato de que muitos dos exemplos categorizados por estes autores como ‘resumitivos’ são categorizados nesta dissertação como ‘ampliadores’.

tudo, indicando a ampliação da quantificação para outros elementos da entidade/grupo. A ampliação só é possível pelo *conhecimento compartilhado de mundo* entre falante e ouvinte. O ampliador funciona como o elemento ‘etc’, em língua portuguesa. Há uma forte influência pragmática para a identificação desse tipo de anafórico. No entanto, algumas pistas formais se fazem necessárias para a delimitação do que seria um *ampliador* e não um *resumitivo*, nem um *planejador verbal*⁷². A presença de um ampliador é identificada, por, pelo menos, uma das pistas formais abaixo:

- A partícula ‘e’ antes de **tudo**.

(20)...foi assim na piscina, todo mundo caía na piscina de roupa e **tudo**. (28L1101)

Em (20), ‘e **tudo**’ vem depois do item ‘roupa’, indicando a ampliação da quantificação para outras coisas da mesma natureza, ou seja, adição de outros itens da mesma natureza, como roupa ‘e’ sapato, bolsa, chapéu ou qualquer outra coisa que as pessoas estivessem vestindo na ocasião.

- A partícula ‘mais’ depois de **tudo**.

(21) Por isso que eu acho que foi tão forte0 e que me impossibilitou de fazer uma série de coisas, tipo estudo, né? **tudo** mais. (01L1015)

Em (21), ‘**tudo** mais’ funciona da mesma maneira que o ‘e **tudo**’, sugerindo adição de componentes no grupo citado.

- Uma sequência de ações/eventos/estados com repetição de verbos, sendo que junto a um desses verbos está o **tudo**.

(22) ...no caminho, foi horrível, todo mundo com sono, tinha batuque, tinha **tudo**. (28L0965)

Em (22), a repetição do verbo ‘ter’ acompanhado de **tudo** indica a ampliação da quantificação de **tudo** sobre ‘batuque’. Esta ocorrência está inserida em um contexto de ‘viagem de ônibus’, ou seja, **tudo** sugere que, além de batuque, existiam outras coisas que

⁷² Em algumas ocorrências tais limites são muito tênues e por isso distribuímos a categorização desta subfunção em mais duas: *ampliador/resumitivo* e *ampliador/preenchedor de pausa*.

importunavam quem estava com sono naquele ônibus. Alguns exemplos do que poderiam ser essas coisas são: *conversas em alto som, crianças chorando e etc.*

D.5) Ampliador/Resumitivo – Como esclarecido acima, algumas ocorrências de *tudo* são, nitidamente, do tipo *ampliador*, mas outras nos deixam em dúvida quanto a sua categorização. O *ampliador/resumitivo* é uma desses tipos porque pode ter características do que denominamos de *ampliador* e do que denominamos de *resumitivo*. Nesse tipo de anafórico, *tudo* ocorre depois da citação de mais de um item da entidade/grupo, mas não há o que indique a intenção do falante de resumi-lo ou ampliá-lo. Diferentemente das ocorrências do *resumitivo* e do *ampliador*, não temos, nesse tipo de anafórico, a quantificação de um grupo pré-estabelecido ou delimitado textualmente, nem marcas formais que indiquem ampliação.

(23)- Até passou os lados do quarto dele, viu? as fardas dele, o uniforme dele dentro do colégio, *tudo*. (04L1202)

No exemplo (23), é certo que *tudo* quantifica os itens mencionados, mas não há pistas sobre a intenção do falante (resumir ou ampliar?), pois, no *conhecimento de mundo compartilhado* entre falante e ouvinte, não existe um grupo pré-determinado que se complete apenas com aqueles itens; há possibilidade de inserção de outros itens como: ‘as botas’, ‘os materiais escolares’, etc. Contudo, também não podemos afirmar que se trata de ampliação, dada a ausência de marcas que apontem para isso; o falante pode ter a intenção de quantificar só o que é citado.

D.6) Ampliador/Planejador verbal – Como no caso do anafórico anterior, as ocorrências deste tipo ficam entre os limites de duas funções: *ampliador* e *planejador verbal*. Planejador verbal, nesta dissertação, é tido como elemento com importante relevância no discurso, visto que desempenha função relativa à organização da fala, no que tange a marcação de relações entre partes do texto⁷³. Vejamos alguns exemplos:

(24) Vou *estudar no rio*, *tudo*. A minha mãe não queria muito, mas eu vou. (29L0158)

⁷³ Nossa descrição do que seria um *planejador verbal* se limitará às características assumidas pelo item *tudo*, nesta dissertação. Para maiores detalhes sobre essa função em outros itens como: *tá?*, *certo?*, ver Freitag (1999, 2001).

(25) Eu já ouvi a banda deles, **tudo**, gostei, **tudo** (...) aí eu vou lá, assisto o show, **tudo**. (est) (29L0329)

Em cada um dos exemplos (24 e 25) podemos perceber a possibilidade de ampliação, já que temos a citação de um item que pode fazer parte de uma entidade/grupo como nos exemplos apresentados para ilustrar a função de ampliador. Contudo, temos a menção de apenas um item e não temos as pistas que indicam a ampliação ('e', 'mais' ou repetição de verbos). Então, com apenas um item e sem as pistas textuais do ampliador, como categorizar estas ocorrências? Além das características de ampliação, percebemos alguns traços de *planejador verbal*, uma vez que **tudo** está contribuindo para a organização textual. Em (24), por exemplo, temos um **tudo** que, ao mesmo tempo em que pode estar ampliando o sentido de 'vou estudar no Rio', pode estar sendo usado como planejador verbal, ou seja, o falante usa-o como recurso para manter o turno enquanto planeja a próxima fala: 'A minha mãe não queria...'. O mesmo acontece com o exemplo (25), no qual **tudo** pode estar ampliando e/ou sendo usado como *planejador verbal* de cada uma dos trechos que o sucede. Sem traços que caracterizem apenas uma função optamos por criar uma categoria híbrida, com características sobrepostas de ambas.

E) Catafórico – Nessa subfunção, **tudo** é quantificador que mantém relação catafórica com a entidade que o sucede no discurso. A subfunção *catafórica* pode agregar outras subfunções: *catafórico propriamente dito*, *ampliador*, *ampliador/resumitivo* e *resumitivo*.

Tipos de (Q) Catafórico

E.1) Catafórico propriamente dito – Nessa subfunção o quantificador conserva as características do tipo de função (catafórico). É relativamente neutro no sentido de que não traz nenhuma característica ou informação adicional, como fazem os catafóricos que são listados mais abaixo. Nessa função, além de ocorrências como (26) com entidade nomeada no texto 'as louças que ela gostava', exemplos com as expressões '*tudo (o) que é tipo de (...)*', '*tudo (o) que é(...)*', '*tudo quanto é (...)*' são muito recorrentes, como veremos na análise dos resultados, ao final deste capítulo. Vale ressaltar que ocorrências com estas expressões só são consideradas 'catafóricas' quando temos uma entidade nomeada ou inferida mais específica do que os casos já citados nos (Q) super genéricos '*tudo que é lado*', '*tudo quanto é coisa*'. Nas ocorrências de 'catafóricos' as expressões são, por exemplo, '*tudo que é tipo de música*', '*tudo que eu viajei*', '*tudo quanto é classe social*'. Exemplificando:

(26) Quebrou **tudo**, as *louças* que ela gostava, tudo. (01L0742)

(27) Olha, eu escuto **tudo** *que é tipo de música*. (27L0444)

(28) (E)⁷⁴ Como é que eram as brincadeiras de vocês? (F) É, nós brincávamos de **tudo**. *Em casa assim, pegava um carrinho, o outro pegava. Nós pegávamos uma lata de, uma tampa de lata de cera, pegava um pedaço de pau, pegava um martelo do coitado do papai lá, e pegava um prego e botava ali e ficava brincando de carrinho, pra lá e pra cá, com aquele troço*. (02L0978-980)

(29) Então **tudo** *o que eu viajei* foi quando eu, na época, era motorista na repartição. (02L0117)

Pelos exemplos, temos ilustrados os vários tipos de entidade que podem ser quantificadas por **tudo** nesse tipo de *catafórico*. Em (26) e em (27) temos o que chamamos de *fórico direto*, em que a entidade quantificada está nomeada textualmente ‘*as louças que ele gostava*’ e ‘*música*’. Já, em (28) e em (29) não temos entidades nomeadas, mas inferidas a partir de desencadeadores por relação *fórica indireta*: ‘*o que eu viajei*’ e todo o trecho que descreve as brincadeiras, sem dar nomes às mesmas, em (29).

E.2) Resumitivo – O quantificador **tudo**, nesta subfunção, cataforiza uma enumeração de entidades, que representam totalidade de itens de um paradigma (grupo de coisas, entidades), se resumindo, assim, no discurso⁷⁵. Da mesma maneira que o *catafórico ampliador*, **tudo** introduz um enunciado, introduz a entidade a ser quantificada. Contudo, resume o sentido dos itens enumerados.

(30) [Falando de cinco irmãos] Só ele e o menor que trabalham na firma mas os outros **tudo** *um trabalha na telec, um que trabalha no banco real, o outro é gerente do econômico, né?* que foi uma família que veio do nada, e hoje estão todos eles bem, né? (20L0375)

E.3) Ampliador – O quantificador **tudo**, nesta subfunção, cataforiza um item ou uma enumeração de itens constituintes de uma entidade/grupo, que são citadas como exemplo de

⁷⁴ ‘E’ antecede a fala do entrevistador e ‘F’ a fala do informante.

⁷⁵ As considerações sobre a função resumitiva anafórica não se diferenciam das considerações sobre a função resumitiva catafórica, exceto pelo que diz respeito à ordem (não sabemos ainda se a ordem implica mudança de significado); por isso apresentaremos esta subfunção sucintamente, aqui.

um paradigma, entidade/grupo que não se resume no discurso⁷⁶. Nesse tipo de catafórico, **tudo** introduz um enunciado, introduz a entidade a ser quantificada, ampliando seu sentido.

(31) Eu não quero que isso aconteça e aí a gente sempre *conversa* à noite0 *sobre tudo*, ela sempre *conversa* comigo *sobre drogas, sobre sexo, sobre bastante coisa*, né? (36L0785)

Aqui, como em um dos exemplos de ampliador anafórico, ocorre a repetição de verbo indicando a ampliação: ‘conversar ... sobre **tudo**’, ‘conversa... sobre drogas, sobre sexo, sobre bastante coisa’. Além da repetição de verbos, há a inserção da expressão ‘bastante coisa’, que também indica ampliação.

(32) Ah, o trabalho que eu estou fazendo agora pra adn, né? que é uma firma de artes gráficas, que faz *de tudo*, né? *desde um panfletinho até se quiser montar uma construção de um outdoor* pra mandar pra firma do outdoor fazer. (25L0205)

Neste exemplo, temos também uma “repetição” de verbos, se considerarmos a elipse: ‘faz de **tudo**’ e ‘faz desde *um panfletinho até se quiser montar uma construção de um outdoor...*’. Além do verbo elíptico, aparecem os termos ‘desde... até’, sugerindo a ampliação do que está entre os dois itens citados.

E.4) Ampliador/resumitivo – As considerações sobre este tipo de catafórico não se diferem do que foi descrito para este mesmo tipo na subfunção de anafórico, exceto pela posição de **tudo** com relação à entidade quantificada textualmente. Os exemplos mostram a falta de pistas que nos levem a categorizar estas ocorrências como *ampliador* ou como *resumitivo*.

(33) Ah! eu sei fazer **tudo**, lasanha, estrogonofe. (25L0324)

(34) Ah! eu faço **tudo** (....) transporte, correspondência. (27L0144)

F) Anafórico e Catafórico – Nessa subfunção, **tudo** tem antecedente e sucedente⁷⁷, ambos remetendo a um mesmo grupo de coisas. De maneira geral, as considerações acima para *anafórico* e *catafórico* servem para a descrição da subfunção aqui apresentada, levando-

⁷⁶ As considerações sobre a função ampliadora anafórica não se diferenciam das considerações sobre a função ampliadora catafórica, exceto pelo que diz respeito à ordem.

se em conta que esta é uma combinação das outras duas. Essa subfunção divide-se em dois tipos *ampliador* e *ampliador/resumitivo*.

Tipos de (Q) Anafórico e Catafórico

F.1) Ampliador – Esse tipo não se diferencia das descrições deste para as outras subfunções, exceto pelo fato de que *tudo* tem antecedente e sucedente.

(35) Depois a gente foi pra uma associação que tinha no lado, *tinha piscina, tinha tudo, tinha futebol*, todo mundo, padre e tudo começou a jogar futebol, foi um sarro. (28L0992)

Nesta ocorrência, as pistas para a categorização como *ampliador* estão nos verbos repetidos antes e depois de *tudo*. A descrição pode ser uma associação que tem, além de ‘piscina’ e ‘futebol’, outras coisas como ‘salão de festas’, ‘bar’ etc.

(36) Tem um que trabalha aí *na ciasc*, tem o outro que trabalha *no palácio do governo*, tenho colega que trabalha *na secretaria da fazenda*, tenho colega da época que trabalha aí espalhado por *tudo quanto é lado*. (02L1187)

Esta é uma ocorrência curiosa por conter a expressão ‘*tudo quanto é lado*’, expressão esta categorizada por nós nas ocorrências de (Q) *super genérico* (ver primeira subfunção descrita nesta seção). A diferença, neste caso, é que temos a enumeração de itens da entidade/grupo (*ciasc*, *secretaria da fazenda*) antes da referida expressão. Em outras palavras, a expressão com ‘*tudo quanto é lado*’ amplia o sentido dos lugares citados ‘*ciasc*’, ‘*secretaria da fazenda*’.

F.2) Ampliador/resumitivo – Esse tipo de *anafórico e catafórico* não se diferencia das descrições deste para as outras subfunções, exceto pelo fato de que *tudo* tem antecedente e sucedente.

(37) A gente ajuda às vezes com as tarefas, mas *almoço, tudo* é ela que faz, *roupa*. (09L0312)

⁷⁷ O termo foi criado, neste trabalho, por analogia ao verbo suceder (vir a acontecer depois), para nomear a entidade que sucede o catafórico (também anafórico) *tudo*.

Não temos, no exemplo, indicações de que estamos diante de um ampliador ou de um resumitivo, por isso, mais uma vez temos uma categoria híbrida. **Tudo** pode estar quantificando apenas as tarefas de casa citadas ('almoço' e 'roupa' (lavar, arrumar roupa)) ou ampliando, já que sabemos, pelo conhecimento compartilhado, que as tarefas de uma casa não se resumem às mencionadas. Sem nenhuma pista que indique um ou outro tipo, optamos pela categorização *ampliador/ resumitivo*.

(38) Esse ano é mais chato, é sobre... você tem que estudar a cultura de países, do Japão, dos Estados Unidos, da África que isso **tudo** é difícil, ainda o relevo, o clima, daí eu não gosto muito.(36L0838)

A falante pode tanto estar resumindo as tarefas de uma determinada disciplina na escola, quanto ampliando-as.

(39) Então, ficava combinado assim: que o chofer iria nos buscar, ia eu, meu marido, os filhos, **tudo**, a minha mãe. (24L1262)

Parece-nos que pode haver um *resumitivo* aí, pelo fato de que um chofer busca pessoas em um carro, no qual cabe um número limitado de pessoas e só as referidas já lotam tal carro. No entanto, como o mesmo chofer pode buscar várias outras pessoas mais de uma vez, pode ser que estejamos diante de um ampliador. Ou seja, nada nos garante uma ou outra interpretação, pois não temos pistas formais e o conhecimento de mundo nada indica. Optamos, assim, pela categorização intermediária *ampliador/resumitivo*.

Fazendo um recorte dos tipos anafóricos (*resumitivo*, *ampliador/resumitivo*, *ampliador* e *ampliador/planejador verbal*) nas diversas subfunções, identificamos a possibilidade de um *continnum* de mudança entre tais categorias. Parece-nos que o **tudo**, claramente *resumitivo*, passa a ter características de *ampliador* e fica entre estas duas categorias como *ampliador/resumitivo*; desta categoria híbrida passa a *ampliador*; que, por sua vez, adquire características de *planejador verbal*, formando outra categoria híbrida, *ampliador/planejador verbal*; que, talvez, passe ou já tenha passado a, somente, *planejador verbal*. Ilustrando um possível *continnum*, teríamos o seguinte:

resumitivo → *ampliador/ resumitivo* → *ampliador* → *ampliador/planejador verbal*

A análise apresentada até o momento traz evidências favoráveis à hipótese (b) desta dissertação, pois conseguimos sistematizar as subfunções e tipos previstos para o **tudo**

quantificador na fala de Florianópolis: (Q) Imediato; (Q) Super Genérico; (Q) Anafórico – que pode agregar os tipos (anafórico propriamente dito, enfatizador de atributos, resumitivo e ampliador); (Q) Catafórico – que pode agregar os tipos (catafórico propriamente dito, resumitivo e ampliador); (Q) Anafórico e Catafórico dos tipos (ampliador e resumitivo); e (Q) Dêitico. Tal como prevíamos, encontramos a sobreposição de categorias como nos tipos híbridos *ampliador/resumitivo* e *ampliador/planejador verbal*..

5.1.2 QUANTIFICANDO O QUANTIFICADOR E DISCUTINDO OS PERCENTUAIS DE OCORRÊNCIA

Nesta seção, mostramos os resultados da quantificação dos dados feita com o objetivo de identificar quais os contextos de uso mais freqüentes de **tudo**. Além dos percentuais mais gerais, discutimos correlações entre as subfunções, os seus tipos, as formas da entidade e as formas do quantificador. Tendo feito todas essas correlações, teremos um mapeamento em termos numéricos do funcionamento de **tudo**.

Analizando os percentuais mais gerais de ocorrências do item **tudo** em nosso *corpus* de 1.095 dados, o contexto predominante é o alargado com 98% das ocorrências (1.077 dados), conforme os exemplos (40) e (41), contrapondo-se a 2% de ocorrências (18 dados) no contexto estreito, conforme o exemplo (42).

(40) Naquele tempo não, *os clube[s]* eram **tudo** aberto. (04L0550)

(41) É separado, ele tem todo o conforto (...) **tudo** o que é tipo de livro ele tem, sabes? (27L1191)

(42) Posso dançar com *as menina[s]* **tudo** lá0 que dança um monte de mulher com mulher, né? (26L0281)

Os resultados fornecem evidências favoráveis à nossa hipótese (c) que previa maior recorrência de **tudo** em contextos nos quais a entidade quantificada não esteja representada no mesmo sintagma. Como já mencionado, nossa hipótese se baseia no estudo de Pinto (1996) e de Back (1997): a primeira atesta um favorecimento do uso de **tudo** em contextos de *ausência de núcleo no sintagma*⁷⁸; e a segunda atesta tal favorecimento na *posição pós-verbal*⁷⁹.

⁷⁸ A autora exemplifica o contexto de ausência de núcleo no sintagma: ‘*os rapazes ali da vila vão tudo para lá.*’

Embora a descrição desses fatores (nos referidos trabalhos) não considere questões fóricas, os contextos destes se encaixam no que chamamos ‘fórico’ em nossa análise. No contexto imediato, temos um **tudo** ligado a um elemento núcleo, como em (43), o que pode, segundo Pinto, inibir o uso deste item:

(43) Gastava os bilhete[s] **tudo** na roda gigante, que eu mais gostava de andar. (L0481)

O gráfico (01) mostra os percentuais de ocorrências de **tudo** nos contextos estreito e alargado:

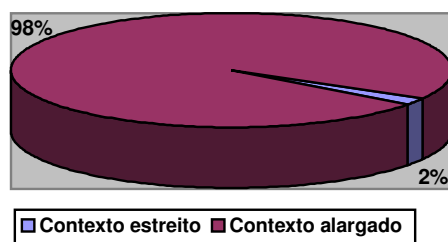


Gráfico (01): percentual de ocorrência de **tudo** nos contextos estreito e alargado

Dentre as 1.077 ocorrências do contexto alargado, o uso fórico é o que se destaca, com 86% (923 dados) em oposição a 1 dado no contexto dêitico e 14% (153) de uso no contexto vago. Este último contexto é identificado na subfunção de (Q) *super genérico*. Esta subfunção, exemplificada em (44), é a que mais se aproxima do *pronome indefinido*, prescrito pelas GNs.

(44) Ah, toda perda é difícil, né? Toda perda é triste, todo mundo ficou muito triste, né? Depois que ele morreu ficou **tudo** diferente. (13L0635)

Tais resultados atestam mais uma de nossas hipóteses, a (a), segundo a qual o uso de **tudo** não equivale completamente à classificação tradicional, uma vez que pode vir acompanhado de substantivo e exprimir quantidade determinada.

⁷⁹ A autora analisa somente dados de *sujeito* e descreve como contexto pós-verbal o seguinte: ‘os meninos saíram **tudo**’.

Os contextos de ligação se distribuem percentualmente da seguinte maneira: *ligação fórica indireta* ocorre em 37,4%⁸⁰ dos dados, como em (45) e em (46), seguida da *ligação fórica direta* (27,6%), como em (47), e da *ligação fórica direta e indireta* (21%), como em (48), e ainda da *ligação vaga* (14%), como em (49). Registramos aqui a ocorrência de um (1) dado com ligação dêitica, que representaria 0,10% dos dados e foi excluído do gráfico, mas exemplificado em (50).

(45) Os meus pais eram *ricos*, aí vieram pra cá, perderam **tudo**, que quando eu fiquei grande, que eu fui conhecer (...) o Ribeirão, o Rio Vermelho foi depois, agora, de grande (...) o meu filho mais velho me trouxe e me levou lá pra mim conhecer. (08L0042)

(46) Então **tudo o que eu viajei** foi quando eu, na época, era motorista na repartição. (02L0117)

(47) Por exemplo: laguna, deu pressão tal, vento tal, contava (...) *eram sete códigos*, **tudo** em números, né? (23L0669)

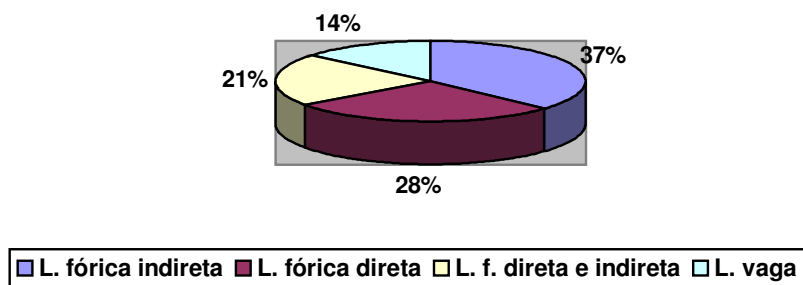
(48) Eu não quero que isso aconteça e aí a gente sempre conversa à noite sobre **tudo**, ela sempre conversa comigo sobre *drogas*, sobre *sexo*, sobre *bastante coisa*, né? (30L0785)

(49) Eu acho que ficar esperando cair **tudo** do céu não leva a nada. (34L1413)

(50) É, mas o que a senhora quer mais saber? (...) está gravando **tudo**? (06L0989)

Vejamos o gráfico que ilustra os percentuais apresentados para cada um dos tipos de ligação do contexto alargado:

Gráfico (02): percentuais de ocorrências de *tudo* nos diferentes tipos de ligação do contexto alargado



⁸⁰ Os percentuais estão arredondados no gráfico.

O alto percentual de ocorrências no contexto *fórico indireto* deve-se à diversidade de tipos de *desencadeadores de ligação* encontrados em nosso *corpus*. Lembramos que todos os casos de entidades que não são representadas por nomes, mas por outras formas, são classificados como desencadeadores, como expressões verbais: *‘tudo que eu viajei’*, por exemplo.

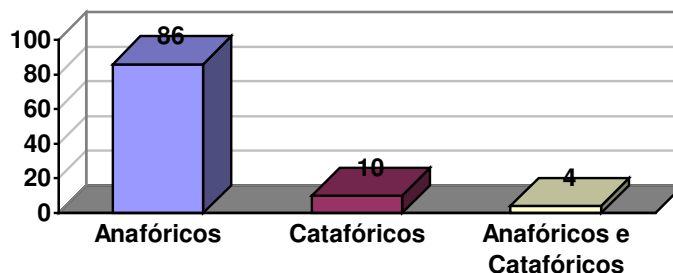
Os anafóricos são os que mais se destacam entre os fóricos com 86% das 923 ocorrências, como em (51), enquanto os catafóricos somam 10% deste total, como em (52) e os anafóricos e catafóricos somam 4%, como em (53). O gráfico (03) ilustra estes percentuais.

(51) Tinha a *Conselheiro Mafra* também, era **tudo** *paralelepípedo*, né? era **tudo** caminho aberto. (18L0620)

(52) Quebrou **tudo**, as *louças* que ela gostava, tudo. (01L0742)

(53) Depois a gente foi pra uma associação que tinha no lado, *tinha piscina*, *tinha tudo*, *tinha futebol*, todo mundo, padre e tudo começou a jogar futebol, foi um sarro. (28L0992)

Gráfico (03): percentuais de ocorrências da subfunções inseridas nos contextos fóricos



Na subfunção anafórico (792 ocorrências), os três tipos que mais se destacam são os seguintes: em primeiro lugar, o tipo anafórico propriamente dito, com 317 ocorrências (40%), (cf. exemplo (54)); o tipo ampliador segue o primeiro com 177 ocorrências (22,50%), como em (55); e em terceiro lugar temos o enfatizador de atributo, exemplo (56), com 162 ocorrências (20,50%).

(54) Não sei, é meio estranho, mas eu acho que pra *cozinhar* tu tens que estar numa boa, assim, [aquela]- de *cozinhar*, de preparar **tudo** com calma, assim, né? (01L0691)

(55) Por isso que eu acho que foi tão forte⁰ e que me impossibilitou de fazer uma série de coisas, tipo estudo, né? **tudo** mais. (01L1015)

(56) *Os meus livro[s]* eram **tudo** recortados. (01L0185)

Na subfunção catafórico (93 ocorrências), o tipo catafórico propriamente dito representa a maior parte dos dados desta subfunção, com 75 ocorrências (80%), como em (52), acima. O tipo ampliador é identificado em 14 ocorrências desta subfunção (15%), como em (57).

(57) Eu não quero que isso aconteça e aí a gente sempre *conversa* à noite⁰ sobre **tudo**, ela sempre *conversa* comigo sobre drogas, sobre sexo, sobre bastante coisa, né? (36L0785)

A subfunção anafórico e catafórico tem suas 38 ocorrências distribuídas nos tipos ampliador com 29 ocorrências (76%), (cf. exemplo (58)), e ampliador/resumitivo, com 9 ocorrências (24%), como em (59).

(58) Depois a gente foi pra uma associação que tinha no lado, *tinha piscina*, *tinha tudo*, *tinha futebol*, todo mundo, padre e tudo começou a jogar futebol, foi um sarro. (28L0992)

(59) A gente ajuda às vezes com as tarefas, mas *almoço*, **tudo** é ela que fa⁰z, roupa. (09L0312)

Pela tabela 3, a seguir, podemos identificar o número de ocorrências das subfunções de **tudo**, inseridas nos contextos fóricos e seus respectivos tipos:

<i>Subfunção do (Q)</i> <i>Tipos de Subfunção</i>	Anafórico Freq./%	Catafórico Freq./%	Anaf. e cat. Freq./%	Total de ocorrências:
Anaf. prop. dito	317/40	0	0	317
Ampliador	177/23	14/15	29/76	220
Enfat. de atributos	162/20	0	0	162
Cataf. prop. dito	0	75/80	0	75
Ampl./plan. verbal	68/8	0	0	68
Ampliador/resumitivo	46/6	3/4	9/24	58
Resumitivo	22/3	1/1	0	23
Total de ocorrências:	792/100	93/100	38/100	923

Tabela 3 - ocorrências do quantificador **tudo** em cada uma das subfunções e seus respectivos tipos.

Pinto (1996) formaliza uma hierarquia de regras que favorecem o uso de **tudo**, segundo a qual *a ausência de núcleo no sintagma* estaria em primeiro lugar seguida pela regra de *posição no sintagma (posposto ao núcleo)* e ainda pela *presença de adjetivo* no sintagma. Comparável à última regra da hierarquia, *presença de adjetivo no sintagma*, temos o tipo *ênfatisador de atributo* (162 ocorrências categóricas) na subfunção anafórico, que tem uma expressão adjetiva no mesmo sintagma que **tudo**, como em (56), acima.

As formas que podem ser correlacionadas com outros fatores são poucas, pois, dos 1.095 dados de nossa amostra, 876 ocorrências (80%), ou não tem forma textual, ou não são identificadas: a) 153 são de (Q) super genéricos e 1 de (Q) dêitico, portanto, sem nenhuma forma textual representando a entidade, como em (60); e b) 722 ocorrências são de ‘outras formas’, formas diversas não identificadas que representam 66% das ocorrências de **tudo** em nossa amostra, como em (61). Lembremos que, dentre as ‘outras formas’, estão todos os *desencadeadores de ligação*, ou seja, todas as ocorrências inseridas em contexto fórico indireto que, conforme o gráfico (02), representam 37,4% dos dados.

(60) Foi uma coisa assim que me marcou muito, eu não consigo esquecer, né? e a mãe, toda vida foi **tudo** pra mim. (03L1046)

(61) Eu não pretendo me *casar*, mas acho que vou esperar me formar, um negócio assim, né? ter uma vida estável, ter **tudo dentro de casa**, pra depois me preocupar com casamento, né? (35L0446)

O contexto estreito mostrou-se pouco recorrente, como demonstrado no gráfico (1), e, dentre seus dezoito dados, apenas dois apresentaram-se em sintagmas com plural marcado, como em (62); dois dados com substantivos coletivos, como em (63); e dois com entidades com quantidade mensurável, como em (64); os outros doze dados apresentaram-se em sintagmas com marcas de plural em apenas alguns de seus componentes, como em (65).

(62) Mas eu, porque0 eu trabalhava, chegava em casa, tinha que pegar *aqueles papéis* **tudo**, decorar, e eu não esperava. (05L0633)

(63) Aí quando entrar outro diretor geral, então eles vão abrir um curso, né? pra botar *o pessoal de firma* **tudo** para o estado. (27L0227)

(64) Deram a liberdade condicional pra ele. Aí entregaram o dinheiro **tudo** que ele ganhou. (06L0553)

(65) Gastava os bilhete[s] **tudo** na roda gigante, que eu mais gostava de andar. L0481

Algumas das formas das entidades quantificadas por **tudo** foram mais recorrentes em alguns dos tipos de subfunções. Considerem-se as formas controladas: ‘substantivo coletivo’, ‘plural marcado’, plural não marcado’, ‘entidade com quantidade mensurável e numerável’, ‘entidade mensurável’ e ‘nome genérico’. Tais formas foram identificadas em 201 ocorrências,

A maioria das formas controladas por nós foram identificadas na subfunção anafórico dos tipos: enfatizador de atributos, anafórico propriamente dito e resumitivo, conforme podemos constatar pela tabela 4. Dentre os dados do tipo enfatizador de atributos, se destacam as formas: ‘plural não marcado’ com 24 ocorrências, como em (66); e ‘entidade com quantidade mensurável’ com 42 ocorrências, como em (67). No tipo anafórico propriamente dito, se destacam também as formas: ‘plural não marcado’ com 26 ocorrências, como em (68), e ‘entidade com quantidade mensurável’, como em (69). O tipo resumitivo se destaca na correlação com as formas ‘entidade com quantidade numerável e mensurável’ com 15 ocorrências, como em (70).

(66) A minha avó achava bonito, principalmente *as menina[s]* **tudo** penteadinha, com o rabinho de cavalo todo certinho. (01L1416).

(67) *A baía sul* aqui era **tudo** *mar*, né? (18L0160)

(68) Hoje não estou viajando, inclusive eu tenho *todas as minhas diária[s]* ali, "pelo correio", que eu guardo **tudo**, tenho **tudo** guardado ali. (01L0105)

(69) Ele ia limpar uma janela, depois a gente sujava **tudo** de novo. (01L0441)

(70) Primeiro bota *dois ovos*, bota *uma xícara de açúcar*, bota *uma colher de margarina*, aí tá, bate **tudo**. (28L0341)

As correlações exemplificadas em (66-70) são as que mais se destacam, por mostrarem maior concentração de formas de uma mesma categoria em determinado tipo de subfunção, e somam 152 ocorrências. As outras 68 ocorrências se distribuem entre os tipos enfatizador de atributos, anafórico propriamente dito, e catafórico propriamente dito, o que

FORMAS TIPOS DE SUBFUNÇÕES	Ent. Quant. num. e mensurável Freq/%	Entidade mensurável Freq/%	Plural não marcado Freq/%	Plural marcado Freq/%	Substantivo coletivo Freq/%	Nome genérico Freq/%	Total
Ampliador	0	0	0	0	0	0	0
Enf. de atributos	3/17	41/45	24/47	1/14	8/47	5/29	82
Anaf. prop. dito	0	46/50	26/51	6/86	9/53	8/47	95
Resumitivo	15/83	0	0	0	0	0	15
Cataf. prop. dito	0	4/5	1/2	0	0	4/24	9
Ampl/resumitivo	0	0	0	0	0	0	0
Ampl/plan.verbal	0	0	0	0	0	0	0
Total	18/100	91/100	51/100	7/100	17/100	17/100	201

Tabela 4 - percentuais de ocorrência das formas nos tipos de subfunções.

não se mostra muito significativo em termos numéricos. Os tipos ampliador, ampliador/resumitivo e ampliador/planejador verbal não se apresentaram com nenhuma das formas controladas; entenda-se que só ocorreram com o que categorizamos como ‘outras formas’. Descritos alguns contextos de ocorrência preferenciais das formas das entidades, passamos à descrição dos contextos de ocorrências das formas do quantificador.

As formas de codificação que acompanham o quantificador **tudo** se apresentam de maneira diversa: algumas dessas formas podem se restringir a ocorrências em determinadas subfunções e tipos, outras ocorrem em quaisquer contextos. O (Q) **tudo**, sem outras formas que o acompanhem, ocorreu em 731 dados de nossa amostra, em quaisquer um dos contextos descritos nesta dissertação. No (Q) imediato e (Q) dêitico não houve variação da forma do quantificador: em todos os 18 dados do primeiro e no único dado do segundo a forma foi **tudo** sem outras formas.

Das 153 ocorrências do (Q) super genérico: 84 são com a forma **tudo** sem outra forma acompanhando, como em (71); 36 ocorrências com a forma ‘**tudo** bem’, exemplo (72); 14 ocorrências com ‘**tudo** quanto é...’, exemplo (73); 9 ocorrências com ‘**tudo** (o) que...’, exemplo (74); 8 ocorrências com ‘de **tudo**’, como em (75); e 2 ocorrências com ‘**tudo** bem?’, exemplo (76).

(71) Com saúde, vale **tudo** tá? (04L0469)

(72) Geralmente aqui você vê o seguinte: você vai numa feira. **Tudo** bem. Você tem certeza que está comprando direto do colono? (02L0698)

(73) Mas aí sábado eu me viro, né? eu pego roupa de **tudo** quanto é canto. (09L0313)

(74) **Tudo** que hoje o mundo é, está escrito na bíblia. (15L1254)

(75) Então eu faço de **tudo** pra mim não parar pra pensar, porque eu sei que se eu parar pra pensar, acho que eu vou enlouquecer. (03L0405)

(76) *Falante dirigindo a outra pessoa:* Oi, rogério, **tudo** bom? (04L0423)

Nos tipos de subfunções, as formas do quantificador que mais se destacaram em termos numéricos foram: ‘**tudo** isso/aquilo’ (78 ocorrências); ‘e **tudo**’ (52 ocorrências); ‘**tudo** (o) que ...’ (45 ocorrências); e ‘**tudo** assim’ (36 ocorrências). As correlações de formas e tipos de subfunções que mais se destacam são ilustradas pela tabela 5 e são descritas a seguir.

Tipos De Subfunções do Formas Quantificador	AMPLIADOR	ENF. ATRIBUTOS	ANAF. PROP DITO	RESUMITIVO	CAT. PROP. DITO	AMPL./RES.	AMPL./P. PAUSA	Total
‘A gente (...) tudo Freq./%	0	5/28	13/72	0	0	0	0	18/100
‘nós (...) tudo Freq./%	0	6/40	9/60	0	0	0	0	15/100
‘e tudo Freq./%	52/100	0	0	0	0	0	0	52/100
‘ tudo (...) isso/aquilo’ Freq./%	16/20	3/4	42/54	1/1	4/5	4/5	8/11	78/100
‘ tudo assim’ Freq./%	7/20	11/31	9/25	1/3	2/5	2/5	4/11	36/100
‘ tudo (o) mais’ Freq./%	10/100	0	0	0	0	0	0	10/100
‘de tudo Freq./%	9/45	7/35	1/5	1/5	1/5	1/5	0	20/100
‘ tudo (o) que...’ Freq./%	4/9	0	0	41/91	0	0	0	45/100
‘ tudo quanto é...’ Freq./%	4/45	0	0	0	5/55	0	0	9/100
‘eles (...) tudo Freq./%	0	2/28	5/72	0	0	0	0	7/100
‘ tudo bem’ Freq./%	0	1/25	3/75	0	0	0	0	4/100
Total	102	35	82	44	12	7	12	294

Tabela 5 - correlações das formas do quantificador e os tipos de subfunções

- a) das 78 ocorrências de '**tudo** isso/aquilo', 42 são do tipo anafórico propriamente dito, como em (77);
- b) todas as 52 ocorrências de 'e **tudo**' são do tipo ampliador, já que, por definição, a forma identifica o tipo, como em (78);
- c) das 45 ocorrências de '**tudo** (o) que...', 41 são do tipo catafórico propriamente dito, como em (79);
- d) das 36 ocorrências de '**tudo** assim', 11 são do tipo enfatizador de atributos, como em (80).

(77) É, eu não sei se eu peguei um pouco de gosto, porque eles mexem, eles mexendo no computador, *isso tudo* é uma bola de neve, [pode]- pode se dizer assim. (35L0334)

(78) ...foi assim na piscina, todo mundo caía na piscina de roupa e **tudo**. (28L1101)

(79) Olha, eu escuto **tudo** *que é tipo de música*. (27L0444)

(80) Ah! eu não sei os nomes, ma0s foi **tudo** assim de sapatilha, de ponta de pé. Colegas do colégio. (25L0288)

O tratamento quantitativo dos dados nos propiciou traçar um panorama numérico dos diversos contextos nos quais o item lexical **tudo** ocorre, fazendo as devidas correlações entre subfunções, tipos, formas do quantificador e da entidade quantificada, etc. Tal tratamento ainda nos permitiu testar nossa hipótese sobre o funcionamento de **tudo** e sua eventual correlação com fatores sociais, em especial a escolaridade.

Este capítulo cumpre seu papel: a) descrevendo os diversos contextos de ocorrência do quantificador **tudo**, bem como de suas subfunções e tipos; e b) analisando quantitativamente cada um dos contextos, subfunções e tipos; c) analisando as formas de codificação da entidade quantificada e do quantificador; e d) estabelecendo correlações entre subfunções e tipos, tipos e formas da entidade, e tipos e formas do quantificador.

CAPÍTULO VI

6 *TUDO* INDEFINIDO?

Partindo do que já foi discutido sobre a multifuncionalidade do quantificador *tudo*, nesta dissertação, o presente capítulo destina-se a investigar em que medida este item, tradicionalmente classificado como *indefinido*, pode ser *definido* nos diferentes contextos nos quais ocorre e, a partir daí, traçar uma escala gradativa de *definitude*: [+definido] > [-definido].

Se na análise da multifuncionalidade o foco está no tipo de ligação que *tudo* mantém com uma entidade quantificada, na análise da *definitude* o foco está diretamente nas características de tal entidade, ou seja, na propriedade semântico-discursiva de definitude identificada na entidade à qual *tudo* está ligado.

Reapresentamos abaixo as questões e hipóteses gerais norteadoras deste capítulo:

Questão a): Em que medida o uso oral de *tudo* corresponde à classificação tradicional, segundo a qual (i) é *pronome indefinido*, (ii) vem desacompanhado de substantivo e (iii) se aplica à terceira pessoa gramatical quando esta tem sentido vago ou exprime quantidade indeterminada?

Hipótese a): O uso de *tudo* não corresponde completamente à classificação tradicional. Esse item lexical pode (i) vir acompanhado de substantivo ou não, (ii) ter sentido vago ou não, e ainda (iii) exprimir quantidade indeterminada ou determinada. Portanto, o que a classificação tradicional chama de *pronome indefinido* recobre apenas parte do uso de *tudo*.

Questão c): A indefinitude de *tudo* se mostra de forma discreta ou contínua?

Hipótese c): *Tudo* pode apresentar-se em uma escala de definitude: [+definido], [±definido] e [-definido].

Questão d): Que noções são relevantes para o estabelecimento de uma ‘matriz de traços’ como uma ferramenta analítica para o tratamento da definitude de *tudo* como uma propriedade semântico-discursiva escalar?

Hipótese **d)**: Os traços constituintes da definitude envolvem as seguintes noções: *referencialidade, determinação/delimitação de quantidade, tipos de retomada e presença do falante na entidade quantificada*. Essas noções, por sua vez, apresentam um comportamento escalar e podem ser captadas na forma de traços constituintes.

Apresentamos, a seguir, cada uma das noções que compõem a definitude e as exemplificamos com dados de nossa amostra. Feito isso, apresentamos uma análise escalar mostrando os diferentes graus de definitude de **tudo**. Os dados ainda recebem um tratamento que nos dá as freqüências de ocorrências de cada grau e seus traços constituintes, bem como a medida de ocorrências da definitude correlacionada ao funcionamento.

6.1 A CAMINHO DA DEFINITUDE...

Na introdução desta dissertação, já antecipamos algumas noções que permeiam a propriedade definitude, com o objetivo de chamar a atenção do leitor para o tipo de análise que pretendíamos desenvolver. As concepções acerca do que seria definido/indefinido – aspectos concernentes à propriedade de *definitude* –, envolvem três noções básicas: a *referencialidade*⁸¹, a *especificidade* e a *determinação/delimitação* do que foi referido, como podemos ver no conjunto de definições abaixo, extraídas de dicionários:

- a) **Definir** – 1. *Determinar a extensão ou os limites de*. (FERREIRA, 1993, p. 163)
- b) **Definido**: 1. *Exatamente delimitado*. (HOUAISS, 2001, p. 926)
- c) **Definido**: *referente a*, ou caracteristicamente indicando *referência a*, um indivíduo ou um conjunto de indivíduos identificáveis. (MATTHEWS, P.H., 1997, p. 89)
- d) **Definido**: esse traço definido é interpretado semanticamente como criando uma *referência* precisa ou como tendo um *valor genérico*. (DUBOIS *et al.* [1973] 1997, p. 167)

⁸¹ A referencialidade e a definitude de **tudo** já são discutidas em Oliveira (2004) e Oliveira (2005).

- e) **Indefinido:** 1. Que não pode ser ou não foi *limitado, delimitado ou determinado*. 8. Que se refere a algo ou alguém que se introduz no discurso pela primeira vez ou cuja identidade não se deseja *especificar, definir ou particularizar*.”(HOUAISS, 2001, p. 1602)
- f) **Indefinido:** *não referente a, ou não indicando referência a, um indivíduo ou um conjunto de indivíduos identificáveis*. (MATTHEWS, P.H., 1997, p. 174)
- g) **“Indefinido** – [...] o traço indefinido [-definido] é interpretado semanticamente pela *ausência de toda a referência a um sintagma nominal anterior (Uma pessoa telefonou, em oposição a A pessoa [que você sabe] telefonou)* ou a um elemento preciso da situação, ou pela negação do valor genérico.” (DUBOIS *et al.* [1973] 1997, p. 337)

Tendo em vista tais definições, estabelecemos que a propriedade definitude envolve as três noções já citadas: *referencialidade, especificidade e determinação/delimitação* do que foi referido (além dos traços [+participante, -participante] pertencentes ao grupo de fatores ‘papel do falante’ em relação à entidade quantificada, conforme será visto mais adiante).

Vamos nos basear em algumas concepções mais gerais de referenciação (Mondada e Dubois ([1995] 2003) e Marcuschi e Koch, (1998; 2002)) e em alguns aspectos mais pontuais acerca da referencialidade de nominais (Givón, 1990; 1993; 2001) – para estabelecermos os traços pertinentes à *referencialidade*, num âmbito discursivo. Isso é tratado na seção 6.1.1.

Quanto à *especificidade*, apoiamo-nos na proposta de Enç (1991), da qual nos interessa extrair, especificamente, as noções sobre *identidade e inclusão*, identificadas, inclusive, entre os quantificadores. Essa proposta vem nos dar suporte para explicar em que medida **tudo** retoma textualmente a entidade quantificada. Reservamos para esse tópico a seção 6.1.2.

Detemo-nos, agora, na terceira noção: a *determinação/delimitação*. Já que trabalhamos com o quantificador, a determinação ou delimitação é interpretada, nesta dissertação, como concernente a valores numéricos (embora as definições não explicitem isso), ou seja, uma entidade pode tanto ter quantidade determinada, delimitada ou exata, quanto pode ter quantidade aproximada, ou ainda não ter valores numéricos expressos para quantidade.

Considerando-se que: a) tratamos de um item lexical tradicionalmente identificado como indefinido e queremos evidenciar que, de fato, esse item pode se comportar como definido; b) lidamos com uma concepção de categorias não-discretas; c) a abordagem funcionalista assumida opera simultaneamente com os domínios semântico e pragmático/discursivo – é nossa proposta dar um tratamento escalar ao fenômeno da *definitude*, construindo uma ferramenta metodológica, que podemos chamar de uma ‘matriz de traços’, capaz de nos instrumentalizar para uma análise adequada de **tudo** no que diz respeito à propriedade de definitude.

Quanto ao comportamento escalar da definitude, observe-se o conjunto de dados abaixo, transcritos do capítulo I e renumerados:

(01) Até um dia ele comprou *dois cacho[s] de banana* e fez ela comer **tudo**.
(01L0526)

(02) Eram *oito ou nove crianças, eu, meus irmãos e meus primos*, durante as férias, na casa do meu avô (...) brincava de fazer comida no barco (...) *Nós comía[mos]* **tudo** dentro do barco. Entrava todo mundo pra dentro do barco e comia lá dentro, né? (01L0819)

(03) Nós gostávamos de abrir o armário porque ele era muito grande, e era muito alto (...) e um dia quebrou **tudo**, foi *copo, prato* pra tudo quanto era lado (01L0775-0776)

(04) Olha, eu escuto **tudo** que é tipo de música. (33L0444)

(05) Não sei, é meio estranho, mas eu acho que pra *cozinhar* tu tens que estar numa boa, assim, [aquela]- de *cozinhar*, de preparar **tudo** com calma, assim, né?
(01L0691)

(06) Foi uma coisa assim que me marcou muito, eu não consigo esquecer, né? e a mãe, toda vida, foi **tudo** pra mim. (03FAPL1046)

Se atentarmos para a natureza da entidade à qual **tudo** se vincula, notamos claramente alguns aspectos: ora está presente no contexto lingüístico, bem delimitada/precisa, sendo facilmente identificada (como em (1) e (2)); ora não está presente no contexto lingüístico sendo, portanto, de difícil identificação (como em (5) e (6)); ora se situa num ponto intermediário (como em (3) e (4)). Parece bastante plausível, então, pensarmos a definitude como uma propriedade escalar.

A seguir, apresentamos noções mais pontuais acerca da referencialidade. Tais noções vêm complementar as concepções mais amplas de referência, referencialidade e referenciação, apresentadas no referencial teórico.

6.1.1 SOBRE REFERENCIALIDADE...

Esta seção é dedicada a um dos traços que consideramos mais importantes para a análise da definitude: *a referencialidade*. Tratamos, em um primeiro momento, do status referencial dos nominais e, então, apresentamos uma análise ilustrativa da referencialidade em *tudo*.

6.1.1.1 O STATUS REFERENCIAL DOS NOMINAIS

Givón observa que a linguagem humana usa os mesmos mecanismos para marcar, codificar diferentes referentes, ignorando a denotação “ancorada no Mundo Real”. Na linguagem humana, o que parece acontecer a respeito de referência é um mapeamento das expressões lingüísticas para entidades estabelecidas verbalmente no *Universo do Discurso* (UD). Como se pode observar, há uma convergência entre a proposta de Givón e as concepções de referencialidade apresentadas anteriormente.

Referência no UD faz parte do que Givón (2001, p. 439) chama “cripto-pragmática”, uma espécie de “teoria da referência”. Concebida dessa maneira, a referência ultrapassa os limites da proposição. Ou seja, o UD é estabelecido por um falante particular o qual tem a *intenção* de que as entidades sejam referenciais ou não-referenciais. A *intenção do falante* é o fator mais relevante para a gramática da referência em linguagem humana, conforme o autor. Enfatiza-se, assim, o caráter pragmático de negociação das práticas comunicativas cotidianas.

Em termos de processo/processamento, Givón focaliza a questão da coerência referencial, tratando de (des)continuidade referencial, topicalidade, acessibilidade e importância referencial – e dos mecanismos gramaticais utilizados. Não é esse, porém, o foco de nossa discussão. Nesta seção, trabalhamos com base nas idéias de Givón acerca da referencialidade dos nominais,

trazendo algumas considerações do autor sobre os *definidos*, *indefinidos* e *genéricos*, já que nosso fenômeno apresenta ocorrências dos três tipos.

Segundo o autor, sintagmas nominais *definidos*⁸² representam entidades cuja referência já está estabelecida, o referente/antecedente está acessível ao interlocutor: a) ou na situação discursiva (deiticamente – ativado automaticamente no momento da comunicação); b) ou no conhecimento partilhado (culturalmente – ativado automaticamente pelo vocabulário na ‘memória permanente’); c) ou no contexto lingüístico precedente (textualmente – ativado por busca de correferencialidade na ‘memória episódica’) (Givón, 1990, p. 925).

As informações dêiticas que podem tornar os referentes acessíveis ao falante e ao ouvinte no momento de fala são ativadas pelas seguintes noções: *espaço* – ‘aqui’, ‘lá’; *tempo* – ‘agora’, ‘há muito tempo’, ‘no futuro’, ‘hoje’, ‘semana passada’; e *identidade* dos participantes do ato de fala (falante e ouvinte) – ‘eu’, ‘você’, ‘nós’ (*id.* 2001, p. 462).

A referência culturalmente partilhada envolve: a) informações globais (disponíveis a todos os membros de uma cultura). Ex.: ‘Eles foram ao *cemitério*’. ‘Eles me mandaram chamar o *xerife*’; b) informações baseadas em *frames* culturais (organizados hierarquicamente ou em relações todo/parte e de posseção). Ex.: ‘Ela foi ao *restaurante* e pediu o *menu* ao *garçom*’. ‘*João* está trabalhando para o *pai dele*’. (*id.* 1990, p.927)

É importante destacar que o acesso à referência culturalmente compartilhada costuma acontecer inter-relacionado com o acesso ao contexto lingüístico precedente e essa inter-relação produz um sistema híbrido. Para exemplificar esta inter-relação temos: ‘*Meu garoto faltou à escola (aula) hoje, ele se atrasou para o ônibus*’. O referente definido ‘o ônibus’ é acessado de duas maneiras: pela conexão anafórica com ‘school’ que é encontrado no contexto lingüístico precedente, armazenado na memória episódica; e pelo conhecimento culturalmente partilhado de uma hierarquia na qual ‘school’ é um *frame* que tem como sub-componente (*sub-feature*) ativado automaticamente ‘ônibus’. (Givón, 2001, p. 461) Registre-se que o processo fórico

⁸² Givón utiliza-se da nomenclatura SNs *definidos* e *indefinidos* para diferenciar formalmente ‘o cara’ de ‘um cara’, por exemplo. O autor observa, ainda, que a referencialidade se manifesta diferentemente entre os dois tipos de SNs. Salientamos que utilizaremos os termos *definido* e *indefinido* para analisar a referencialidade, mas que tais termos não devem ser confundidos com a propriedade semântico-discursiva *definitude*, discutida neste capítulo.

exemplificado por Givón pode ser comparado ao que Apothélos ([1995] 2003, p. 75)⁸³ chama ‘anáfora associativa’, pois temos uma certa dependência interpretativa relativa entre escola e ônibus e não uma relação de correferencialidade.

Sintagmas nominais *indefinidos*, por sua vez, representam entidades cuja referência não está no contexto situacional, nem no contexto culturalmente partilhado, nem no contexto textual (*id.* 1990, p. 920). O autor elabora uma proposta especialmente para a análise deste tipo de sintagma, segundo a qual nomes ou sintagmas indefinidos têm seu *status* referencial sensível ao escopo da modalidade proposicional sob o qual se encontram.

Givón (2001, 440-441) exemplifica a distinção entre o que seria um uso *referencial* – ‘Ela estava procurando por *um professor* que eu recomendei, mas ela não o encontrou’; e um uso *não referencial* – ‘Ela estava procurando por *um professor* para estudar, mas não encontrou nenhum’. O autor acrescenta que b) é o que Donellan (1996) chama ‘uso atributivo’, já que remete a um *type* e não a um indivíduo particular.

Para introduzir sua proposta de análise dos indefinidos, correlacionando o status referencial com as modalidades proposicionais, o autor se remete a Quine (1953), que categoriza os nominais em termos *opacidade* e *transparência* referencial, conforme os exemplos a) e b):

- a) John casou com *uma mulher rica*.
- b) John quis casar com *uma mulher rica*,
 - (i) ...mas ela o rejeitou.
 - (ii) ...mas ele não encontrou *nenhuma*.

A intenção do falante em a) é de fazer referência a um *objeto particular* no universo do discurso e, por isso ‘uma mulher rica’ neste exemplo é referencialmente transparente. Em contrapartida, o exemplo b) pode tanto ser usado com a intenção de referir um objeto particular, referencialmente transparente (interpretação (i)), quanto ser usado com a intenção de referir um

⁸³ Para maiores detalhes sobre as noções de processos fóricos, bem como as noções de anáfora associativa, ver ‘referencial teórico’, capítulo III, seção 3.2.1.

objeto qualquer, referencialmente opaco, uma mulher qualquer, que atenda à descrição ‘uma mulher rica’ (interpretação (ii)).

Givón observa que tanto nos exemplos de Donellan quanto nos exemplos de Quine a presença do artigo indefinido não garante uma interpretação do status referencial; tal interpretação deve estar relacionada às modalidades proposicionais⁸⁴.

O contraste entre *realis* e *irrealis* não é mais entre eventos reais e irreais, conforme “quer” a tradição lógica. O foco do contraste muda: *cognitivamente*, da verdade lógica para certeza subjetiva; *comunicativamente*, da semântica orientada para o falante para a pragmática interativa, envolvendo uma negociação social entre o falante e o ouvinte. As modalidades são agrupadas em duas mega-modalidades: factual (pressuposição e asserção *realis*); e não-factual (asserção *irrealis* e negação).

Sobre a relação existente entre referencialidade e modalidade proposicional, Givón (1993, p. 216 e 2001, p. 442) afirma o seguinte:

- Sob o escopo não-factual, ‘nominais’ podem ser interpretados como referenciais ou não-referenciais;
- Sob o escopo factual, ‘nominais’ só podem ser interpretados como referenciais.

Em outras palavras:

⁸⁴As modalidades, às quais o autor se refere, têm sua origem na tradição lógica que as trata como uma propriedade das proposições, desvinculadas do contexto comunicativo. Trata-se, segundo a tradição lógica, de: verdade necessária, verdade factual, verdade possível e não-verdade. A interpretação comunicativo-pragmática das quatro modalidades as redistribui em termos de estados epistêmicos e metas comunicativas dos dois participantes de uma *transação comunicativa* – falante e ouvinte (cf. Austin, Searle, Grice *apud* Givón, 2001).

A interpretação de tais modalidades assumida por Givón é a comunicativo-pragmática e é descrita a seguir: a) **Pressuposição** – a proposição é admitida como verdadeira, por definição, concordância prévia, convenções genéricas culturalmente compartilhadas, por ser óbvia para todos os presentes à situação de fala, ou por ter sido enunciada pelo falante e não contestada pelo ouvinte; b) **Asserção *realis*** – a proposição é fortemente asserida como verdadeira. Mas a contestação pelo ouvinte é apropriada, embora o falante tenha evidências ou outros fundamentos para defender sua forte crença; c) **Asserção *irrealis*** – a proposição é fracamente asserida como possível ou provável (submodo epistêmico), ou como necessária ou desejada (submodo avaliativo/deôntico); o falante não dispõe de evidências e a contestação do ouvinte é facilmente esperada e aceita; d) **Asserção negativa** – a proposição é fortemente asserida como falsa, comumente contrariando crenças explícitas ou assumidas pelo ouvinte; a contestação do ouvinte é antecipada e o falante dispõe de evidências ou outros fundamentos para defender sua forte crença (Givón, 1993, p. 170).

Nominais podem ser interpretados não referencialmente só se eles estiverem sob o escopo de alguma modalidade não-factual. Senão eles devem ser interpretados referencialmente (Givón, 2001, p. 441).

Alguns contextos para a identificação das modalidades são apresentados a seguir, a título de ilustração. Tais contextos de modalidades envolvem: o significado lexical inerente dos verbos, as categorias de tempo e aspecto, certos operadores *irrealis* e certos tipos de oração.

Segundo o autor, a vasta maioria dos verbos traz consigo, inerentemente, a modalidade *realis*, sendo poucos os que carregam as modalidades *irrealis*, de negação e de pressuposição. Então é mais econômico enumerar os verbos desses três últimos tipos. O autor lista os que considera mais típicos⁸⁵:

- a) *Verbos inerentemente irrealis*
Querer, gostar, procurar, sonhar, pensar, acreditar
- b) *Verbos inerentemente negativos*
Precisar, recusar, declinar, errar, falhar
- c) *Verbos inerentemente pressuposicionais*
Saber, esquecer, arrepende-se, ‘ser feliz’ (*op. cit.*, p. 443)

Distribuição de modalidade em tempo-aspecto

Modalidade	Tempo	Aspecto
Factual	passado	Perfectivo
	presente	Perfeito
		Progressivo
não-factual	futuro	Habitual
		Repetitivo

(*op. cit.*, p. 443)

Além dos traços semânticos inerentes e das categorias de tempo e aspecto, para a determinação da modalidade proposicional, Givón exemplifica com ‘Você viu um homem lá vestindo uma camisa azul e sentado em um barril vermelho e girando um bastão cinza em sua mão esquerda?’ o que seriam *mecanismos gramaticais codificando a força referencial*, de acordo com as escalas abaixo:

⁸⁵ Observe-se, porém, que qualquer um desses verbos pode ser adicionalmente marcado com uma modalidade específica em função de aspectos gramaticais presentes no enunciado, como por exemplo, as categorias de tempo-aspecto, ou algum operador adverbial. O que vale dizer que o item verbal em si não é suficiente para determinar a modalidade proposicional.

- a) A escala de (artigos) indefinidos:
qualquer>algum>um
- b) A escala de modificação restritiva
menos>mais
- c) A escala de especificação nominal
coisa>pessoa>nome específico

Givón lista alguns operadores *irrealis* que mantêm sob seu escopo os nominais, os quais podem, por isso, ser interpretados como não-referenciais, como nos exemplos: ‘*Se ela encontrar **um homem** lá*’ (Condicional); ‘*Eles **pensaram** que ela encontrou **um homem** lá*’ (Escopo de verbos não-factivos⁸⁶ de cognição⁸⁷) (conforme Givón 1993, p. 217-8).

Há também sintagmas nominais cujas entidades são genéricas⁸⁸. Givón (2001, p. 466) considera que esses sintagmas são referenciais, dada a possibilidade de topicalização dos mesmos, contudo são referencias de *type* (gênero, espécie) e não de entidades particulares. Em inglês, esses nominais podem ser codificados como *definidos singulares* (c), *indefinidos singulares* (d) ou *plurais* (e, f):

- c) ***O leão*** é um perigoso felino.

The lion is a dangerous feline.

- d) ***Um leão*** é um perigoso felino.

A lion is a dangerous feline.

- e) ***Leões*** são perigosos.

Lions are dangerous.

- f) ***Todos os leões*** são perigosos.

All lions are dangerous.

⁸⁶ Verbo não-factivo é aquele cujo uso não compromete o falante nem com a verdade nem com a falsidade da proposição/oração subordinada. Ex.: Ela *acredita/pensa* que está chovendo.

Verbo factivo, por sua vez, é aquele cujo uso compromete o falante com a verdade da proposição/oração subordinada. Ex.: Ela (não) *sabe* que está chovendo – o falante acredita que realmente ‘está chovendo’.

Qualquer predicador que se comporte como ‘saber’ tem a propriedade da factividade. Ex.: É *surpeendente* que eles tenham sobrevivido.

⁸⁷ Verbos de cognição, neste contexto, aparecem na oração principal e têm, sob seu escopo, uma oração subordinada que é o objeto da atividade mental codificada pelo verbo principal (*saber, pensar*).

Já em espanhol, exemplos (g-i), Givón chama a atenção que os sujeitos genéricos são mais comumente marcados como definidos, o que gera ambigüidade quanto à interpretação ser referencial de objetos particulares (tokens) ou de tipos (types).

g) *Os leões* me dão medo.

Me dan miedo los leones.

h) *O leão* me dá medo.

Me da miedo el león.

i) *Leões* me dão medo.

Me dan miedo leones.

Note-se que em português também há a possibilidade de codificação de genéricos como definidos plurais como em g). A propósito, observe-se uma definição em dicionário especializado para o termo ‘genérico’:

Diz-se que uma palavra é *genérica* (ou que tem sentido genérico) quando serve para nomear uma classe natural de objetos cada um dos quais, tomado separadamente recebe uma denominação particular. Assim, a palavra *peixe* é um genérico de uma classe cujos membros são *o lambari*, *a traíra*, *o bagre*, etc. Em português, o artigo definido (*o*) pode conferir ao sintagma nominal que ele constitui com um nome esse valor genérico. Assim, *o lambari* pode ser, por sua vez, um genérico; a categoria natural assim constituída tem por seus membros “lambaris” específicos; o artigo indefinido (*um*), ao contrário, confere ao sintagma nominal um valor contrário ao de genérico (*um lambari*). (DUBOIS *et al.* [1973] 1997, p. 302)

A partir das noções de referencialidade de Givón, estabelecemos a seguinte classificação escalar do status referencial dos nominais: *token* referencial (referência a uma entidade particularizada no discurso), *type* referencial (referência a toda uma classe) e *não referencial* (objeto do discurso não particularizado, qualquer um dos/quaisquer dos objetos pertencentes a um *type* (classe, gênero)). As noções de referencialidade dos nominais apresentadas serão operacionalizadas na análise de nossos dados, como exemplificado na seção seguinte.

⁸⁸ Russel (1905) e outros lógicos consideram os genéricos como não referenciais (apud Givón, 2001).

6.1.1.1.1 A REFERENCIALIDADE EM *TUDO*

Para a análise ilustrativa apresentada nesta seção baseamo-nos nas concepções mais gerais de referencialidade (cf. seção 3.2, capítulo III) e nas noções específicas acerca do status referencial dos nominais (cf. seção anterior). A partir do comportamento dos dados analisados, adaptamos a classificação tripartida de Givón para uma escala em cinco graus: [referencial 1], [referencial 2], [referencial 3], [referencial 4], [referencial 5].

A seguir, exemplificamos e descrevemos cada um dos graus.

▪ [Referencial 1]

Trata-se de referência a uma entidade particularizada no discurso (*token*), podendo ser codificada com SN definido ou indefinido, conforme exemplos de (7) a (10).

(07) Minha irmã tinha mania de arroz, mania de arroz (...) muito assim sabe, comia qualquer coisa que aparecesse na frente (...) E o meu avô só olhando. Até um dia ele comprou *dois cacho[s] de banana* e fez ela comer *tudo*. (01L0526).

Em (07) temos um exemplo de uso referencial da entidade à qual *tudo* se liga ‘dois cachos de banana’. Conforme a análise de Givón, teríamos um caso de *referencialidade token*, já que o falante codifica a entidade com um *sintagma definido* que tem seu status referencial estabelecido de duas maneiras: pela conexão anafórica com ‘comia qualquer coisa que aparecesse na frente’, expressão encontrada no contexto lingüístico precedente, armazenada na memória episódica; e pelo conhecimento culturalmente partilhado de uma hierarquia na qual ‘comia qualquer coisa que aparecesse na frente’ caracteriza o *frame* a que denominaremos ‘comida’, que tem como sub-componente ativado automaticamente ‘dois cachos de banana’.

(08) *Meus irmãos* lá, cada um com sua família, eu não vejo muito, mas natal, sabe, né? (...) Então, o natal *a gente* vem *tudo* passar com os nossos pais. (10L1168)

Em (08), o falante usa ‘a gente’ para retomar anaforicamente ‘meus irmãos’ e para se incluir na entidade quantificada. Desta dupla função de ‘a gente’ resulta a entidade ‘a gente = eu

+ meus irmãos’. A entidade em questão estabelece sua referencialidade da seguinte maneira: pelo conhecimento culturalmente partilhado a palavra ‘irmãos’ remete ao grupo família e, associada ao possessivo ‘meus’, restringe-se ao grupo ‘irmãos do falante’, tornando-se acessível referencialmente; pela informação dêitica, contida em ‘a gente’ que identifica um dos participantes do discurso, nesse caso, o falante.

(09) Então, a receita é assim, bem fácil: cortas a *cebola*, cortas o *melão*, né? tiras a semente, pode cortar em quadradinho, né? Lavas a *uva* e escorres a *ervilha*, né? Aí juntas **tudo**. Aí tu juntas **tudo** isso numa tigela, **tudo** junto, né? (01L0624)

Em (09) o falante codifica cada um dos componentes da entidade, a qual poderíamos denominar ‘receita de salada’, com SN definidos. Cada um dos SNs definidos ‘a cebola’, ‘o melão’, ‘a uva’ e ‘a ervilha’ estabelece sua referencialidade enquanto sub-componente do *frame* receita, ou seja, pelo conhecimento culturalmente partilhado, sabe-se que certos ingredientes ‘comestíveis’ compõem uma receita culinária (receita de salada, neste caso). A referencialidade ou o acesso à referencia é estabelecida(o) por mais de um mecanismo, como acontece nos exemplos (07) e (08). Na ocorrência (09) o que temos é, o acesso pelo conhecimento culturalmente partilhado, ativado pelas informações na memória permanente, inter-relacionado ao acesso pela conexão anafórica com o contexto lingüístico precedente, ativado pela busca de ligação referencial na memória episódica. Temos, portanto, mais um exemplo de [referencial 1].

(10) O homem *saltou* do carro (...) pensando que *a gente* era **tudo** meio doido.

((E) Mas quem é que estava no carro?) *Um moço, eu não conheço, que era amigo duma amiga que estava comigo na carona.*(01L0961).

Em (10), temos um exemplo de entidade representada por mais de um sintagma (‘um amigo...’, ‘uma amiga...’), cataforizados por *a gente*, o que inclui (‘eu’= falante), ou seja, o exemplo não se encaixa em apenas um dos tipos de sintagma para a análise da referencialidade. A decisão metodológica tomada em casos como este é: analisar cada um tipos de sintagmas separadamente.

Ambos os sintagmas indefinidos ‘um moço...’ e ‘uma amiga...’ estão sob o escopo de *modalidade factual*, que pode ser identificada pelo tempo passado e o aspecto perfectivo

‘saltou’⁸⁹; ambos os sintagmas são modificados, pelo que Givón chamaria de mecanismos de modificação restritiva – ‘uma moço, *eu não conheço, que era amigo duma amiga ...*’ e ‘...uma amiga *que estava comigo no carro*’. A modificação, neste caso, está restringindo a interpretação e indicando que cada um dos sintagmas codifica objetos referenciais, particularizados no discurso e não ‘qualquer moço’ ou ‘qualquer amiga’. Temos, portanto o grau [referencial 1] nestes indefinidos.

Identificado o grau [referencial 1] nos indefinidos, analisamos a referencialidade do terceiro componente da entidade, ‘eu’, o qual também é categorizado como [referencial 1]. A referencialidade *token*, neste caso, é garantida pela acessibilidade dêitica que identifica um dos participantes do ato de fala ‘eu =falante’, objeto particularizado no discurso. Identificado o grau de referencialidade de cada um dos componentes da entidade quantificada por **tudo**, podemos identificar o grau de referencialidade da entidade em si, como [referencial 1], já que todos os seus componentes apresentam-se neste grau.

▪ [Referencial 2]

Neste grau de referencialidade, a entidade quantificada por **tudo** se caracteriza, principalmente, por ser em parte *token* referencial e em parte não-referencial, ou seja, contém traços do grau [referencial 1], o grau mais forte de referencialidade, e do [referencial 5], o mais fraco.

(11) Até passou os lados do quarto dele, viu? as fardas dele, o uniforme dele dentro do colégio, **tudo**. (04L1202)

Ocorrências como as do exemplo (11) apresentam algumas peculiaridades em relação aos exemplos (07-10). A primeira diferença está na natureza da entidade quantificada por **tudo**, diferentemente do exemplo (09) – no qual a entidade está representada pela menção de cada um de seus itens/componentes ‘a cebola’, ‘o melão’, ‘a uva’ e ‘a ervilha’–, o exemplo (11) é de um (Q) do tipo *amplificador/resumitivo*, o que significa que os itens mencionados ‘as fardas dele’, ‘o uniforme dele’ podem ser apenas exemplo de um grupo maior que não se resume textualmente. Dessa maneira, temos uma entidade formada por alguns itens, nomeados [referencial 1] e outros,

⁸⁹ O escopo verbal analisado será sempre o escopo da sentença em que **tudo** se encontra, neste caso ‘O homem

inferidos [referenciais 5]. Para estes casos criamos um grau de referencialidade intermediário que contém traços do [referencial 1], o grau mais forte de referencialidade, e do [referencial 5], o mais fraco. Temos assim o grau [referencial 2].

(12) A gente ajuda às vezes com as tarefas, mas *almoço*, **tudo** é ela que faz, *roupa*.
(09L0312)

Em (12), temos um tipo de sintagma que poderia ser usado com sentido ‘genérico’ por não conter nenhum determinante que acompanhe o substantivo ‘almoço’, mas analisando todo o contexto, percebemos que se trata de objetos particularizados no universo do discurso. Não se trata de qualquer *almoço* ou *roupa*, mas do almoço e da roupa⁹⁰ que é feito na casa do falante. Parece-nos que poderíamos tratar destes sintagmas como tratamos os definidos ‘o almoço’, ‘a roupa’, como referenciais. Adequando a análise, desta maneira, e considerando que temos um **tudo** com função de ampliador/resumitivo – o que significa a incerteza de que os elementos citados se resumem textualmente –, o grau de referencialidade é, também neste exemplo, [referencial 2].

▪ [Referencial 3]

Trata-se de referencialidade a toda uma classe, é o que Givón denomina *type referencial*. A entidade quantificada é codificada por SNs mais conhecidos como genéricos.

(13) Por isso que *político* mesmo é **tudo** uma ‘m’, não tem.
(25L0457)

Neste exemplo temos o que seria a referencialidade *type*. **Tudo** quantifica a entidade ‘político’ que remete não a um objeto particularizado no universo do discurso, mas a toda uma classe, remete a um tipo (*type*). Perceba-se que este é um típico exemplo de genérico⁹¹ tanto em português quanto em inglês.

saltou, pensando que a gente era **tudo** meio doido’.

⁹⁰ A expressão ‘roupa’ é usada para designar a atividade de cuidar das roupas.

⁹¹ Estamos usando a termo ‘genérico’ aqui apenas para remeter o leitor ao texto de Givón e à definição deste termo no dicionário, apresentados anteriormente. Preferimos utilizar ‘referencial *type*’ para descrever estes casos em que temos nominais genéricos para que não se confunda a menção a este tipo de nominal com a função (Q) super-genérico, apresentada no capítulo V.

(14) Política? *os político[s]* são assim é, como é que eu posso te dizer, são **tudo** uns nojentos, não sabem o que fazem do Brasil. (25L0438)

Temos, em (14), outro exemplo de referencialidade *type* ‘os políticos’, ou seja, temos referencialidade que é representada em nossa escala pelo grau [referencial 3]. Nesse caso, o genérico está codificado com um SN definido plural.

(15) Olha, eu escuto **tudo** que é tipo de *música*. (33L0444)

Em (15), temos uma entidade não particularizada no discurso; trata-se de uma entidade que remete a toda uma classe ou, como o próprio contexto lingüístico revela, remete a um *tipo* de coisas: ‘música’, comparável ao exemplo anterior com a entidade ‘político’. Este uso da expressão ‘tudo que é...’ nos faz associar o nominal que completa a expressão – neste caso, ‘música’ – ao que se denomina ‘genérico’, conforme a literatura consultada na seção anterior. Este tipo de nominal é categorizado por nós como [referencial 3].

▪ [Referencial 4]

Este grau de referencialidade é identificado nos nominais não referenciais, ou seja, pode ser identificado em SNs indefinidos em contextos não factuais.

(16) Se ele ia limpar *uma janela*, depois a gente sujava **tudo** de novo. (01L0441)

O exemplo (16) ilustra o grau [referencial 4], aquele em que o **tudo** está ligado a uma entidade não-referencial. Em outras palavras, neste grau de referencialidade, temos um nome que representa a entidade textualmente ou ao menos alguns de seus itens/componentes, mas tal nome ou tais itens são não-referenciais. No exemplo acima, temos uma entidade codificada com um SN indefinido ‘uma janela’. A modalidade sob cujo escopo está a entidade ‘uma janela’ é identificada por nós como não factual e o que indica isto, neste exemplo, é o operador *irrealis* condicional ‘se’. Tal operador mantém a entidade em um contexto hipotético, permitindo a interpretação não-referencial. Uma vez que tal interpretação é permitida nesta modalidade e que não temos nenhuma modificação restritiva ou outro mecanismo que assegure a referencialidade da entidade, afirmamos que se trata de uma entidade não-referencial, nos termos de Givón e com grau [referencial 4], em nossa análise.

▪ [Referencial 5]

Este é o grau de referencialidade identificado naquelas ocorrências de *tudo*: a) que mantêm ligação com a entidade quantificada por um desencadeador – casos de ligação fórica indireta; ou b) que não mantêm ligação com a entidade por nenhum elemento textual – casos de ligação vaga e dêitica.

(17) Ah, toda perda é difícil, né? Toda perda é triste, todo mundo ficou muito triste, né? Depois que ele morreu ficou *tudo* diferente...” (13L0635)

(18) É, mas o que a senhora quer mais saber? (...) está gravando tudo? (06L0989)

(19) Os meus pais eram *ricos*, aí vieram pra cá, perderam *tudo*, que quando eu fiquei grande, que eu fui conhecer (...) o Ribeirão, o Rio Vermelho foi depois, agora, de grande (...) o meu filho mais velho me trouxe e me levou lá pra mim conhecer. (08L0042)

(20) Então *tudo o que eu viajei* foi quando eu, na época, era motorista na repartição. (02L0117)

No grau [referencial 5], estão as ocorrências de *tudo* com grau mais fraco de referencialidade. Trata-se das ocorrências nas quais *tudo* mantém relação com uma entidade apenas por inferência. Estão inclusos, portanto, os (Q) super genéricos (17) que estabelecem uma relação vaga com uma entidade inferida, os (Q) dêíticos (18) e todos os casos em que a ligação de *tudo* e a entidade quantificada é *fórica indireta*, como nos exemplos (19) e (20).

Apresentados alguns exemplos de análise, podemos perceber a gradação existente no status referencial da entidade ligada ao quantificador *tudo*. A referencialidade será retomada mais adiante, juntamente com outras noções, para caracterizar cada um dos graus de definitude. A seguir apresentamos uma proposta de Enç sobre a especificidade, nos atendo especialmente às relações de identidade e inclusão.

6.1.2 UMA PROPOSTA PARA A ESPECIFICIDADE: RELAÇÕES DE IDENTIDADE E INCLUSÃO

A análise da *especificidade* é baseada em Enç (1991)⁹², que trabalha com duas propriedades – *definitude* e *especificidade* – considerando que ambas estão interligadas e se diferenciam pelas relações às quais denomina *identidade* e *inclusão*. Essas duas relações estão presentes em nosso fenômeno e se configuram, na nossa proposta de análise, como traços constituintes da definitude, a serem controlados juntamente com a referencialidade, a delimitação/determinação e o papel do falante.

Faremos uma resenha sucinta do texto de Enç, prendendo-nos às constatações e aos exemplos mais pertinentes à nossa pesquisa. Vejamos alguns exemplos usados pela autora:

- (21) Odam-a birkaç çocuk girdi.
 My-room-Dat several child entered.
 ‘Several children entered my room.’

Essa sentença poderia ser seguida por (22) com caso acusativo ou por (23) sem caso:

- (22) İki kız-i taniyordum.

Two girl-Acc I knew

I knew two girls.

- (23) İki kız taniyordum.

Two girl I knew

I knew two girls

- (24) Kız-lar-dan iki-sin-i taniyordum.

Girl-Pl-Abl two-Agr-Acc I-Knew

⁹² Esta autora toma de Heim (1982) as considerações acerca da *definitude* e as amplia na elaboração de sua proposta para a *especificidade*, desenvolvida a partir de dados do turco comparados com o inglês. Adiantamos que trataremos a definitude de maneira um pouco diferenciada em nossa análise, adequando os postulados de Enç à natureza do fenômeno que investigamos.

I Knew two of the girls.

A sentença (22) ‘Eu conhecia duas garotas’ com caso acusativo é sobre duas garotas incluídas no grupo de crianças em (21) ‘Várias crianças entraram no meu quarto’. Em (23) temos duas garotas que não estão inseridas no grupo previamente estabelecido em (21). A sentença (22) seria equivalente à (24) ‘Eu conhecia duas das garotas’, enquanto a sentença (23) não.

Estes exemplos vêm ilustrar a possibilidade de interpretação *partitiva* em sentenças como (22) ‘duas garotas’, as quais, segundo a autora, apresentariam uma leitura *partitiva implícita*, equivalente à leitura dos SNs *partitivos evidentes*. A leitura *partitiva* está, dessa forma, intimamente ligada à *especificidade*.

Para desenvolver sua proposta acerca da *especificidade*, Enç parte da teoria de Heim (1982) sobre a *definitude* dos SNs. De acordo com tal teoria, “a diferença entre SNs definidos e indefinidos é percebida através da condição de familiaridade e da condição de novidade” (Enç, 1991, p. 7). Os *indefinidos* são “novos” no discurso, ou seja, tratam de referentes ainda não introduzidos no domínio do discurso, portanto, obedecem à condição de *novidade*. Já os *definidos* são chamados “familiares”, por serem aqueles cujo referente foi previamente introduzido no discurso, obedecendo à condição de *familiaridade*.

Definitude e *especificidade* são fenômenos claramente relacionados, segundo a autora. Os SNs [+definido] e [+específico] requerem que seus referentes discursivos sejam previamente estabelecidos no discurso. Ao contrário dos [-definido] e [-específico] que requerem referentes discursivos não estabelecidos previamente. O que distingue os dois fenômenos é a natureza da ligação estabelecida com seus referentes. A propriedade *definitude* é estabelecida por uma relação de *identidade*, enquanto a *especificidade* é estabelecida por uma relação de *inclusão*. Exemplificando:

(25) *Five children* arrived late. *They* had missed their bus.

‘Cinco crianças chegaram tarde. Elas perderam o ônibus.’

O pronome *they* (elas) é *definido* por manter uma relação de *identidade* com seu antecedente *five childrens* (cinco crianças). O pronome *they* (elas) é *definido* por manter uma

relação de *identidade* com seu antecedente *five childrens* (cinco crianças). Chama-se a atenção para a relação de *inclusão* que também está presente na ligação entre o pronome e o antecedente, pois se *they* retoma o grupo *five childrens*, então *they* mantém também uma relação de *inclusão* com esse grupo. Enç prevê que não deve haver relação de *identidade* que não contenha uma relação de *inclusão*, ou seja, não há [+definido] que não seja [+específico]. Sobre a *indefinitude* [-definido], a autora sustenta que os referentes podem ser tanto [+específico] quanto [-específico]. “Especificidade deve ser compatível com indefinitude” (*op. cit.*, p. 10). Retomando a idéia de partitividade de Enç, os SNs [-definido] devem, então, ser considerados [+específico] quando tiverem interpretação partitiva, seja esta implícita ou não.

Os chamados quantificadores universais⁹³ também entram na análise da autora como específicos, no sentido de que seriam *partitivos invisíveis*. Em linguagem natural os quantificadores universais quantificam sobre grupos contextualmente dados. Como podemos ver em (26):

(26) Sally danced with every man.

‘Sally dançou com todos os homens.’

(27) Sally danced with every one of the men.

‘Sally dançou com cada um dos homens.’

A interpretação de (26) não é a de que Sally dançou com todos os homens da terra, mas que dançou com determinados homens de um determinado contexto, ou seja, a interpretação de (26) é equivalente a de (27). Isso mostra que os quantificadores podem ter leitura *partitiva implícita*, podendo, por isso ser *específicos*.

Além dos argumentos em favor da *familiaridade* como uma condição para marcar a *especificidade*, a autora acrescenta que em alguns casos a *especificidade* é marcada de outras maneiras, uma delas é ilustrada com o seguinte exemplo com *certain* ‘certo’:

(28) John wants to own *a certain piano* which used to belong to a famous pianist.

‘John quer possuir *um certo piano* que pertencia a um pianista famoso.’

Sentenças como essa têm a especificidade assegurada pela oração relativa, que estabelece, inclusive, uma relação de familiaridade para *certain* ‘certo’.

O artigo de Enç⁹⁴ vem nos dar algumas pistas para trabalhar a definitude associada ao quantificador **tudo**. Apresentamos, a seguir, uma aplicação das idéias da autora acerca das relações de *identidade e inclusão*, considerando também o que já vimos sobre a referencialidade e os processos que envolvem a referenciação.

6.1.2.1 RELAÇÕES DE IDENTIDADE E DE INCLUSÃO NOS USOS DE **TUDO**

Conforme a proposta de Enç, os quantificadores seriam *partitivos invisíveis* e poderiam, por isso, ser específicos. A característica *partitiva* em nosso fenômeno pode ser identificada na maioria das ocorrências, visto que só se excluem os casos de (Q) super genéricos, para os quais não existe uma entidade/grupo representada textualmente ou inferida, que possa ser partitiva. Na maioria dos casos a característica partitiva é inferida, é *implícita*, contudo alguns casos apresentam-se explicitamente partitivos. Para evidenciar esta característica, temos o seguinte exemplo:

(29) Os irmãos ao todo, nós somos dez irmãos: duas mulheres e oito homens. (...)

Os rapazes: eu tenho um irmão que é professor e leciona aula lá em Itapema. O restante é [que nem uma]- que nem a gente aqui, que é **tudo** mecânico.

(10L0011-026)

⁹³ Coelho (2000) e Vazzata-Dias (2001) já analisam dados de quantificadores do português baseadas em Enç (1991), para comprovar o traço de especificidade presente nesses usos.

⁹⁴ Para maiores detalhes, consultar o original.

O contexto desta ocorrência mostra claramente o que seria um *tudo* *partitivo*, pois quantifica um grupo *menor* (sete irmãos), que é identificado ‘dentro’ de um grupo maior (dez irmãos). A identificação vai sendo feita por exclusão: o falante tem dez irmãos; exclui as duas irmãs quando focaliza em ‘os rapazes’ (primeiro partitivo), o que resulta em oito irmãos/rapazes; exclui o irmão que é professor, o que resulta em sete irmãos/rapazes (segundo partitivo), que formam a entidade/grupo quantificada e retomada por *a gente (...) tudo*.

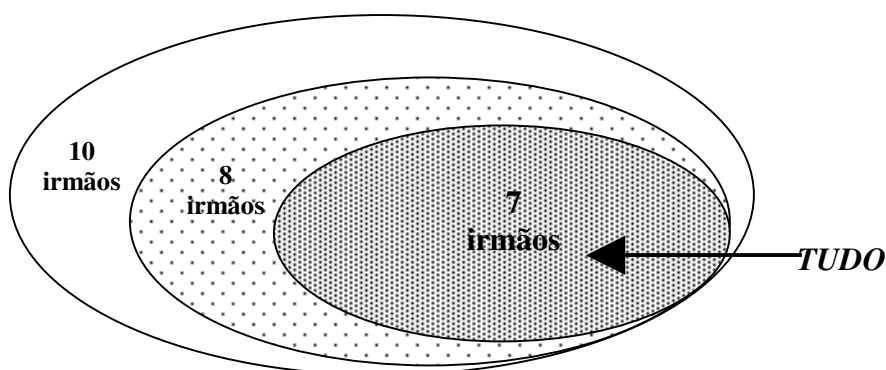


Figura 1 - relação de ‘partitividade’ entre o grupo quantificado por *tudo* e o grupo ‘10 irmãos’.

Como veremos a seguir, os dados analisados nesta dissertação apresentam-se com relação de *identidade* entre *tudo* e a entidade quantificada, com relação de *inclusão* e ainda com um caráter híbrido entre os limites da identidade e da inclusão, que identificamos como *identidade/inclusão*. .

A) Relação de identidade

Para as entidades com quantidade numerável, que mantêm relação fórica direta com *tudo* e que não sejam codificadas como *referencial type*, temos sempre uma relação de identidade, na qual *tudo* quantifica cada um dos componentes da entidade/grupo, indicando sua totalidade, conforme ilustram os exemplos abaixo. Nas figuras que acompanham os exemplos, as elipses menores inseridas na elipse maior representam cada uma das partes descontínuas que compõem a entidade quantificada por *tudo*, e a elipse maior representa a entidade na sua totalidade.

(30) Até um dia ele comprou dois cacho[s] de banana e fez ela comer *tudo*.

(01L0526)

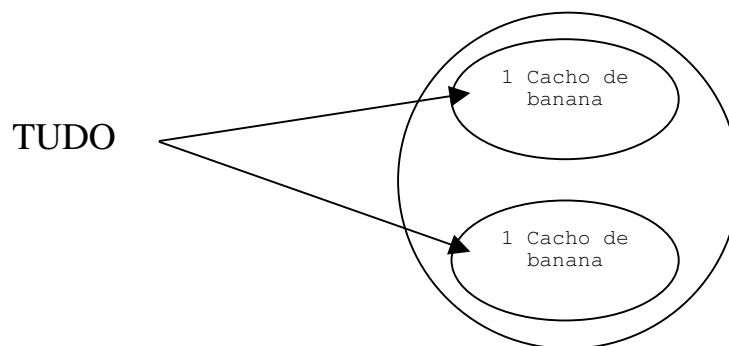


Figura 2 - relação de identidade entre tudo e a 'dois cachos de banana'

(31) Posso dançar com *as menina[s]* **tudo** lá0 que dança um monte de mulher com mulher, né? (26L0281)

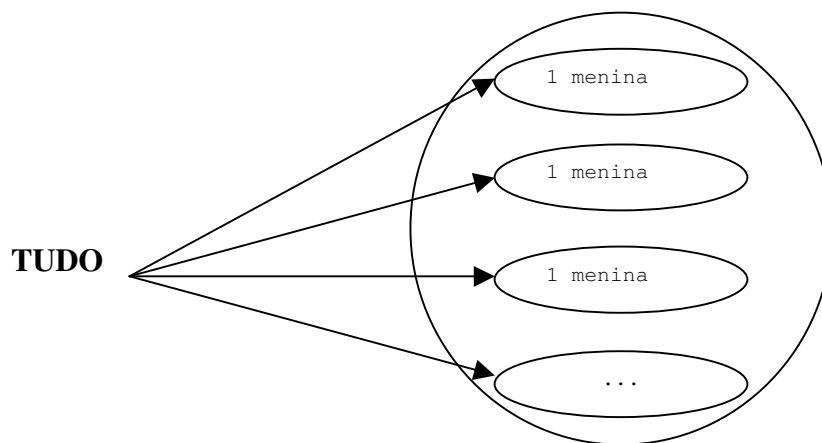


Figura 3 - relação de identidade entre tudo e 'meninas'.

No exemplo (31), acima, embora não tenhamos a quantidade da entidade 'meninas', a relação é de identidade, pois esta relação não depende da quantidade estar expressa ou não. Na figura, as reticências representam a falta de determinação numérica da entidade 'meninas'. Qualquer que seja o número de componentes desta entidade/grupo, a intenção do falante foi a de quantificar a sua totalidade, porque ela está representada por um nome.

(32) A gente era *uns oito ou nove neto[s]* (...) Então imagina *isso* **tudo** passando as férias na casa do avô! (01L0576)

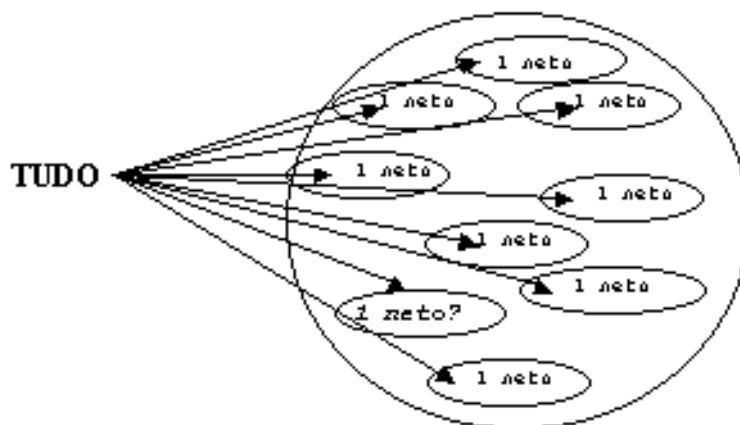


Figura 4 - relação de identidade entre tudo e 'a gente=oito ou nove netos'.

A figura 3 representa a entidade com cada um de seus elementos quantificados, inclusive o elemento que fica no limite da determinação numérica 'oito ou nove': *um neto?*.

(33) O homem *saltou* do carro (...) pensando que *a gente* era **tudo** meio doido.

((E) Mas quem é que estava no carro?) *Um moço, eu não conheço, que era amigo duma amiga que estava comigo na carona.*(01L0961)

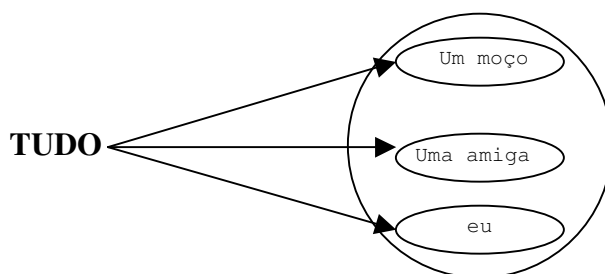


Figura 5 - relação de identidade entre tudo e 'agente=um moço, uma amiga e eu'

No exemplo (33), temos uma entidade/grupo representada pela forma *a gente*, que é constituída no discurso pela citação de cada um de seus elementos: 'um amigo..', 'uma amiga...' e 'eu'.

Como veremos na descrição dos outros tipos de relações, abaixo, as entidades com quantidade mensurável, em sua maioria, mantêm relação de *identidade/inclusão* com **tudo**, à exceção de um contexto específico: o das receitas culinárias, em que a relação estabelecida é considerada, por nós, como de *identidade*. Nesse contexto **tudo** quantifica ao mesmo tempo

coisas numeráveis e mensuráveis: cada um dos itens é considerado numerável (quatro itens = *açúcar, margarina, ovo e ovo*); a dimensão de cada um deles pode ser mensurável (*dois quilos de açúcar, duzentos gramas de margarina*). Por conhecimento compartilhado, sabemos que receitas culinárias exigem correspondência entre as instruções e o que se faz, ou o resultado não será o esperado⁹⁵. Confira-se o exemplo:

(34) ...primeiro bota dois ovos, bota uma xícara de açúcar, bota uma colher de margarina, aí tá, bate **tudo**. (28L0341)

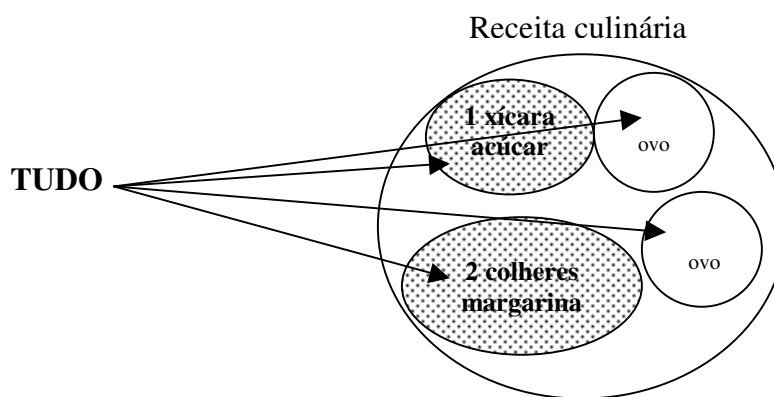


Figura 6 - relação de identidade entre os itens resumidos e tudo.

B) Relação de *identidade/ inclusão*

Para a maior parte das entidades com quantidade mensurável, a relação com o quantificador não parece ser somente de totalidade, mas de *intensificação da dimensão referida*, que pode representar a totalidade ou não. Parece que mesmo sem usar o termo ‘quase tudo’, nos casos com quantidade mensurável, o sentido pode ser este. Consideramos, então, que a relação entre o quantificador e uma quantidade mensurável fica em uma categoria intermediária: ‘*identidade/ inclusão*’. A criação desta categoria se justifica pela recorrência de dados como o seguinte:

(35) A escola, destruíram **tudo** (...) eles em vez de reconstruir, demoliram **tudo**
aquela parte, aquela outra parte que dá lado ali para o grupo padre

⁹⁵ As receitas podem ser modificadas, mas o resultado não corresponderia àquele em que fossem seguidas as

Anchieta também era escola ali, [a primeira]- eles tinham aula ali (...) também destruíram, eu sei só ficou aquela partezinha ali só. (15L0427-459)

O falante usa **tudo**, quantificando a maior parte do que seria ‘escola’. Sabemos que é a maior parte e não a totalidade, pelo que o próprio falante descreve na sequência do texto: “só ficou aquela partezinha ali só”. Mesmo descrevendo o que teria sido destruído, como apenas algumas partes da escola, o falante não corrige sua fala com ‘quase tudo’ ou ‘nem tudo’. Deduzimos, por exemplos como este, que o sentido é de *intensificação da dimensão referida* e não de *totalidade*. A relação identificada nesta ocorrência pode ser ilustrada pela figura seguinte:

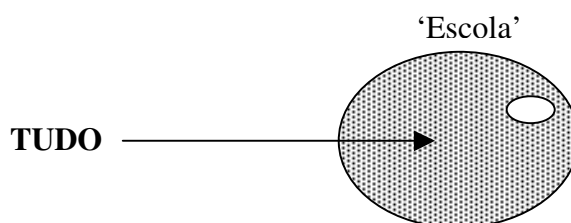


Figura 7 - relação de indentidade/ inclusão entre tudo e escola.

A parte hachurada representa quantificação sobre a maior parte de ‘escola’, como se o falante dissesse ‘*quase tudo*’: a elipse maior representa ‘escola’ e a menor ‘aquela partezinha’ que faz parte de ‘escola’. A partir de exemplos desse tipo, categorizamos ocorrências como (36), abaixo, como de identidade/inclusão.

(36) Se ele ia limpar uma janela, depois a gente sujava **tudo** de novo. (01L0441)

Nesse caso, o falante, mesmo que não tenha dado pistas disso, pode estar expressando uma intensificação da quantificação que pode, ou não, ser totalizante. Se houvesse apenas intensificação, como ilustrado pela figura abaixo, teríamos essa intensificação da quantificação pode ser totalizante e por isso os dados deste tipo são categorizados entre um e outro tipo de relação.

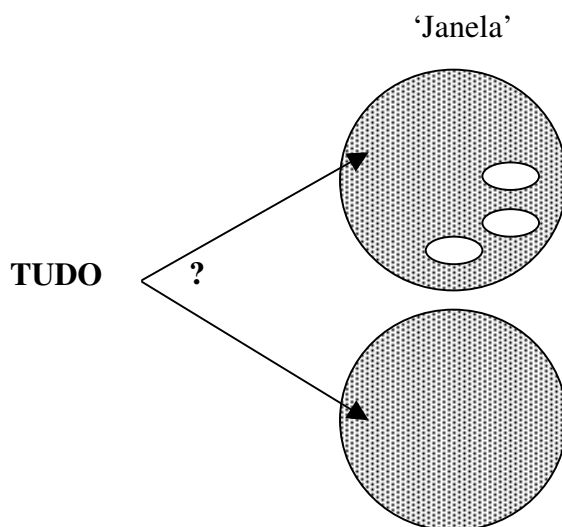


Figura 8 - relação indentidade/ inclusão entre janela e tudo.

Como no exemplo anterior, a figura ilustra a relação *identidade/inclusão*. Na primeira elipse, a parte hachurada representa a intensificação da quantificação e os espaços em branco, possíveis partes não ‘suas’, e na segunda, a possibilidade de totalidade da quantificação.

Outro tipo de entidade que mantém relação de identidade/ inclusão com **tudo** são os SNs *type referencial*, os já mencionados SNs genéricos, já que quantifica genericamente uma classe e não algo particularizado no universo do discurso. Considerando que os genéricos são classes muito amplas, a quantificação pode estar acompanhada de um sentido de intensificação e não de totalidade⁹⁶, como nas entidade de quantidade mensurável. Vejamos o exemplo (37):

(37) Por isso que *político* mesmo é **tudo** uma ‘m’, não tem. (25L0457)

⁹⁶ Nossa descrição desta relação nos genéricos pode ser apoiada ainda em Vazzata-Dias (2001, p. 9), que diferencia sentenças universais de genéricas e usa como evidência para tal diferenciação a constatação de que sentenças genéricas admitem exceções e universais, não. A autora demonstra isso pelo possibilidade de se usar advérbios, como ‘geralmente’ em sentenças genéricas sem que estas mudem o sentido, o que não é possível com as universais. Ilustrando, teríamos: ‘Geralmente homem é canalha’ (genérica); ‘*Geralmente todo homem é mortal’. Saliente-se que o foco da autora está sobre toda a sentença, portanto, o foco é diferente do nosso, já que estamos considerando apenas a relação tudo/entidade quantificada. Considerando a diferença de foco, apenas nos valem das idéias de exceção nos genéricos para comparar ao que chamamos relação de identidade/inclusão. “Traduzindo” as constatações da autora para o nosso fenômeno, diríamos então que, se genéricas admitem exceções, não podemos identificar uma relação de identidade entre **tudo** e a entidade quantificada, mas uma relação intermediária: identidade/inclusão.

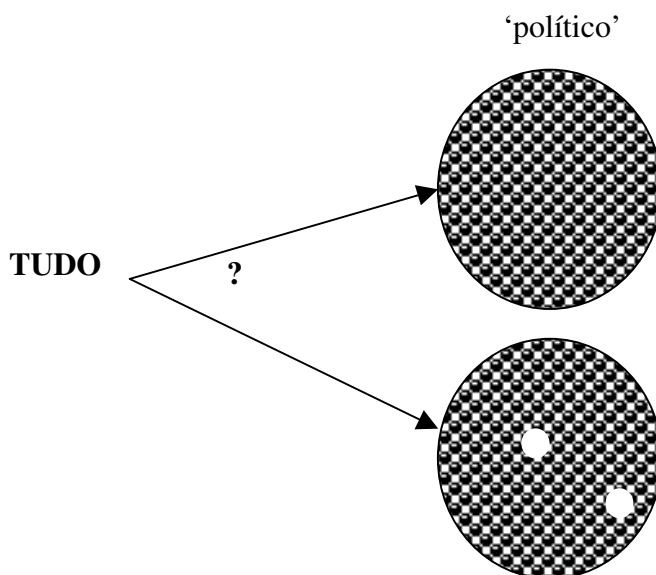


Figura 9 - relação de identidade/inclusão entre tudo e 'político'

Nos exemplos usados até aqui temos percebido uma diferença entre o que seria uma entidade com quantidade numerável e uma entidade com quantidade mensurável. Porém, como no exemplo de receita culinária, em alguns outros casos podemos ter a presença das duas características:

(38) *Os meus livro[s] eru [am] **tudo** recortado[s].* (01L0185)

Em (38), temos uma entidade/grupo 'meus livros' que poderia ser considerada apenas com quantidade numerável ('um livro', 'dois livros'), mas a presença do atributo 'recortados' sendo enfatizado por **tudo** parece indicar que tal entidade/grupo é composta de itens (numeráveis) e cada qual possui a característica de quantidade mensurável (várias partes de cada livro eram recortadas). Optamos por considerar as entidades desse tipo como de natureza híbrida, numerável e mensurável; por isso a relação entre tais entidades e **tudo** é também intermediária: *identidade/ inclusão*. Vejamos como mostrar isso nas figuras a seguir:

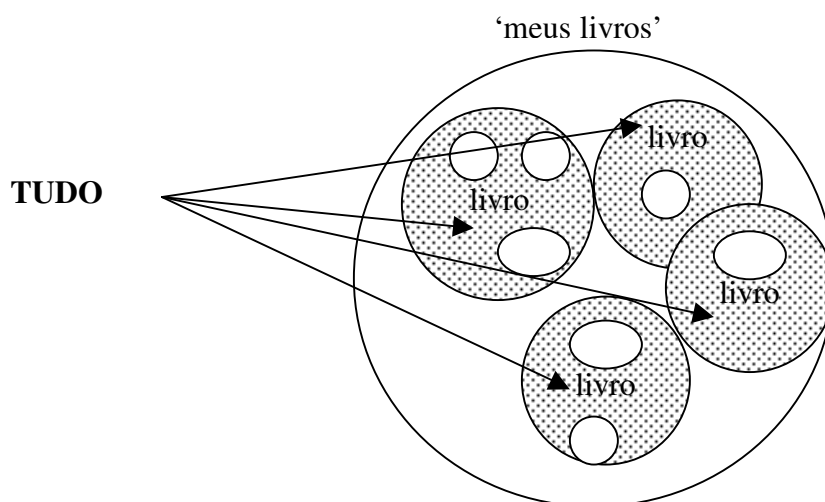


Figura 10 - Figura 10 - relação de identidade / inclusão entre tudo e 'meus livros'.

Outro tipo de ocorrência cuja relação entre **tudo** e a entidade quantificada é também analisada como de *identidade/inclusão*, é o caso da função de *ampliador/resumitivo*, já que não podemos afirmar se os itens se resumem ou se ampliam, conforme exemplificado abaixo.

(39) Até passou do lado do quarto dele, viu as fardas dele, o uniforme dele dentro do colégio, **tudo**. (04L1202)

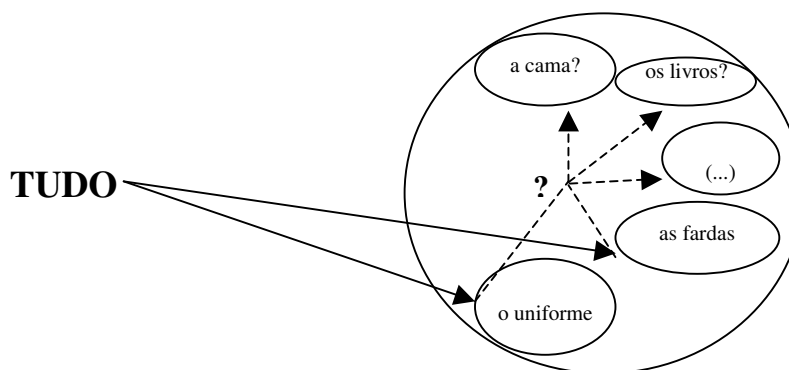


Figura 11 - relação de identidade/ inclusão entre tudo e 'as fardas' e 'o uniforme'.

Na figura 11, **tudo** pode tanto estar ligado somente aos itens citados, como pode estar ligado inferencialmente a outros itens.

C) Relação de *inclusão por nomeação*

Esse tipo de relação é estabelecida da seguinte maneira: textualmente, pela citação de algum(s) item(s) da entidade/grupo ligado(s) a **tudo**; e inferencialmente, pela indicação (textual) de que há outros itens pertencentes à entidade quantificada, mas que não foram citados. Vejamos os exemplos:

(40) Foi assim na piscina, todo mundo caía na piscina de *roupa e tudo*. (28L1101)

Em (40), ‘*e tudo*’ vem depois do item ‘roupa’, sugerindo a ampliação da quantificação para outras coisas da mesma natureza: roupa ‘e’ *sapato, bolsa, chapéu* ou qualquer outro acessório que as pessoas estivessem usando na ocasião.

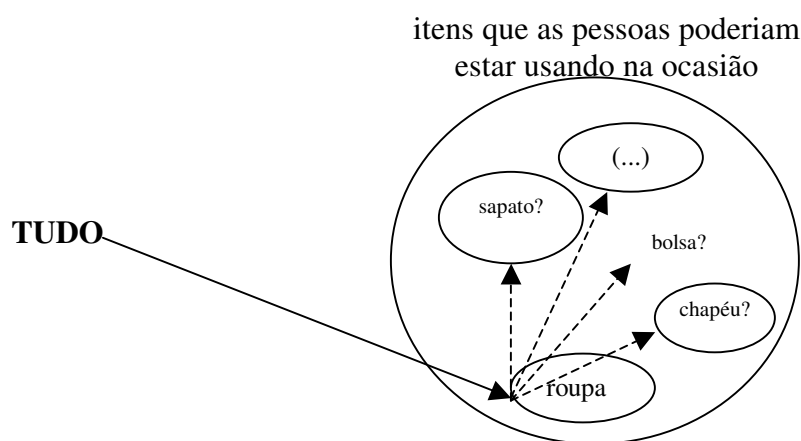


Figura 12 - relação de inclusão por nomeação entre **tudo** e ‘coisas que as pessoas poderiam estar usando a ocasião descrita’.

Na figura 12, representamos a ligação textual pela seta com linha contínua, que liga **tudo** a ‘roupa’; desta ligação resulta a ligação inferencial, representada pelas setas com linha pontilhada, que ligam **tudo** e ‘roupa’ a ‘outros itens que as pessoas poderiam estar usando na ocasião descrita’. Esse tipo de relação está presente nas funções *ampliador* e *ampliador/resumitivo*.

Já que correlacionamos acima o tipo de relação com a função, vale mencionar ainda que também na função de *ampliador/planejador verbal* encontramos ocorrências cuja relação entre *tudo* e a entidade foi identificada como de *inclusão por nomeação*. Vejamos um exemplo:

(41) Eu já ouvi a *banda deles*, **tudo**, gostei, **tudo** (...) aí0 eu vou lá, assisto o show, **tudo**. (est) (29L0329)

Os três dados destacados em (40) apresentam a mesma função: *ampliador/planejador verbal*. Descrevemos aqui apenas o primeiro deles, para explicar a relação. Na ilustração abaixo, as linhas pontilhadas representam a possibilidade de termos um **tudo** *ampliador*, o que justificaria uma relação de *inclusão por nomeação* com uma possível entidade ‘várias bandas’.

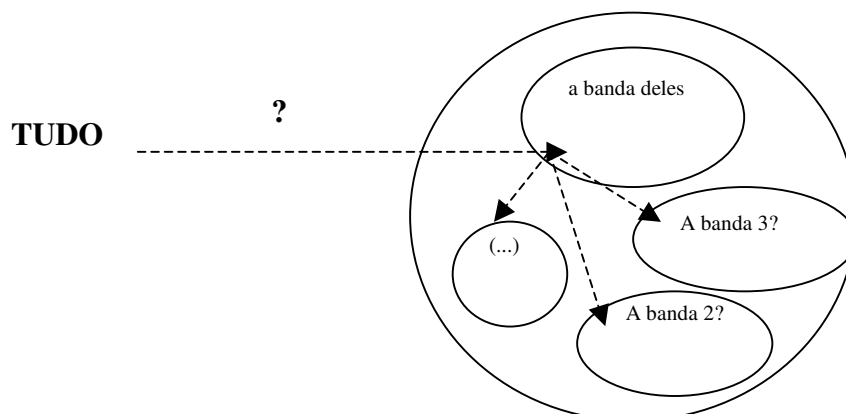


Figura 13 - relação de inclusão por nomeação entre *tudo* e ‘a banda deles’.

D) Inclusão por desencadeador de ligação

Outro tipo de relação de inclusão identificado nos dados analisados é o que denominamos *inclusão por desencadeador*. Trata-se da relação instaurada entre *tudo* e um desencadeador de ligação, ou seja, é a relação mantida por todos os fóricos indiretos.

(42) Os meus pais eram *ricos*, aí vieram pra cá, perderam **tudo**, que quando eu fiquei grande, que eu fui conhecer (...) o ribeirão, o rio vermelho foi depois, agora, de grande (...) o meu filho mais velho me trouxe e me levou lá pra mim conhecer. (08L0042)

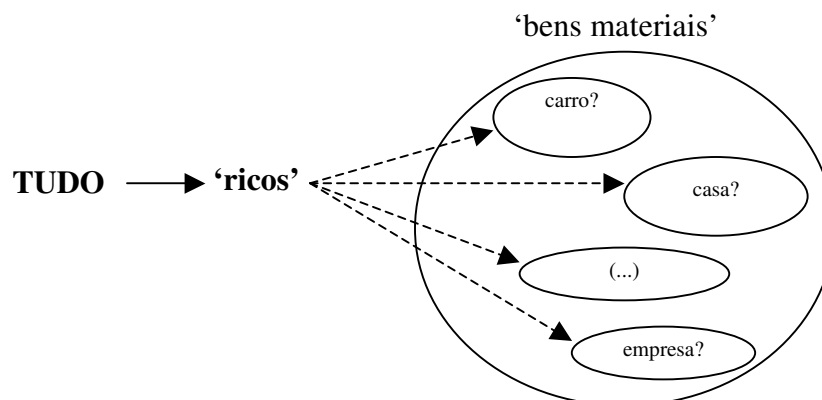


Figura 14 - relação de inclusão por desencadeador entre tudo e a entidade 'bens materiais' por meio do desencadeador 'ricos'.

A relação é ilustrada da seguinte forma: **tudo** se liga textualmente, por inferência, a **'ricos'**. O item **'ricos'** está para **tudo** como desencadeador de ligação com uma entidade inferida, a qual denominamos **'bens materiais'**. As setas com linhas pontilhadas representam a ligação de **tudo** com vários itens que podem compor tal entidade, podendo ser: **'carro'**, **'casa'**, **'empresa'**, etc.

Apenas uma das funções de **tudo** não se encaixa em nenhuma de nossas categorias de relações: o (Q) super genérico. Este quantificador não mantém relação de identidade, tampouco mantém relação de inclusão com a entidade à qual se liga. Por causa da natureza genérica e ampla da entidade quantificada, não é possível estabelecer limites para a quantificação, nesta função.

Vimos, no decorrer desta seção, como a proposta de Enç, com suas noções de identidade e inclusão, nos instrumentaliza na descrição de um grupo de fatores/traços que, como será visto em seguida, contribui significativamente para a distinção de graus de definitude de **tudo**. Passemos, então, à descrição dessa propriedade semântico-discursiva escalar.

6.2 ENFIM A DEFINITUDE

A partir das descrições teóricas acerca de referencialidade e especificidade apresentadas ao longo deste capítulo e considerando também a noção de delimitação/determinação bem como o papel do falante, estabelecemos o que rotulamos como uma ‘matriz de traços’, que determina em que medida *tudo* é [+definido]>[-definido] em uma escala com seis graus: **[definido 1]**, **[definido 2]**, **[definido 3]**, **[definido 4]**, **[definido 5]**, **[definido 6]**, na qual [definido 1] corresponde ao grau mais alto de definitude e [definido 6] ao grau mais baixo. A escala de graus de *definitude* é estabelecida com base na análise dos traços constituintes de cada ocorrência. Para tanto, seguimos as seguintes etapas de análise:

- 1) Partimos da análise da referencialidade, conforme Givón, já que esta é uma das condições básicas para a *definitude*, codificando os dados, conforme o status referencial: [referencial 1, referencial 2, referencial 3, referencial 4, referencial 5].
- 2) Identificamos cada ocorrência com as informações de quantidade, pois a *determinação/delimitação* está associada, no caso de nossos dados, a noções numéricas, ou seja, a identificação de cada ocorrência é feita, conforme contenha: *quantidade expressa com número exato* (‘dois cachos de banana’, ‘dois quilos de arroz’, ‘duas colheres de açúcar’⁹⁷); *quantidade expressa com número aproximado* (‘dois ou três cachos de banana’, ‘uns, dois metros, mais ou menos’); *sem informação de quantidade*.
- 3) Passamos pelas *relações de retomada da entidade* (RRE) (identidade e inclusão), adaptadas da proposta de Enç, para saber em que medida *tudo* retoma a entidade expressa no discurso, com a análise dos traços (*identidade*, *identidade/inclusão*, *inclusão por nomeação*, *inclusão por desencadeador*, *sem relação identificada (quantificador super genérico)*).
- 4) Por último, analisamos outro grupo de fatores/traços identificados empiricamente na observação dos dados e também controlado na análise: o papel do falante com relação à entidade quantificada [+participante], [-participante]. Este traço já foi comentado na seção

⁹⁷ Especificamente para os contextos de receitas culinárias, consideramos as medidas convencionais (‘uma xícara’, ‘uma colher’) como quantidade expressa com número exato. Para todas as outras ocorrências é mantido o critério de números exatos, ou seja, quantidade de componentes de um grupo ‘três meninos’ ou quantidade de substância de uma entidade ‘trezentos gramas’, ‘dois metros’, por exemplo.

dedicada à análise da referencialidade, na qual já constatamos a força referencial da *participação do falante* na entidade quantificada por **tudo**. Considerando que a referencialidade é um dos fatores mais fortes presentes na definitude, assumimos que o traço em questão também possui força de *definitude*.

A tabela a seguir ilustra a força de *definitude* dos traços, comparados uns aos outros em cada uma das etapas de análise:

Forças de definitude Etapas de análise	+ definido-definido [definido 1.....definido 6]
(1) <i>Status</i> referencial	(1)[referencial 1]; (2)[referencial 2]; (3)[referencia 3]; (4)[referencial 4]; (5) [referencial 5]
(2) RRE	(=)[identidade]; (?) [identidade/inclusão]; (~) [inclusão por nomeação]; (>) [inclusão por desencadeador]; (c) [s/item lexical]
(3) Q. da entidade	(E) [exp. exatamente]..... (@) [expressa c/ número aproximado]..... (&) [sem informação]
(4) Papel do falante	(U) [+participante].....(R) [- participante]

Tabela 6 - forças de definitude dos traços constituintes

Retomamos, a seguir, alguns dos exemplos apresentados ao longo desta dissertação para evidenciar os diferentes graus de definitude de **tudo**, a partir dos traços elencados acima. A codificação dos dados (**C**) está entre parênteses logo abaixo da ocorrência e é acompanhada da classificação do grau de definitude (**GD**) e de comentários adicionais.

❖ [Definido 1]

Este grau de definitude é o grau mais forte e se caracteriza por conter os traços [referencial 1], [identidade] e [expressa exatamente].

(43) 01L0526 - Até um dia ele comprou *dois cacho[s] de banana* e fez ela comer **tudo**.

Codificação (C): (I=ER) → Grau de definitude (GD): 1

(44) São *sete gato[s]*, a minha mãe adora gato, dorme **tudo** com ela.(25L0953)

C: (I=ER) → GD: 1

Em (43) e (44) temos um **tudo** que retoma entidades mais definidas do que as entidades das outras sentenças listadas abaixo, ou seja, apresenta-se com o grau mais forte [definido 1] porque: é [referencial 1]; mantém uma RRE de [identidade], já que **tudo** retoma totalmente a entidade ‘dois cachos de banana’, expressa textualmente; e a quantidade é expressa com número exato. Os traços do grupo de fatores ‘papel do falante’ apresentam-se neutros para a determinação do grau [definido 1], já que este grau é sempre determinado pelos primeiros traços de cada um dos três primeiros grupos de fatores: [referencial 1], [identidade], [expressa exatamente]. Veremos, nos próximos exemplos, que o traço ‘papel do falante’ possui força de definitude entre os graus [definido 1] e [definido 2]. Vejamos como ficariam os exemplos (43) e (44) de acordo com a tabela (??), representada pelo diagrama (01):

Força de definitude: (+).....(-)

[+referencial]

[identidade]

[expressa exatamente]

..... [não participante]

Diagrama 01: forças de definitude de cada um dos traços dos exemplos (43) e (44).

❖ [Definido 2]

As ocorrências nas quais se identifica esse grau de definitude apresentam o traço [referencial 1], e podem conter as seguintes combinações de traços: a) se [referencial 1] e [+participante], pode ter um de dois dos traços da noção de *quantidade* ([expressa c/ núm. aproximado] ou [sem informação]) e pode ter um dos dois traços de *RRE* [identidade] ou [identidade/inclusão]; b) se [referencial 1] e [expressa c/ número aproximado], pode ter quaisquer

dos dois traços da noção *papel do falante* e pode ter um dos dois traços de *RRE* [identidade] ou [identidade/inclusão].

(45) Eram *oito ou nove crianças, eu, meus irmãos e meus primos*, durante as férias, na casa do meu avô (...) brincava de fazer comida no barco (...) *Nós* comía[mos] **tudo** dentro do barco. Entrava todo mundo pra dentro do barco e comia lá dentro, né? (01L0819)

C: (1=@U) →GD:2

O exemplo (45) se encaixa no segundo grau de definitude, grau (2), porque: é [referencial 1]; mantém RRE de [identidade]; tem quantidade [expressa com número aproximado]; e ainda tem o falante com papel de [+ participante]. Sempre que o falante for participante da entidade/grupo quantificado e tal grupo for [referencial 1], o grau será [definido 2]. A determinação do grau, nesta ocorrência, independe das informações de quantidade, por causa da força de definitude que o traço ‘participante’ tem. O traço participante possui uma grande força referencial, já que a entidade, ou parte dela é acessada deiticamente pela identificação de um dos participantes do momento de fala (o falante) – e tem base nas noções de referencialidade de sintagmas definidos, defendidas por Givón. Esta força de referencialidade se reflete na análise da definitude, motivo pelo qual a transformamos em um dos traços constituintes desta propriedade. Especialmente nesta ocorrência, temos a identificação do grau [definido 2] garantida de duas maneiras, por dois traços com o mesmo ‘peso’ combinados com [referencial 1] e ([identidade] ou [identidade/inclusão]): [participante] e [expressa com número aproximado]. O que queremos dizer com ‘mesmo peso’ é que não precisamos dos dois traços para a identificação deste grau, apenas um dos dois combinados com [referencial 1] e [identidade] garante isso.

(46) *A gente*⁹⁸ quando voltou do filme, né? *a gente* sempre costumava brincar de que ia procurara o king kong. Então se metia no meio do mato (...) na mata afora, descendo **tudo** sujo. (01L0081-94)

C: (1?&U) →GD:2

⁹⁸ Neste exemplo ‘a gente (...) **tudo**’ retoma um grupo citado várias orações antes ‘as crianças do bairro’, que é retomado por ‘eu e os meus amigos de lá’ (referindo-se aos amigos do bairro). Pela distância textual não seria econômico apresentar esses sintagmas e o texto que os acompanha até que sejam retomados por ‘a gente (...) **tudo**’.

O exemplo (46) ilustra melhor a força de definitude do traço ‘participante’, já que não possui informações de quantidade. Neste exemplo, os dois traços determinantes do grau [definitude 2] são claramente [referencial 1] e [+ participante], já que considerando-se a força de definitude de cada um dos traços em cada uma das etapas/noções de análise, estes são os traços mais fortes dentre os quatro. Vejamos o diagrama (02), abaixo, extraído da tabela (07):

Força de definitude: (+).....(-)
 [+referencial]
 [identidade/inclusão].....
 [sem informação de quant.]
 [+participante]
Diagrama (02) forças de definitude de cada um dos traços do exemplo (46)

A RRE (‘relação de retomada da entidade’), neste exemplo, é um caso específico das entidades que se apresentam com quantidades numeráveis e mensuráveis e, por isso, a indeterminação da relação: identidade/inclusão, o que também não influencia na determinação do grau [definitude 2]. Atente-se para o fato de que, neste grau de definitude, a RRE só poderá ser [identidade] ou [identidade/inclusão].

❖ [Definido 3]

Neste grau, as entidades podem ter os seguintes traços: ([referencial 1] ou [referencial 2]); a RRE para este grau pode ser: [identidade], [identidade/inclusão] ou [inclusão por nomeação]; [sem informações de quantidade]; e [não participante].

(47) Nós gostávamos de abrir o armário porque ele era muito grande, e era muito alto (...) e um dia (falando rindo) (inint) quebrou *tudo*, [foi]- foi *copo*, *prato* pra tudo quanto era lado. (01L0775-0776)

C:(2~&R) → GD: 3

Como pudemos ver nos exemplos anteriores, os graus de definitude (1) e (2) só são identificados em contextos nos quais o status referencial seja [referencial 1]. O grau de definitude (3) pode tanto ser identificado em contextos [referencial 1], quanto [referencial 2]. No exemplo

(47), identifica-se o grau [definido 3], por dois fatores determinantes: [referencial 2] e [inclusão por nomeação]. Em todos os casos em que tivermos um **tudo** de qualquer um dos tipos *ampliador*, *ampliador/resumitivo* ou *ampliador/planejador verbal*, quantificando textualmente nomes referenciais – como no exemplo acima (‘copo’, ‘prato’), que estabelece RRE de inclusão por nomeação – teremos identificado o grau [definido 3].

(48) Ah! contam, contam bastantes coisas principalmente também a minha vó, né? que conta da trindade, que não existia aquela casa, né? e não existia aquele caminho, agora existe, que *onde que é a beira mar norte ali* era **tudo** mangue, né? ali era **tudo** mar. (04L0049)

C: (1?&R) → GD 3

Neste exemplo (48), temos uma entidade [referencial 1], que mantém RRE de [identidade/inclusão] com **tudo**, [sem informação] de quantidade e falante [- participante]. O grau [definido 3] é identificado em todos os casos de entidade [referencial 1] que não se encaixem no grau [definido 2], tampouco no grau [1], por não conterem informações de quantidade ou não terem o falante participante.

(49) Minha mãe ficava doida, ela achava o cúmulo ler aquilo ali, é um absurdo, né? Queria que lesse outras coisas, já que eu gostava de ler e que lesse alguns livrinhos, né? *infantis*, comprava, mas eu sempre recortava os livros. *Os meus livro[s]* era u[m] **tudo** recortado[s]. (01L0177- 0186)

C: (1?&R) → GD: 3

Este exemplo (49) é mais um dos que ilustra o grau [definido 3] por conter os mesmos traços constituintes da definitude que o exemplo anterior (48). Interessante lembrar que neste grau se admitem quaisquer das três RRE: [identidade], [identidade/inclusão] ou [inclusão por nomeação]; logo, mesmo que a entidade do exemplo (48) não apresentasse características de quantidade numerável/mensurável – o que determina a relação intermediária [identidade/inclusão] –, ou seja, se tivéssemos algo como ‘*os meus livros*, comprei **tudo** ontem’

teríamos uma relação de [identidade] e ainda assim o grau seria [definido 3], pois continuaríamos sem informação de quantidade e sem a participação do falante na entidade.

❖ [Definido 4]

Neste grau inserem todas as ocorrências de referencial *type* e não referenciais.

(50) Olha, eu₀ escuto₀ [*Itudo1*] que é tipo de música. (33L0444)

C: (3?&R) → GD: 4

(51) Se ele ia limpar uma *janela*, depois a gente sujava *tudo* de novo. (01L0441)

C: (4?&R) → GD: 4

Neste grau de definitude, agrupamos as ocorrências do tipo (50) e (51), ou seja, respectivamente, os referenciais *type* [referencial 3] e os nominais não-referenciais [referencial 4]. Assim, neste grau de definitude podemos ter [referencial 3] e [referencial 4]; RRE [identidade/inclusão]; sem informação de quantidade; e falante [- participante].

❖ [Definido 5]

Todas as ocorrências identificadas com este grau de definitude são categorizadas com o grau [referencial 5], por não terem a entidade representada nominalmente, mas estabelecem ligação com o quantificador através de um desencadeador. Em outras palavras, neste grau de definitude estão todos os casos de quantificador que mantêm relação fórica indireta com a entidade.

(52) Eles tinham muito medo do meu pai, né? porque eram homens, daí [podiam entrar na]- podiam apanhar, podiam *tudo*, né? e mulher o meu pai dava mais atenção. (01L0406)

C: (5>&R) → GD: 5

(53) Não sei, é meio estranho, mas eu acho que pra *cozinhar* tu tens que estar numa boa, assim, [aquela]- de *cozinhar*, de preparar **tudo** com calma, assim, né?
(01L0691)

C: (5>&R) → GD: 5

No exemplo (52) temos um **tudo** ampliador, o que já significa, em princípio, que nem todas as entidades estão representadas textualmente. A isso, acresce-se o fato de que o que temos no texto para representar a entidade não são nomes, mas desencadeadores de ligação entre uma entidade inferida e **tudo**, logo, temos entidades com os seguintes traços: [-referencial]; [inclusão por desencadeador]; [sem informação de quantidade]; e [- participante]. Todas as ocorrências com este grau de definitude são assim codificadas. No exemplo (53) o grau de definitude é também o [5], já que temos também a RRE [inclusão por desencadeador].

❖ [Definido 6]

No último grau de definitude [definido 6], temos os exemplos que mais se aproximam do *pronome indefinido*, conforme apresentado nas gramáticas normativas modernas. Este grau é identificado nas funções descritas no capítulo V: (Q) super genérico e (Q) dêitico. Os traços constituintes deste grau são sempre os mesmos e são os traços com menor força de definitude: [referencial 5]; [sem item lexical]; [sem informação de quantidade]; e [- participante]⁹⁹.

(54) **Tudo** bem, ele foi embora, o que é que eu vou fazer, né? (02L1384)

C: (5c&R) → GD: 6

(55) Foi uma coisa assim que me marcou muito, eu não consigo esquecer, né? e a mãe, toda vida, foi **tudo** pra mim. (03FAPL1046)

C: (5c&R) → GD: 6

⁹⁹ Codificamos as ocorrências deste grau, bem como as do grau [5] apenas para manter um mesmo padrão de análise para todos os dados, porque a rigor apenas a identificação dos tipos de RRE já explicaria cada um desses dois graus. Em outras palavras, toda vez que tivermos o traço [inclusão por desencadeador], teremos os outros traços do grau 5 identificados, conforme os exemplos (51) e (52); e sempre que tivermos o traço [sem item lexical], teremos os outros traços identificados como em (53), (54) e (55).

(56) É, mas o que a senhora quer mais saber? (...) está gravando *tudo*? (06L0989)

Resumindo como cada um dos graus é identificado, os traços que podem estar presentes em cada um deles estão representados na tabela (08) abaixo:

Grau de definitude						
Traços	Definido 1	Definido 2	Definido 3	Definido 4	Definido 5	Definido 6
Status referencial	[referencial 1]	[referencial 1]	[referencial 1] [referencial 2]	[referencial 3] [referencial 4]	[referencial 5]	[referencial 5]
RRE	Identidade	Identidade Identidade/inclusão	Identidade Identidade/inclusão Incl. p/ nomeação	Identidade/inclusão	I. p/ desencadeador	Sem item lexical
Quant. da entidade	Exp. Exatamente	Exp. c/ n.º aprox. Sem informação	Sem informação	Sem informação	Sem informação	Sem informação
Papel do falante	[+participante] [-participante]	[+participante] [-participante]	[-participante]	[-participante]	[-participante]	[-participante]

Tabela 7 - possíveis traços em cada um dos graus de definitude

A hipótese (e) previa uma escala de definitude para *tudo* [+definido]>[-definido], com os seguintes graus: [definido]>[± definido]>[indefinido]. A análise dos dados nos fez ampliar tal escala para [definido 1]>[definido 2]>[definido 3]>[definido 4]>[definido 5]>[definido 6].

Na próxima seção, apresentamos uma análise quantitativa dos graus de definitude.

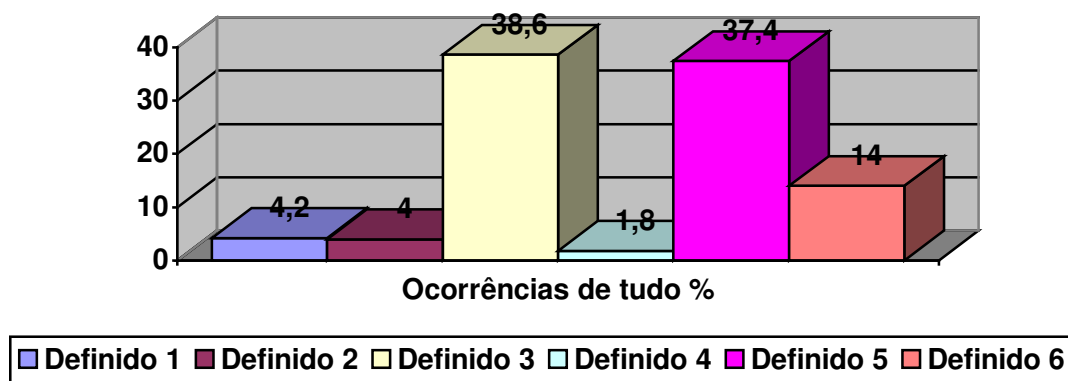
6.2.1 A DEFINITUDE: ALGUNS NÚMEROS

Descritos cada um dos graus de definitude, bem como cada traço que os constitui, tecemos algumas considerações de base quantitativa acerca de cada grau. Apresentamos as idéias mais gerais e passamos às considerações de cada um dos graus e seus traços, que são ilustrados em uma grande tabela de percentuais. Por último estabelecemos algumas correlações entre definitude e funcionamento de *tudo*.

6.2.1.1 OS GRAUS DE DEFINITUDE E OS TRAÇOS CONSTITUINTES

Apresentamos inicialmente os percentuais de ocorrências dos graus de definitude e seus traços constituintes.

Grafico (??): Percentuais das ocorrências de *tudo* identificadas em cada um dos graus de definitude



Conforme pode ser observado no gráfico (??), os graus de definitude que mais se destacam em termos de percentuais de ocorrências são: [definido 3] – com 38,60%, e [definido 5] – com 37,4%. Considere-se que no grau 3 estão inclusas todas as ocorrências com grau

[referencial 1] que não se encaixam nos graus [definido 1] ou [definido 2], como no exemplo (57) – por não conterem os traços de informações de quantidade [expressa exatamente] ou [expressa c/ n° aproximado], nem o traço [+participante]. Além destas ocorrências, temos também neste grau todos os ampliadores e ampliadores/resumitivos que quantifiquem nominais com o traço [referencial 1], como em (58).

(57) Ah! contam, contam bastantes coisas principalmente também a minha vó, né? que conta da trindade, que não existia aquela casa, né? e não existia aquele caminho, agora existe, que *onde que é a beira mar norte ali* era **tudo** mangue, né?

(58) Nós gostávamos de abrir o armário porque ele era muito grande, e era muito alto (...) e um dia (falando rindo) (inint) quebrou **tudo**, [foi]- foi *copo, prato* pra tudo quanto era lado. (01L0775-0776) ali era **tudo** mar. (04L0049)

O alto número de ocorrências no grau [definido 5] já era esperado quando constatamos o alto número de ocorrências no contexto fórico indireto (37,4%)¹⁰⁰. Atente-se para o fato de que o grau [definido 5] é identificado nas ocorrências com *relação de inclusão por desencadeador*, tal relação é identificada em todas as ocorrências do contexto fórico indireto, como no exemplo (59).

(59) Não sei, é meio estranho, mas eu acho que pra *cozinhar* tu tens que estar numa boa, assim, [aquela]- de *cozinhar*, de preparar **tudo** com calma, assim, né? (01L0691)

A hipótese (a), segundo a qual o uso de **tudo** não equivale completamente à classificação tradicional, uma vez que pode vir acompanhado de substantivo e exprimir quantidade determinada, norteia as discussões do fenômeno, tanto no que se refere a multifuncionalidade quanto no que se refere a definitude.

Como já mencionado no capítulo V, apenas 14% das ocorrências do contexto alargado são identificadas como (Q) *super genérico* em detrimento de 86% de ocorrências dos fóricos.

¹⁰⁰ Conforme gráfico (02) capítulo V.

Ressalte-se que a subfunção (Q) super genérico é categorizada por nós com o menor grau de definitude [definido 6]. Ou seja, além de confirmarmos a possibilidade de definitude, confirmamos, pelo tratamento estatístico, o alto percentual de ocorrências que têm maior grau de definitude que o (Q) super genérico, (pronomes indefinidos, segundo as GNs (cf. exemplo (60))).

(60) Ah, toda perda é difícil, né? Toda perda é triste, todo mundo ficou muito triste, né?
Depois que ele morreu ficou *tudo* diferente.(13L0635)

A tabela (09) ilustra as possibilidades de identificação de cada traço em determinados graus de definitude, bem como os percentuais de ocorrências de cada traço constituinte nos graus de definitude.

Etapas de análise: Noções constituíntes	Graus de definitude Tracos Constituintes	DEFINIDO 1 Freq./%	DEFINIDO 2 Freq./%	DEFINIDO 3 Freq./%	DEFINIDO 4 Freq./%	DEFINIDO 5 Freq./%	DEFINIDO 6 Freq./%
STATUS REFERENCIAL	[referencial 1]	48/100	46/100	208/49	0	0	0
	[referencial 2]	0	0	213/51	0	0	0
	[referencial 3]	0	0	0	17/95	0	0
	[referencial 4]	0	0	0	1/5	0	0
	[referencial 5]	0	0	0	0	408/100	154/100
	<i>Totais</i>	<i>48/100</i>	<i>46/100</i>	<i>421/100</i>	<i>18/100</i>	<i>408/100</i>	<i>154/100</i>
RELAÇÃO DE RETOMADA DE ENTIDADE	[identidade]	48/100	44/95	118/28	0	0	0
	[identidade/inclusão]	0	2/5	106/25	18/100	0	0
	[inclusão por	0	0	197/47	0	0	0
	[inclusão	0	0	0	0	408/100	0
	[sem item lexical]	0	0	0	0	0	154/100
	<i>Totais</i>	<i>48/100</i>	<i>46/100</i>	<i>421/100</i>	<i>18/100</i>	<i>408/100</i>	<i>154/100</i>
DELIMITAÇÃO DE QUANTIDADE	[expressa exatamente]	48/100	0	0	0	0	0
	[expressa c/ n.º]	0	26/57	0	0	0	0
	[sem informação]	0	20/43	421/100	18/100	408/100	154/100
	<i>Totais</i>	<i>48/100</i>	<i>46/100</i>	<i>421/100</i>	<i>18/100</i>	<i>408/100</i>	<i>154/100</i>
PAPEL DO FALANTE	[+ participante]	31/65	41/90	0	0	0	0
	[-participante]	17/55	5/10	421/100	18/100	408/100	154/100
	<i>Totais</i>	<i>48/100</i>	<i>46/100</i>	<i>421/100</i>	<i>18/100</i>	<i>408/100</i>	<i>154/100</i>

Tabela 8 - percentuais de ocorrências de cada traço constituinte nos graus de definitude

Salientamos, a seguir, a partir dos resultados apresentados nas tabelas e gráficos, o funcionamento dos diferentes graus de definitude postulados nesta pesquisa.

O grau **[definido 1]** foi identificado em 48 ocorrências, que, por definição, têm os seguintes traços: [referencial 1], [identidade], [expressa exatamente]. Os traços concernentes ao papel do falante são os únicos que podem variar neste grau de definitude e ocorreram com a seguinte frequência: [+participante] – 31 ocorrências (65% das ocorrências deste grau), como em (61) –; e [-participante] – 17 ocorrências (35%), como em (62).

(61) Os irmãos ao todo, *nós* somos dez irmãos: duas mulheres e oito homens. (...) Os rapazes: eu tenho um irmão que é professor e leciona aula lá em Itapema. O restante (*sete irmãos*) é *a gente* aqui, que é **tudo** mecânico. (10L0011-026)

(62) São *sete gato[s]*, a minha mãe adora gato, dorme **tudo** com ela. (25L0953)

Nos graus **[definido 2]**, o traço [referencial 1] também é categórico por definição, ocorrendo nos 46 dados. No que concerne à retomada da entidade (RRE), 44 ocorrências (95%) contêm o traço [identidade], como em (63); e 2 ocorrências (5%) contêm o traço [identidade/inclusão], como em (64). O baixo percentual da relação [identidade inclusão] parece caracterizar este uso como exceção neste grau.

(63) Eram *oito ou nove crianças*, *eu*, *meus irmãos e meus primos*, durante as férias, na casa do meu avô (...) brincava de fazer comida no barco (...) *Nós* comia[mos] **tudo** dentro do barco. Entrava todo mundo pra dentro do barco e comia lá dentro, né? (01L0819)

(64) *A gente* quando voltou do filme, né? *a gente* sempre costumava brincar de que ia procurara o king kong. Então se metia no meio do mato (...) na mata afora, descendo **tudo** sujo. (01L0081-94)

Os traços da noção de delimitação da quantidade se distribuem em: 26 ocorrências (57%) [expr. c/ n.º aproximado], com em (63); e 20 ocorrências (43%) [sem informação], como em (64). O traço [+participante] é bastante recorrente neste grau, com 41 ocorrências (90%), como em (63) e em (64); em detrimento de apenas 5 ocorrências (10%) com o traço [-participante], exemplo (62).

O grau **[definido 2]** apresenta maior variação dos traços de cada noção do que o grau [definido 1], reservando maior destaque para a noção de quantidade que apresenta percentuais equilibrados entre os traços [expr. c/ n.º aproximado] e [sem informação].

No grau **[definido 3]**, apenas os traços das noções de referencialidade e (RRE) variam. Para a noção de referencialidade temos 208 dados (49%) com o traço [referencial 1] e 213 dados (51%) com o traço [referencial 2], respectivamente, como em (65) e (66), acima. A noção de quantidade é categórica para o traço [sem informação], bem como a noção papel do falante é categórica para o traço [-participante], ambas identificadas nos 421 dados deste grau.

(65) Ah! contam, contam bastantes coisas principalmente também a minha vó, né? que conta da trindade, que não existia aquela casa, né? e não existia aquele caminho, agora existe, que *onde que é a beira mar norte ali era **tudo** mangue, né?*

(66) Nós gostávamos de abrir o armário porque ele era muito grande, e era muito alto (...) e um dia (falando rindo) (inint) quebrou **tudo**, [foi]- foi *copo, prato* pra tudo quanto era lado. (01L0775-0776) ali era **tudo** mar. (04L0049)

O menor número de dados é identificado no grau que denominamos **[definido 4]**: 18 dados. Identificamos apenas 17 dados com o traço [referencial 3], como em (67) e 1 dado [referencial 4], como em (68). Nestes 18 dados os traços das outras três noções (RRE, quantidade e papel do falante) foram categóricos: [identidade/inclusão], [sem informação] e [-participante].

(67) Olha, eu0 escuto0 [**Itudo1**] que é tipo de música. (33L0444)

(68) Se ele ia limpar uma *janela*, depois a gente sujava **tudo** de novo. (01L0441)

Os graus **[definido 5]** e **[definido 6]** não apresentam variação em nenhum dos traços, já que possuem uma matriz fixa, ou seja, os dados identificados com este grau têm sempre os mesmos traços – como já foi esclarecido na descrição destes graus.

6.2.1.2 OUTRAS CORRELAÇÕES COM A DEFINITUDE

Nesta seção, algumas correlações são feitas entre os diversos contextos de ocorrências de *tudo* e os graus de definitude, algumas das quais já puderam ser percebidas quando apresentamos cada grau de definitude e seus traços. Nos atemos a seguir, de maneira mais geral, às correlações entre definitude e funcionamento, sem considerar aqui os traços de cada grau.

Conforme vimos no capítulo V, as ocorrências no contexto estreito foram escassas somando-se 18 dados dentre os quais 2 foram identificadas no grau [definido 1], como em (69) e 16 no grau [definido 3], como em (70).

(69) Eu tenho quatro filhos (...) Aí eu ficava em casa e eu tinha *meus filho[s] tudo* em casa. (08L0661)

(70) Eu acho que eu era doente por causa desse negócio de limpeza. As *guria[s] tudo*, até as minhas colega[s] assim sempre, elas, até às vezes, diziam pra mim. (03L0596)

Quanto às ocorrências no contexto alargado, como já mencionado, temos: 153 ocorrências no contexto vago, contexto este que corresponde ao (Q) super genérico, que é categoricamente classificado como [definido 6]; 1 ocorrência de (Q) dêitico é identificada e também é [definido 6]

Correlacionando os contextos fóricos aos graus de definitude temos os seguintes resultados ilustrados pela tabela (10):

Graus de definitude	Definido 1	Definido 2	Definido 3	Definido 4	Definido 5	Definido¹⁰¹ 6	
Subfunções Fóricas	Freq./%	Freq./%	Freq./%	Freq./%	Freq./%	Freq./%	<i>Total</i>
Anaf. E Catafóricos	0	0	29/7	0	9	0	38
Anafórico	44/95	46/100	355/88	14/78	333/82	0	792
Catafórico	2/5	0	21/5	4/22	66/16	0	93
Total	46	46	405	18	408	0	923

Tabela 9 - correlação entre os contextos fóricos e os graus de definitude

¹⁰¹ O grau [definido 6] é identificado nas ocorrências de (Q) super genérico e de (Q) dêitico, portanto, não aparece nesta tabela de correlações com os fóricos.

Observando a tabela (10), constatamos a predominância de ocorrências da subfunção *anafórico* entre todos os graus de definitude. Esta subfunção se distribui por quase todos os graus em questão. Os anafóricos: são categóricos entre as 46 ocorrências do grau 2 e se apresentam com altos percentuais em todos ou outros 4 graus.

Os *anafóricos e catafóricos* se distribuem em apenas dois graus e 29 de suas 38 ocorrências estão entre as do grau [definido 3], como em (71), – o que significa 77% das ocorrências deste fórico. A identificação deste grau de definitude nesta subfunção se explica pelo fato de que dentre os tipos de anafóricos e catafóricos só temos os ampliadores e os ampliadores/resumitivos – que, quando quantificam nominais com traço [referencial 1], são [definido 3].

(71) Então, ficava combinado assim: que o chofer iria nos buscar, ia eu, meu marido, os filhos, **tudo**, a minha mãe. (24L1262)

Os catafóricos têm 66 de suas 93 ocorrências concentradas no grau [definido 5] – como em (72) –, ou seja, 71% dos dados desta subfunção ocorrem em contextos fóricos indiretos, já que este é o contexto no qual ocorrem os [definido 5].

(72) Então **tudo o que eu viajei** foi quando eu, na época, era motorista na repartição. (02L0117)

Para refinar a análise, mostramos uma correlação entre cada grau de definitude e os tipos de fórico. A tabela (11) ilustra os percentuais e números de ocorrências desta correlação.

Tipos de subfunções \ Graus de definitude	Definido 1	Definido 2	Definido 3	Definido 4	Definido 5	Definido 6	Total
	Freq./%	Freq./%	Freq./%	Freq./%	Freq./%	Freq./%	
Ampliador	0	0	154/38	0	66/16	0	220
Enfat. de atributos	10/22	24/52	69/17	5/28	54/13	0	162
Anaf. Prop. dito	24/52	22/48	93/23	9/50	169/41	0	317
Resumitivo	12/26	0	11/3	0	0	0	23
Cataf. prop. dito	0	0	6/2	4/22	65/16	0	75
Ampliador/plan.verbal	0	0	24/6	0	44/11	0	68
Ampliador/resumitivo	0	0	48/11	0	10/3	0	58
<i>Totais</i>	46	46	405	18	408	0	923

Tabela 10 - percentuais de ocorrência de cada tipo de subfunção em cada grau de definitude

O grau **[definido 1]** ocorre em três dos tipos de fóricos: enafatizador de atributos, anafórico propriamente dito e resumitivo. O tipo de subfunção que se destaca em termos percentuais no grau **[definido 1]** é o anafórico propriamente dito, com 24 (52%) das 46 ocorrências de fóricos neste grau, como em (73).

(73) São *sete gato[s]*, a minha mãe adora gato, dorme **tudo** com ela.(25L0953)

As ocorrências de **tudo** com o grau **[definido 2]** se distribuem em apenas dois dos tipos de fóricos: enfatizador de atributos e anafórico propriamente dito, respectivamente com 52% das ocorrências e 48%.

Já o grau **[definido 3]** ocorre em cada um dos tipos de subfunção, reservando destaque para as 154 ocorrências ampliador, que somam 38% das 405 dos dados identificadas com esse grau. Além do que, estes 154 dados representam 70% das 220 ocorrências deste tipo de subfunção, como em (74). O tipo ampliador/resumitivo também merece destaque por concentrar 48 (83%) das suas 58 ocorrências (exemplo (75)) neste grau.

(74)...foi assim na piscina, todo mundo caía na piscina de roupa e **tudo**. (28L1101)

(75) Até passou os lados do quarto dele, viu? as fardas dele, o uniforme dele dentro do colégio, **tudo**. (04L1202)

No grau **[definido 4]**, como já vimos, registram-se poucas ocorrências. Tais ocorrências se distribuem em três tipos de subfunções: enfatizador de atributos (5 ocorrências (28%)); anafórico propriamente dito (9/50%); e catafórico propriamente dito (4/22%). Em termos percentuais, 50% seria significativo, mas considerando-se a escassez de dados apenas registramos o número de ocorrências.

O grau **[definido 5]** ocorre em quase todos os tipos, só não é identificado entre os resumitivos. O tipo com maior número de ocorrências nesse grau é o anafórico propriamente dito, com 169 (41%) das 408 ocorrências deste grau. Considerando-se as 317 ocorrências do tipo anafórico propriamente dito, 169 dados concentrados no grau em questão representam 53%, como em (76).

(76) Não sei, é meio estranho, mas eu acho que pra *cozinhar* tu tens que estar numa boa, assim, [aquela]- de *cozinhar*, de preparar **tudo** com calma, assim, né? (01L0691)

Os resultados quantitativos apresentados nestas últimas seções nos revelam as frequências de ocorrências de cada grau de definitude em determinados contextos. Tais frequências aliadas ao que já constatamos sobre o funcionamento (capítulo V) nos fornecem uma descrição numérica detalhada do fenômeno aqui estudado.

Apresentamos as idéias mais gerais sobre as frequências de uso dos graus de definitude e passamos às considerações de cada um dos graus e seus traços, que nos mostraram: a) as possibilidades de variação (presença vs. ausência) de determinados traços em determinados graus; b) e as frequências de ocorrências de cada traço constituinte nos referidos graus. A última seção tratou de aspectos mais gerais acerca das correlações entre a definitude e funcionamento de **tudo**.

Este capítulo investigou em que medida o quantificador **tudo** pode ser *definido* nos diferentes contextos nos quais ocorre. A investigação da propriedade definitude, nesta dissertação, é empírico-teórica, visto que traçamos uma escala gradativa de *definitude*: [+definido] > [-definido] a partir da descrição de cada uma de suas noções constitutivas: *referencialidade*, *especificidade* e *delimitação de quantidade* (conforme definições encontradas na bibliografia consultada); e *o papel do falante em relação à entidade quantificada* (noção agregada à análise empiricamente pela observação dos dados). A escala de definitude é distribuída em 6 graus: **[definido 1] > [definido 2] > [definido 3] > [definido 4] > [definido 5] > [definido 6]**.

A investigação instaurada nesta dissertação, portanto, apresentou evidências favoráveis para cada uma das hipóteses: a) o uso de **tudo** não corresponde completamente à classificação tradicional; d) **tudo** pode apresentar-se em uma escala de definitude **[+definido]>[-definido]**; e e) os traços constituintes da definitude envolvem as seguintes noções: *referencialidade*, *determinação/delimitação de quantidade*, *tipos de retomada* e *presença do falante na entidade quantificada*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com os objetivos de analisar a multifuncionalidade de **tudo** e de investigar em que medida este item pode conter traços de definitude, orientamos este estudo na busca de evidências favoráveis às nossas hipóteses – as quais foram formuladas a partir da realização de análises preliminares e do quadro teórico funcionalista que dá sustentação à pesquisa.

A hipótese (a), segundo a qual o uso de **tudo** não corresponde completamente à classificação tradicional – pois pode (i) vir acompanhado de substantivo ou não, (ii) ter sentido vago ou não, e ainda (iii) exprimir quantidade indeterminada ou determinada – orientou tanto a análise da multifuncionalidade quanto a investigação da definitude.

Como uma das evidências positivas em relação a essa hipótese, temos a identificação da função de quantificação nos mais variados contextos, o que confere ao item em questão o status de *quantificador multifuncional*. A análise da multifuncionalidade do quantificador **tudo** foi efetuada a partir da relação que mantém com a entidade à qual está ligado no contexto discursivo. Tal análise atestou que o item **tudo** – além de poder ocorrer desacompanhado de substantivo, com sentido vago e quantidade indeterminada, como é o caso da função identificada por nós como (Q) super genérico – pode ainda: (i) vir acompanhado de substantivo – como em todos os contextos em que temos o (Q) imediato ou as outras subfunções em contextos fóricos diretos; (ii) ter sentido não vago, como em todas as ocorrências nas quais temos algum item lexical que ligue **tudo** a entidade quantificada; e ainda (iii) exprimir quantidade determinada, como em qualquer exemplo no qual a entidade tenha quantidade expressa com quantidade exata. Atente-se para o fato de que a quantificação dos dados nos mostrou ainda que apenas 14% das ocorrências são de (Q) super genérico, ou seja, de ocorrências que se assemelham ao que a gramática normativa prevê para **tudo**: pronome indefinido; os outros 86% são de ocorrências variadas que atestam a multifuncionalidade do item em questão. A análise da definitude também trouxe evidências favoráveis à hipótese (a) ao mostrar que o **tudo** pode estar ligado a algum item lexical representante da entidade quantificada, exibindo um alto grau de definitude.

A multifuncionalidade de **tudo** foi mapeada hierarquicamente em termos de função > subfunções, identificadas a partir da relação fórica (direta e indireta) instaurada entre **tudo** e a entidade por ele quantificada. Foram identificadas as seguintes subfunções: (Q) Imediato, (Q)

Super Genérico, (Q) Dêítico, (Q) Anafórico, (Q) Catafórico e (Q) Anafórico e Catafórico – evidências em favor da hipótese (b), que previa tais subfunções e tipos como: resumitivo, ampliador, enfatizador de atributos, além de tipos híbridos (enfatizador de atributos, ampliador/resumitivo e ampliador/planejador verbal), previstos como sobreposição de funções delimitadas num contínuo.

Nossa hipótese (c), segundo a qual haveria maior frequência de uso de contextos nos quais o *tudo* não estivesse representado no mesmo sintagma que a entidade quantificada, também foi atestada na análise: 98% das ocorrências (1.077 dados) aparecem em contexto alargado, contrapondo-se a 2% de ocorrências (18 dados) no contexto estreito (entidade quantificada no mesmo sintagma que o *tudo*).

Na análise da *definitude*, essa propriedade semântico-discursiva – identificada na entidade à qual *tudo* está ligado – foi tratada como escalar. A hipótese (d) previa três graus de definitude: [+definido]>[±definido]>[-definido]. Contudo, a análise dos dados nos levou a ampliar tal escala para seis graus: [definido 1]>[definido 2]>[definido 3]>[definido 4]>[definido 5]>[definido 6]. Consideramos que a hipótese foi fortemente evidenciada, uma vez que, de fato, a definitude se mostrou como um fenômeno escalar.

De acordo com a hipótese (e), os traços constituintes da definitude envolvem as seguintes noções: *referencialidade*, *determinação/delimitação de quantidade*, *tipos de retomada da entidade e presença do falante na entidade quantificada* – as quais apresentam um comportamento escalar e podem ser captadas na forma de traços constituintes. Quanto à referencialidade, adaptamos a classificação tripartida de Givón para uma escala em cinco graus: [referencial 1], [referencial 2], [referencial 3], [referencial 4], [referencial 5]. A noção de delimitação/determinação de quantidade foi captada nos seguintes traços: *quantidade expressa com número exato*; *quantidade expressa com número aproximado*; *sem informação de quantidade*. A relação de retomada da entidade (RRE) – identidade e inclusão – foi adaptada da proposta de Enç, para que pudéssemos identificar em que medida *tudo* retoma a entidade expressa no discurso. Consideramos os traços: *identidade*, *identidade/inclusão*, *inclusão por nomeação*, *inclusão por desencadeador*, *sem relação identificada (quantificador super genérico)*. Por último, o papel do falante com relação à entidade quantificada foi controlado como [+participante], [-participante].

Esse conjunto de traços constitui uma matriz complexa que serviu como ferramenta analítica para identificarmos os graus de definitude do item lexical **tudo**, ou melhor, da entidade à qual esse item se vincula no contexto discursivo. Essa é, a nosso ver, a novidade desta pesquisa: a identificação de graus de definitude em um item classificado pelas gramáticas como *indefinido*.

Lançado o desafio inicial, consultadas as bibliografias disponíveis, descritos e quantificados cada um dos contextos de ocorrência de **tudo**, concluímos esta dissertação – que consideramos uma contribuição para a descrição da língua falada em Florianópolis e, portanto, da língua portuguesa –, mas não consideramos que o estudo deste fenômeno tenha se completado. Restaram algumas lacunas especialmente pela limitação do tempo. Alguém poderia sugerir um recorte do fenômeno: “ou multifuncionalidade, ou definitude”, mas o que instigou esta pesquisa desde o início foram perguntas do tipo: “se se diz ‘as meninas saíram, foram **tudo** embora’ e ‘**tudo** na vida passa’, quão indefinido é isto?”. Escolhemos então estudar **tudo** *isso* e acreditamos que conseguimos atingir os objetivos pretendidos de maneira satisfatória.

Limitações diversas não nos permitiram investigar algumas questões que ainda rondam nossos pensamentos:

- ✓ O uso de **tudo** é estigmatizado em algum contexto?
- ✓ Visto que algumas categorias se sobrepõem, **tudo** pode estar em processo de gramaticalização, como já sugere Monteiro (1999)?
- ✓ A concentração de dados em certos contextos, como os fóricos indiretos, os definidos [3] e [5], não mereceria uma análise mais refinada?

Responder a tais questões não era objetivo desta dissertação. Elas surgiram no decorrer de seu desenvolvimento e despertaram curiosidade. Fica aqui registrada a vontade de ver estas questões respondidas e sugestões para desdobramentos de pesquisa. Esse **tudo** acaba aqui, mas como já é cantado “**tudo** muda o tempo todo...”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Trad. Alfredo Bosi. – 2ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, [1971] 1998.

ALKMIM, Tania Maria. (2002). **Estereótipos lingüísticos: negros em charges do séc. XIX**. In: ALKMIM, Tânia Maria. (Org.). *Para a história do português brasileiro. Novos estudos*. v. III. São Paulo: Humanitas. p. 383-402.

APOTHÉLOZ, Denis. **Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual**. [1995] In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães *et al.*. (orgs.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003.

BACK, Angela. **Formas e Quantificação Universal**. Artigo apresentada a disciplina de sociolingüística. Curso de pós-graduação em lingüística, UFSC, 1997.

_____. **O uso variável do quantificador universal no sintagma nominal na língua falada Florianópolis**: Dissertação de Mestrado. UFSC, 2000.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. rev. e ampl. – Rio de Janeiro: Lucerna, [1961] 2003.

CASTILHO, Célia M. M. *Quantificadores Indefinidos (Observações para uma abordagem sintática)*. In: Castilho, Ataliba Teixeira de (org.) *Gramática do português falado*. Editora da UNICAMP, São Paulo: FAPESP, 1993.

COELHO, Izete Lehmkuhl. **A ordem VDP em construções monoargumentais: uma restrição sintático-semântica**. Tese de doutorado. Florianópolis, UFSC, 2000.

CUNHA, Celso Ferreira da. **Gramática da Língua Portuguesa**, 3 ed.ver. e atual. Rio de Janeiro, Fename, 1978.

CUNHA, C; CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 3a. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mario Eduardo (orgs.) **Lingüística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

DIAS, Augusto Epiphany da Silva. **Syntaxe histórica portuguesa**. 5ª ed. rev. R. de Sá Nogueira. Livraria Clássica Editora. Lisboa: 1970

DU BOIS, Jean *et al.*. **Dicionário de Lingüística**. São Paulo: Cultrix, [1973] 1997.

ENÇ. Mürvet. **“The Semantics of Specificity”**. *Linguistic Inquiry*, vol. 22 n.º 1, (pp. 1-25). 1991.

FARIA, Ernesto. **Dicionário escolar latino-portugues**: revisão de Ruth Junqueira de Faria. 5ª ed. Rio de Janeiro. FENAME, 1975.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2ª ed. rev. e aumentada, Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1993.

FREITAG, Raquel Meister Ko. **O uso de *tá?* e *certo?* na fala da Santa Catarina**. Working Papers em Lingüística, Florianópolis, UFSC, n. 5, 2001.

_____. **Os marcadores discursivos *ta?* e *certo?* na fala de Florianópolis**. Florianópolis, UFSC, 1999. [relatório final de pesquisa].

GASPARINI, Madelaine. ***Assim se fala, assim se escreve***. Dissertação (Mestrado em Lingüística) Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.

GIVÓN, Talmy. **Syntax – a functional-typological introduction**. v. II. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1990.

_____. **English Grammar: a function-based introduction**. Amsterdam/ Filadelfia. John Benjamins Publishing. 1993.

_____. **Functionalism and Grammar**. Amsterdam/ Filadelfia. John Benjamins Publishing. 1995

_____. **Syntax – An Introduction**. Amsterdam/ Filadelfia. John Benjamins Publishing. 2001

_____. **Bio-Linguistic**. The Santa Barbara Lectures. Joh Benjamins Publishing Company, 2002.

HOUAISS, A .; VILLAR, M.de S.; FRANCO, F.M. de M. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JÚNIOR, Theodoro Henrique Maurer. **Gramática do Latim Vulgar**. Livraria Acadêmica. Rio de Janeiro. RJ: 1959.

KNIES, C. B.; COSTA, I. B. **Manual do usuário do Banco de Dados Lingüísticos VARSUL**. UFPR, UFSC, UFRGS e PUCRS, 1996.

KOCH, Ingedore Villaça & MARCHUSHI, Luiz Antônio. **Processos de Referenciação na Produção Discursiva**. *DELTA*, 1998, vol. 14.

LIMA, Rocha. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. Livraria José Olimpyo, Rio de Janeiro, 1979.

LOUREIRO, Fernando Cardoso. **O uso de TUDO como estratégia de pluralização no Português de Contato**. Dissertação de Mestrado em Lingüística. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras, 1998.

MARCUSCHI, Luiz Antônio & KOCH, Ingedore Villaça. **Estratégias de referenciação e progressão referencial na língua falada**. In: ABAURRE, Maria Bernadete & RODRIGUES, Angela C. S. (orgs.). **Gramática do Português Falado**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002.

MATTHEWS, Peter H. **The concise Oxford dictionary of linguistics**. Oxford/New York: Oxford University Press, 1997.

MONDADA, Lorenza & DUBOIS, Danièle. **Construção dos objetos de discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referência**. [1995]. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães *et al.*. (orgs.). **Referência**. São Paulo: Contexto, 2003.

MONTEIRO, Rosemeire Selma. **Gramaticalização e Discursivização do item lexical “Tudo”**. Comunicação apresentada na ABRALIN, Florianópolis, 1999

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos de português**. São Paulo, SP: UNESP, 2000.

_____. **A Gramática Funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

NUNES, José Joaquim. **Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa (Fonética e Morfologia)**. 9.^a ed. Clássica Editora. Lisboa: 1989

OLIVEIRA, D. M. **“Tudo” em Língua Portuguesa: Referencialidade**. Trabalho apresentado no 6^o CELSUL. Florianópolis, UFSC, 2004.

OLIVEIRA, D. M. **A definitude de tudo na linguagem oral**. Comunicação apresentada IV SENALE. Pelotas, UCPel, 2005.

PEREIRA, Deize Crespim e RODRIGUES, Angelina C. de Souza. **Algumas observações sobre a concordância verbal na fala e idosos do projeto filologia bandeirante**. Estudos Lingüísticos, p. 388-393, São Paulo, 2004. Disponível em: <http://www.gel.org.br/4publica-estudos-2004/4publica-estudos2004-pdfs-comunicos/algumas_observacoes_concordancia.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2005.

PINTO, Ivone Isidoro. **A variação entre TUDO e TODA (A) (S) no português informal carioca**. Dissertação de Mestrado em Lingüística. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, UFRJ, 1996. 62p.

PINTZUK, S. **VARBRUL programs**. Philadelphia: Univ. of Pennsylvania, 1988. mimeo.
SCHERRE, M. M. P. **Introdução ao pacote VARBRUL para microcomputadores**. UFRJ/UNB. 1992.

SACCONI, Luiz Antônio. **Não erre mais! Mais de 10.000 casos, corrigidos, comentados e explicados**. 12 ed. São Paulo: Atual, 1990.

SARAIVA, F. R. dos Santos. **Novíssimo Dicionário Latino Portuguez**. 9^a ed. Livraria Garnier: Rio de Janeiro. 2000.

SILVA, Ivanilde. **De quem nós/a gente está(mos) falando afinal?: uma investigação sincrônica da variação entre nós e a gente como estratégias de designação referencial**. ,Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.

VAZZATA-DIAS, Juça Fialho. **Sentenças com quantificação universal no português do Brasil. Um estudo em semântica.** Tese de doutorado. Florianópolis, UFSC, 2001.